

**MARCOS EPIFANIO BARBOSA LIMA**

**CONTRIBUIÇÕES DA PRODUÇÃO INTELECTUAL DO PADRE PETER-  
HANS KOLVENBACH, SJ PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA NAS  
INSTITUIÇÕES JESUÍTICAS NO BRASIL (1983-2008)**

**SÃO LEOPOLDO, RS**

**2024**

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
NÍVEL DOUTORADO**

**MARCOS EPIFANIO BARBOSA LIMA**

**CONTRIBUIÇÕES DA PRODUÇÃO INTELECTUAL DO PADRE PETER-  
HANS KOLVENBACH, SJ PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA NAS  
INSTITUIÇÕES JESUÍTICAS NO BRASIL (1983-2008)**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Profa. Dra. Luciane Sgarbi Santos Grazziotin.

**SÃO LEOPOLDO, RS**

**2024**

L732c Lima, Marcos Epifanio Barbosa.

Contribuições da produção intelectual de Padre Peter-Hans Kolvenbach, SJ para a Educação Básica nas instituições jesuíticas no Brasil (1983-2008) / Marcos Epifanio Barbosa Lima. – 2024.

183 f.: il.; 30 cm.

Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2024.

“Orientadora: Profª. Dra. Luciane Sgarbi Santos Grazziotin.”

1. Educação Básica. 2. Peter-Hans Kolvenbach. 3. Rede Jesuíta de Educação.

CDU 37 + 271.5

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Bibliotecária: Dayane Bruna da Silva Ferreira CRB CE/PI 3/1285)

**Marcos Epifanio Barbosa Lima**

**CONTRIBUIÇÕES DA PRODUÇÃO INTELECTUAL DE PADRE PETER-  
HANS KOLVENBACH, SJ PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA NAS  
INSTITUIÇÕES JESUÍTICAS NO BRASIL (1983-2008)**

Tese apresentada como requisito parcial  
para obtenção do título de Doutor em  
Educação pelo Programa de Pós-  
Graduação em Educação da Universidade  
do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

DATA DE APROVAÇÃO: 27 /03 /2024

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profª. Dra. Luciane Sgarbi Santos Grazziotin  
Orientadora – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

---

Profª. Dra. Ariane Reis  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

---

Profª. Dra. Patrícia Weiduschadt  
Universidade Federal de Pelotas – UFPel

---

Profª. Dra. Betina Schuler  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

---

Profª. Dra. Maira Ines Vendrame  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que ama, acompanha e salva a mim e a todos. Foi pelo chamado à Vida Religiosa Consagrada como Jesuíta Irmão na Companhia de Jesus que o presente estudo pôde ser realizado.

À minha família, que sempre quer o meu melhor e estabelece comigo laços de amor, de cuidado e de união. Nascer e crescer com cada um de meus parentes fez-me entender como a ética, a piedade, o trabalho e a doação são valores profundos para a vida.

À Companhia de Jesus, uma querida cuidadora de mim em meus tempos bons e ruins, que me acolhe com paciência e aposta nos meus dons para dar testemunho de vida na evangelização da Igreja.

Àqueles que conviveram comigo na Rede Jesuíta de Educação nos anos em que eu estava a ela vinculado como educador, coordenador e Diretor Geral, em especial aos membros do Escritório Central (RJ), das Equipes Diretivas em todas as Unidades, do Colégio Antônio Vieira (BA), do Colégio São Francisco Xavier (SP) e do Colégio Diocesano (PI).

À Profa. Luciane Grazziotin, aos integrantes do PPGEduc UNISINOS e da Linha de Pesquisa 01 – História, Política e Educação –, assim como ao Grupo de Pesquisa EBRAMIC – Educação no Brasil: memórias, instituições e cultura escolar, que me acolheram nestes anos de estudos doutorais e que me possibilitaram um maior embasamento em termos de pensamento científico, metodológico e crítico.

Ao Padre Provincial e os jesuítas que me acompanharam, direta ou indiretamente, nesta destinação a estudos especiais, bem como aos jesuítas de meu Núcleo Apostólico e de minha Comunidade Religiosa na Residência Cristo Rei (São Leopoldo/RS), além de a todos os que tornaram possíveis o início, o desenvolvimento e a conclusão deste estudo.

## RESUMO

A presente tese está inserida no campo da História da Educação em suas vinculações com a política e as características de uma identidade institucional. Composta por apropriações da Micro-História (Ginzburg, 1989, 1991, 2006, 2007; Levi, 2016) e microanálise (Levi, 1992; Revel, 1998), seu objeto é o pensamento educacional de Peter-Hans Kolvenbach, SJ (1928-2016), Prepósito Geral da Companhia de Jesus entre os anos de 1983 e 2008, sendo esse o recorte temporal tomado como referência para esta tese. O enfoque do estudo mobiliza o conceito de *identidade* (Hall, 2020, 2022), a fim de investigar se e como o pensamento kolvenbachiano acerca da Educação Básica teve implicações no modo educacional de proceder da Companhia de Jesus no Brasil, durante e após o generalato de Peter-Hans. O objetivo geral é identificar e analisar a contribuição intelectual do Padre Peter-Hans Kolvenbach, SJ no que se refere à reconfiguração da Educação Básica nas instituições jesuíticas no Brasil. Os objetivos específicos são: (1) identificar e problematizar os espaços de custódia que abrigam os documentos de Peter-Hans; (2) examinar documentos que explicitem determinadas dimensões do pensamento de Kolvenbach sobre a Educação Básica nos anos de seu generalato, entre 1983 e 2008; (3) investigar a produção intelectual de Peter-Hans Kolvenbach com relação à Educação Básica em termos de sua colaboração para a constituição de um processo identitário nas instituições educacionais jesuíticas. Para cumprir tais objetivos, a pesquisa é problematizada a partir dos seguintes interrogantes: (a) que elementos estão presentes no pensamento kolvenbachiano que possibilitam a reflexão sobre os processos identitários da educação da Companhia de Jesus nos séculos XX e XXI?; (b) que implicações e contribuições o pensamento kolvenbachiano ofereceu para a Rede Jesuíta no que concerne à Educação Básica no Brasil? No decorrer dos capítulos, desenvolve-se a formulação do objeto de pesquisa e a justificativa dos tempos, das pessoas e dos lugares escolhidos. A metodologia utilizada é a análise documental histórica, cuja fonte principal é, neste trabalho, Le Goff (1990). Defende-se a tese que o conjunto do pensamento de Peter-Hans Kolvenbach para a Educação Básica é um constituinte de contribuições singulares na constituição de um processo identitário relativo à Rede de Educação Jesuíta no Brasil. São apresentados como resultados da pesquisa os seguintes: (i) devido ao pensamento e à atuação de Kolvenbach em seu tempo de generalato (1983-2008), desfez-se o entendimento quanto à necessidade de supressão de colégios como resposta à crise da Companhia em sua

sustentabilidade de recursos humanos e financeiros, uma vez que Peter-Hans optou por um caminho alternativo, que via, na atuação e no protagonismo de colaboradores não jesuítas, a possibilidade de equilíbrio e de continuidade renovada para a oferta educacional da Ordem; (ii) é com a contribuição do pensamento kolvenbachiano que se inaugura o intuito de reposicionamento da governança dos colégios, migrando dos jesuítas aos não jesuítas o lugar da docência e da gestão educacional e cabendo àqueles o redespertar do carisma inaciano na educação jesuíta como garantias de uma identidade institucional particular; (iii) é também de Kolvenbach a instauração de um processo que assume como valor identitário a responsabilidade de ofertar a excelência humana no campo da Educação Básica por ser essa uma missão que a Companhia deve entender como sendo um apostolado estratégico para estar presente junto às juventudes nos anos de sua adolescência, momento privilegiado para a confirmação de valores básicos ao ser humano, bem como para estabelecer a tessitura de pontes entre o mundo intelectual e cultural, a formação humanística e o papel crítico-social a ser vivido pelos estudantes no presente e no futuro. Em síntese, pode-se dizer que pesquisar parte da vida de um indivíduo, com foco em seu pensamento e em suas contribuições quanto a temas particulares como a Educação Básica, constituiu-se como uma produção de memória que pode visibilizar um pensamento educacional original e oportunizar novos estudos que toquem outros aspectos de relevância para a discussão das identidades na oferta de serviços educacionais, sua ética, seus valores e seus propósitos para a construção de uma sociedade criticamente atenta à finalidade da educação e de sua existência como processo humanístico.

**Palavras-chave:** Educação Básica. Peter-Hans Kolvenbach. Rede Jesuíta de Educação.

## ABSTRACT

This thesis is inserted in the field of History of Education in its links with politics and the characteristics of an institutional identity. Composed of appropriations of Micro-History (Ginzburg, 1989, 1991, 2006, 2007; Levi, 2016) and microanalysis (Levi, 1992; Revel, 1998), its object is the educational thought of Peter-Hans Kolvenbach, SJ (1928- 2016), General Father of the Society of Jesus between the years 1983 and 2008, this being the time frame taken as a reference for this thesis. The focus of the study mobilizes the concept of identity (Hall, 2020, 2022), to investigate whether and how Kolvenbachian thinking about Basic Education had implications for the educational way of proceeding of the Society of Jesus in Brazil, during and after the generalship by Peter-Hans. The general objective is to identify and analyze the intellectual contribution of Father Peter-Hans Kolvenbach, SJ regarding the reconfiguration of Basic Education in Jesuit institutions in Brazil. The specific objectives are: (1) identify and problematize the custody spaces that house Peter-Hans' documents; (2) examine documents that explain certain dimensions of Kolvenbach's thinking about Basic Education in the years of his generalship, between 1983 and 2008; (3) investigate the intellectual production of Peter-Hans Kolvenbach in relation to Basic Education in terms of his collaboration in the constitution of an identity process in Jesuit educational institutions. To achieve these objectives, the research is problematized based on the following questions: (a) what elements are present in Kolvenbachian thought that enable reflection on the identity processes of education in the Society of Jesus in the 20th and 21st centuries?; (b) what implications and contributions did Kolvenbachian thought offer to the Jesuit Network with regard to Basic Education in Brazil? Throughout the chapters, the formulation of the research object and the justification of the times, people and places chosen are developed. The methodology used is historical documentary analysis, whose main source is, in this work, Le Goff (1990). The thesis is defended that the set of thoughts of Peter-Hans Kolvenbach for Basic Education is a constituent of singular contributions in the constitution of an identity process related to the Jesuit Education Network in Brazil. The following research results are presented: (i) due to Kolvenbach's thoughts and actions during his time as generalate (1983-2008), the understanding regarding the need to suppress schools as a response to the Company's crisis in its sustainability of human and financial resources, since Peter-Hans opted for an alternative path, which saw, in the action and protagonism of non-

Jesuit collaborators, the possibility of balance and renewed continuity for the Order's educational offer; (ii) it is with the contribution of Kolvenbachian thought that the aim of repositioning the governance of schools is inaugurated, migrating from the Jesuits to the non-Jesuits the place of teaching and educational management and it is up to them to reawaken the Ignatian charisma in Jesuit education as guarantees of a particular institutional identity; (iii) Kolvenbach is also responsible for establishing a process that assumes as an identity value the responsibility of offering human excellence in the field of Basic Education, as this is a mission that the Company must understand as being a strategic apostolate to be present among young people in the years of their adolescence, a privileged moment for confirming basic values for human beings, as well as for establishing the weaving of bridges between the intellectual and cultural world, humanistic training and the critical-social role to be lived by students in the present and in the future. In summary, it can be said that researching part of an individual's life, focusing on their thoughts and contributions regarding themes such as Basic Education, constituted a production of memory that can make visible an original and educational thought. provide opportunities for new studies that touch on other aspects of relevance to the discussion of identities in the provision of educational services, their ethics, their values and their purposes for the construction of a society critically attentive to the purpose of education and its existence as a humanistic process.

**Keywords:** Basic Education. Peter-Hans Kolvenbach. Jesuit Education Network.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Mapa-múndi das viagens de Peter-Hans Kolvenbach.....	45
<b>Figura 2</b> – Divisão Política da Província dos Jesuítas do Brasil (2023).....	577
<b>Figura 3</b> – Seleção de escritos PHK nº 01.....	754
<b>Figura 4</b> – Seleção de escritos PHK nº 02.....	766
<b>Figura 5</b> – Seleção de escritos PHK nº 03.....	777
<b>Figura 6</b> – Tetralema kolvenbachiano para a Educação.....	121
<b>Figura 7</b> – Perspectiva integrada da educação jesuíta e inaciana.....	1255
<b>Figura 8</b> – A constituição da rede.....	1288

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

<b>Fotografia 1</b> – Coleção <i>Acta Romana Societatis Iesu</i> . .....	71
<b>Fotografia 2</b> – Livros de Peter-Hans na Cúria Generalícia de Roma.....	722
<b>Fotografia 3</b> – Publicações de Kolvenbach. ....	733
<b>Fotografia 4</b> – Peter-Hans Kolvenbach investigando.....	1655
<b>Fotografia 5</b> – Peter-Hans Kolvenbach e o ícone da Virgem com o Menino. ....	1677
<b>Fotografia 6</b> – Peter-Hans Kolvenbach em banca de jornal.....	1699
<b>Fotografia 7</b> – Peter-Hans Kolvenbach e Pedro Arrupe.....	17171
<b>Fotografia 8</b> – Pedro Arrupe e Peter-Hans Kolvenbach.....	17272
<b>Fotografia 9</b> – Lápide de Peter-Hans Kolvenbach. ....	18080
<b>Fotografia 10</b> – Memorial Peter-Hans Kolvenbach. ....	18282
<b>Fotografia 11</b> – Placa Espaço Pe. Kolvenbach, SJ.....	183

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Síntese da organização para a governança da Educação Básica da Companhia de Jesus no Brasil e dispositivos legais do MEC (1983-2023). .....	599
<b>Quadro 2</b> – Peter-Hans no ARSI. ....	1544

## LISTA DE TABELAS

**Tabela 1** – Dados de contexto da Companhia de Jesus e dos Colégios Jesuítas no Brasil (1983-2023). ..... 50

**Tabela 2** – Configuração da divisão política/estrutura de Governo dos Jesuítas no Brasil (1983-2023). ..... 555

## LISTA DE SIGLAS

ACODESI	Asociación de los Colegios de la Compañía de Jesús en Colombia.
ARSI	Acta romana Societatis Iesu
ASIA	Antiqui Societatis Iesu Alumni
BRA	Província dos Jesuítas do Brasil
CPAL	Conferência dos provinciais da América Latina
DPP	<i>Deliberatio Primorum Patrus</i>
GAVI	Grupo de Aprofundamento Vocacional Inaciano
EBRAMIC	Grupo de Pesquisa Educação no Brasil: memórias, instituições e cultura Escolar
ICAJE	Comissão Internacional para o Apostolado Educacional Jesuíta
IHU	Instituto Humanitas UNISINOS
MEC	Ministério da Educação
PEC	Projeto Educativo Comum
PEG	Pacto Educativo Global
PHK	Peter-Hans Kolvenbach
PPGE	Programa de Pós-graduação em Educação
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos

## LISTA DE TERMOS PRÓPRIOS DO VOCABULÁRIO JESUÍTICO, INACIANO E ECLESIAL<sup>1</sup>

- |  |   |
|--|---|
| 1. Apostolado educativo                        | 23. Delegado Papal                            |
| 2. Apostolado Intelectual                      | 24. Distrito                                  |
| 3. Assistente Regional                         | 25. Educação humanista                        |
| 4. Autoridades eclesiásticas                   | 26. Educação jesuítica                        |
| 5. Campo educacional inaciano e jesuítico      | 27. Educate Magis                             |
| 6. Carisma                                     | 28. Estudos especiais                         |
| 7. Cartas de destinações                       | 29. Ex-officio                                |
| 8. Catálogos das Províncias Jesuítas           | 30. Generalato vitalício                      |
| 9. Código do Direito Canônico                  | 31. Geral Emérito                             |
| 10. Comunidade religiosa                       | 32. Homilia                                   |
| 11. Comunidades jesuítas                       | 33. Instituições escolares confessionais      |
| 12. Concílio Vaticano II                       | 34. Instituto Histórico da Companhia de Jesus |
| 13. Congregação das Igrejas Orientais          | 35. Institutos Religiosos                     |
| 14. Congregações de Procuradores               | 36. Jesuíta Irmão                             |
| 15. Congregação eletiva                        | 37. Juniorado                                 |
| 16. Congregação Geral                          | 38. Magis inaciano                            |
| 17. Congregação para a Evangelização dos Povos | 39. Normas Complementares                     |
| 18. Congregação para a Vida Consagrada         | 40. Noviciado                                 |
| 19. Conselheiros Gerais                        | 41. Núcleo Apostólico                         |
| 20. Constituições da Companhia de Jesus        | 42. Obras Apostólicas                         |
| 21. Corpo Universal da Companhia               | 43. Paradigma pedagógico                      |
| 22. Cúria Geral dos Jesuítas                   | 44. Pedagogia inaciana                        |
|  | 45. Plataforma Apostólica                     |
|  | 46. Pré-Noviciado                             |

---

<sup>1</sup> Parte desses termos se encontram em um glossário (Companhia de Jesus, 2021, p. 68-77), ver: <https://redejesuitadeeducacao.com.br/wp-content/uploads/2021/08/PEC-Atualizado.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2023.

47. Prepósito da Província
48. Prepósito Geral
49. Província dos Jesuítas do Brasil
50. Ratio Studiorum jesuítico
51. Rede Jesuíta de Educação
52. Redes, Obras e serviços
53. Rito Armênio
54. Santa Sé
55. Secretário para Língua Portuguesa
56. SJ Educatio
57. SJ
58. Terceira Provação
59. Vade Mecum
60. Vice Província
61. Vice Provincial
62. Vida Religiosa Consagrada
63. Vigário Geral
64. Vocação
65. Voto Especial de Obediência
66. Votos religiosos

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	18
<b>2</b>	<b>DO PARTICULAR AO GERAL: KOLVENBACH, OS PREPÓSITOS GERAIS E A EDUCAÇÃO BÁSICA NA COMPANHIA DE JESUS</b> .....	30
2.1	De Kolvenbach à Rede Jesuíta: a Educação Básica na Província dos Jesuítas do Brasil.....	48
<b>3</b>	<b>PELOS CAMINHOS DA MICRO-HISTÓRIA: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS</b> .....	65
3.1	A materialidade do pensamento de Kolvenbach: a guarda documental.....	70
<b>4</b>	<b>O PENSAMENTO DE PETER-HANS KOLVENBACH SOBRE A EDUCAÇÃO BÁSICA: DISCUTINDO A EMPIRIA</b> .....	82
4.1	Documentos sobre a Educação Básica de Peter-Hans Kolvenbach .....	91
4.2	A concepção de <i>identidade institucional</i> : contribuição do pensamento kolvenbachiano para a RJE.....	96
4.3	O tetralema kolvenbachiano .....	121
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	131
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	139
	<b>ANEXO 1</b> .....	144
	<b>Lista dos Superiores Gerais da Companhia de Jesus</b> .....	144
	<b>ANEXO 2</b> .....	146
	<i>Homília do Papa João Paulo II para a abertura da Congregação Geral XXXIII</i> .....	146
	<b>ANEXO 3</b> .....	153
	<b>Telegrama de João Paulo II a Peter-Hans Kolvenbach</b> .....	153
	<b>APÊNDICE A</b> .....	154
	<i>Sobre ACTA ROMANA SOCIETATIS IESU no Archivum Romanum Societatis Iesu – ARSI</i> .....	154
	<b>APÊNDICE B</b> .....	158
	<b>Memorial Pe. Peter-Hans Kolvenbach</b> .....	158
	<b>APÊNDICE C</b> .....	162
	<b>O 29º Prepósito Geral da Companhia de Jesus: uma análise documental em fotos</b> .	162
	<b>APÊNDICE D</b> .....	174
	<b>O quase fim de um percurso</b> .....	174

# 1 INTRODUÇÃO

*A eleição de um objeto de trabalho não é uma escolha a ser realizada ao acaso. Ela depende, pelo menos, da identificação do historiador com o tema a ser estudado, de seus objetivos imediatos e das oportunidades que a documentação oferece.* (Samara; Tupy, 2007, p. 81).

Considero oportuno começar esta tese com a citação em epígrafe, a qual evidencia os princípios de eleição de um objeto de trabalho a partir da identificação do pesquisador com o tema investigado, bem como a partir do desejo de alcançar os objetivos do estudo e das oportunidades proporcionadas pelo caminho investigativo escolhido.

Quanto ao *eu* pesquisador que conduz este estudo, identifique-me com a área da educação desde o fim da década de 1990, quando, entre 1998 e 1999 – então com 17 anos –, fiz o Curso de Habilitação para o Magistério no Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, gerido pelas Religiosas do Santíssimo Sacramento – Sacramentinas – em Maceió/AL. Foi justamente nesse período – em que aprendia sobre Filosofia, Sociologia e História da Educação, assim como sobre métodos e técnicas de ensino nas séries iniciais – que ocorreu meu despertar vocacional religioso. Após participar mensalmente, em Recife/PE, de encontros do Grupo de Aprofundamento Vocacional Inaciano (GAVI), no ano 2000 – tendo já concluído o curso de Magistério –, migrei de Maceió/AL a Fortaleza/CE, onde comecei a etapa preparatória ao ingresso na Companhia de Jesus.

Desde então, na itinerância como Jesuíta Irmão, as cartas de destinações recebidas do Provincial para assumir missões na Companhia de Jesus me fizeram percorrer e viver em boa parte do Brasil, tendo passado, até o momento, por quatro das cinco regiões da Federação:

- a) Nas etapas de formação do Pré-Noviciado em Fortaleza/CE (2000-2001), do Noviciado em Feira de Santana/BA (2002-2003), do Juniorado em João Pessoa/PB (2004-2005), da Terceira Provação em Salamanca/Espanha (2013-2014).

- b) Nos estudos especiais com a graduação em Pedagogia em Salvador/BA (2006-2009), o Mestrado Profissional em Gestão Educacional (2017-2018) e o Doutorado Educação (2020-2023) ambos pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.
- c) Nas missões específicas com o trabalho com Juventudes e Espiritualidade Inaciana em Goiânia-GO (2015-2016); na formação, na docência, na coordenação e em assessorias pedagógicas nos Colégios administrados pelos jesuítas na Bahia (2007-2013), na gestão escolar pela Rede Jesuíta de Educação (RJE) em São Paulo/SP (2016-2020) e em Teresina-PI (2020-2023); na atuação com a espiritualidade inaciana pela Rede SERvir em várias partes da Província Jesuítas Brasil (BRA).

Como membro da Companhia de Jesus, tive também oportunidades de viver processos de internacionalização formativa que me levaram a ter o Inglês como segunda língua em curso ministrado pela Georgetown University na Guiana (2009); a viver uma reciclagem teológica em Manresa/Espanha (2012-2013); a cursar o Master Identidad Ignaciana na PUC-Comillas em Madrid/Espanha (2014-2015); a experienciar uma imersão sobre Educação Nacional Finlandesa na Universidade de Helsinque, na Finlândia (2018).

Ao longo desse percurso, desde o primeiro ano de encontros vocacionais nos GAVIs (1998) até o meu penúltimo ano de graduação em Pedagogia (2008), o Prepósito Geral da Companhia de Jesus era o Pe. Peter-Hans Kolvenbach (PHK). Mesmo não o tendo conhecido pessoalmente, as cartas e as notícias de sua autoria e a seu respeito que chegavam às comunidades em que eu morava tiveram impacto sobre mim quanto ao entendimento de como ser um consagrado inaciano.

Impressionou-me, em seus textos, a densidade do que ele escrevia sobre temas tão variados, como instruções para formação dos jesuítas, pessoas refugiadas, mundo islâmico, meios de comunicação social, Igreja, Ecumenismo, Educação, antigos alunos de Colégios da Companhia de Jesus etc.

Mesmo sem saber, ao certo, que caminhos Peter-Hans e eu iríamos percorrer juntos, foi com a perspectiva e a mobilização para pesquisa dos textos de Kolvenbach que entrei na seleção para o Doutorado em Educação na UNISINOS (2019). Contudo, mesmo não aferrado aos “Ferrolhos que nos habituaram às corridas de cancha reta, onde tanto o ponto

de partida, quanto o percurso, e mesmo o ponto de chegada são, tediosamente, visíveis” (Corazza, s/d, p. 4), naquela ocasião, eu já intuía que o pensamento expresso nos escritos de Kolvenbach poderia servir como base para estudos acadêmicos. Assim, fui entendendo que

o pesquisador que se defina “de educação”, qualquer que seja sua origem acadêmica, se interessa fundamentalmente pela questão da educação; é isso que o leva a dar importância, de um lado, a própria educação, naquilo que ela tem de específico, e, de outro lado, aos efeitos da pesquisa sobre a educação. Como consequência, ele não poderá mais se desinteressar, se desligar das questões relativas aos fins (em que se incluem as questões políticas) e das questões relacionadas à prática. Os conhecimentos que ele produz são levados em consideração, interpelados, negados, ignorados pelos políticos e pelos práticos, e o pesquisador em educação não pode negligenciar a importância disso (Charlot, 2006, p. 09).

Assim, ingressei no Doutorado em Educação em 2020, na UNISINOS, alocado na mesma linha de pesquisa de meu Mestrado – “Educação, História e Política” –, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE). E foi por meio das práticas de pesquisa no Grupo de Pesquisa “Educação no Brasil: memórias, instituições e cultura escolar” (EBRAMIC<sup>2</sup>), bem como das orientações pessoais junto à orientadora, Profa. Dra. Luciane Grazziotin, que consegui delimitar o escopo temático deste estudo.

Nesse sentido, defendo a tese de que o conjunto do pensamento de Peter-Hans Kolvenbach para a Educação Básica é um fator de contribuições singulares à constituição de um processo identitário relativo à Rede de Educação Jesuíta no Brasil.

O foco nos escritos educacionais de Kolvenbach para a Educação Básica, mais especificamente em suas contribuições à Rede Jesuíta de Educação no Brasil, conduziu-me à seguinte formulação do tema: *As contribuições da produção intelectual de Peter-Hans Kolvenbach para a Educação Básica da Companhia de Jesus no Brasil (1983-2008)*.

Apresentar e pensar sobre a história de um indivíduo em particular pode fazer surgir a questão “por que ele e não outro?”. Também a mim essa pergunta ocorreu, uma vez que, embasado em Prost (2020, p. 137), “o historiador aprecia que, tendo focalizado sua atividade no estudo dos homens que vivem em sociedade, o campo de investigação é praticamente ilimitado”.

---

<sup>2</sup> Sobre o EBRAMIC, ver: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1084535144258301>. Acesso em: 27 set. 2020.

Para tornar claro esse aspecto ao leitor – e a mim mesmo –, ajudou-me o entendimento de que a história, à medida que universaliza narrativas, também as particulariza quando toma como objeto as vidas de homens concretos, narrando-as com modos específicos de (Prost, 2020). Ou seja, esta investigação não deveria estar nem tão distante do objeto a ponto de parecer um processo frio e indiferente, nem tão próximo dele a ponto de aparentar uma escrita enviesada e ufanista, o que demanda atenção para tornar o tema, de fato, um estudo científico e não um material laudatório, mesmo porque

Quem desenvolve pesquisas na área de educação é sempre um pouco suspeito e, com frequência, obrigado a justificar-se com relação a questões como: “o que é exatamente esta pesquisa? É de psicologia, de sociologia, é o quê?” Mas, também por definição, [a educação] é uma disciplina capaz de afrontar a complexidade e as contradições características da contemporaneidade. Quem deseja estudar um fenômeno complexo não pode ter um discurso simples, unidimensional (Charlot, 2006, p. 9).

Sabendo, portanto, da complexidade que acompanha a escolha do objeto de pesquisa e da necessidade de tal escolha ser séria e acurada (Samara; Tupy, 2007, p. 81), foi útil, nessa compreensão, tratar uma parte da vida-como-objeto-da-história enquanto um dos validadores utilizados na composição desta tese, na qual busquei constituir parte da memória de Peter-Hans Kolvenbach, em seu pensamento e em suas proposições como Prepósito Geral dos Jesuítas através de contribuições para a Educação Básica.

Igualmente colabora, para a compreensão desta pesquisa, a reflexão de que a construção e a elaboração do pensamento crítico e analítico de uma pessoa falam não apenas sobre um indivíduo, mas também sobre as diversas possibilidades que se mostram em textos e que perpassam contextos intercruzados com tantos outros seres igualmente importantes e interessantes à pesquisa historiográfica acerca da história de uma época vista através da vida de um indivíduo (Avelar; Schmidt, 2018, p. 78).

Outra forma de validação desta investigação sobre a vida de um indivíduo – neste caso, parte dela – em relação aos demais indivíduos não selecionados pela pesquisa é o sentido de comparação entre iguais na “lógica do mais-que-um” de Hall (2022, p. 106): vinte e oito Preposições Gerais precederam Peter-Hans nessa função e, à altura dessa investigação – ano de 2024 –, tal cargo já foi assumido por dois outros Preposições<sup>3</sup> após o fim do

---

<sup>3</sup> Vide Lista de Preposições Gerais (*cf.* Anexo 1).

generalato de Kolvenbach em 2008. Sendo o 29º Prepósito Geral da Companhia, Peter-Hans atende aos conceitos de *identificação* e de *diferenciação*, formulados por Hall (2022, p. 106):

A identificação é, pois, um processo de articulação, uma suturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção. [...] Como todas as práticas de significação, ela está sujeita ao jogo da *différance*. Ela obedece à lógica do mais-que-um. E uma vez que, como num processo, a identificação opera por meio da *différance*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e marcação de fronteiras simbólicas, a produção de ‘efeitos de fronteiras’. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui.

Assim, compreendo que, ao tomar como objeto de pesquisa o pensamento kolvenbachiano em suas contribuições à Educação Básica, estou articulando, suturando e estabelecendo fronteiras deste com os demais pensamentos educacionais de outros Prepósitos Jesuítas que também construíram discursos sobre a educação, a fim de atender aos desafios de suas épocas<sup>4</sup>.

Entendo que o Padre Geral Kolvenbach se particulariza e se diferencia dos seus antecessores imediatos, bem como de seus sucessores, por alguns fatores importantes: o seu tempo de permanência no cargo (25 anos) e os contextos desse período (1983-2008) em relação a períodos de menor duração de governo dos demais Gerais dos Séculos XX e XXI, que variam entre 8 e 15 anos como Prepósitos; as incumbências a ele determinadas pela Congregação Geral XXXIII; a amenização das arestas, dos embates e das tensões presentes na relação entre o Vaticano e a Companhia de Jesus nos anos anteriores; a necessidade de atualização – *aggiornamento* – da Ordem para uma adequada resposta ao Código do Direito Canônico que rege a vida institucional da Igreja, em especial seus Cânones direcionados à Vida Religiosa Consagrada; a construção de uma abordagem revisada daquilo que se configuraria como paradigma pedagógico inaciano ao recontextualizar e ao atualizar o *Ratio Studiorum* jesuítico. O que elaborei, portanto, nesta investigação, foi provocado pelo perfil de Kolvenbach, cujo pensamento educacional se caracteriza e se expressa como

---

<sup>4</sup> Sobre as contribuições dos últimos Prepósitos Gerais da Companhia de Jesus quanto ao serviço educacional da Ordem, ver Mapa Contemporâneo – Educate Magis. Disponível em: <https://www.educatemagis.org/es/interactive-timeline/>. Acesso em: 13 out. 2023.

Ponto de encontro, de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos ‘interpelar’, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades que nos constroem como sujeitos aos quais se pode ‘falar’. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. (Hall, 2022, p. 112).

Ao tratar do pensamento kolvenbachiano, escolho não tratar de uma vida particular, mas das implicações e das contribuições dessa vida em campo mais vasto, pois, endossado por Revel (1998, p. 21), entendo que

a escolha do indivíduo não é vista aqui como contraditória a do social: ela deve tornar possível uma abordagem diferente deste, ao acompanhar o fio de um destino particular – de um homem, de um grupo de homens – e, com ele, a multiplicidade dos espaços e dos tempos, ameaça das relações nas quais ele se inscreve.

Para a justificativa do presente estudo no que toca as pessoas, os tempos e os lugares<sup>5</sup>, bem como os contextos que nele estão diretamente implicados, passo a caracterizar, a seguir, a minha identificação com os elementos do objeto de pesquisa – *o pensamento kolvenbachiano* –, abordando o tema de investigação para a tese – *contribuições educacionais da produção intelectual de Kolvenbach no Brasil*. Nesta introdução, com a apresentação dos contextos, tenho o mesmo entendimento de Revel (1998, p. 28) sobre sistema de contextos, quando este aponta que

o trabalho de contextualização múltipla, praticado pelos micro-historiadores, parte de premissas muito diferentes. Ele afirma, em primeiro lugar que cada ator histórico participa, de maneira próxima ou distante, de processos – e, portanto, se inscreve em contextos – de dimensões e de níveis variáveis, do mais local ao mais global. Não existe, portanto, hiato, menos ainda oposição, entre história local e história global. O que a experiência de um indivíduo, de um grupo, de um espaço permite perceber é uma modulação particular da história global.

---

<sup>5</sup> Aproprio-me e faço uso dessas expressões – *tempos, pessoas e lugares* – também por serem elas utilizadas por Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, quando este quer abranger intencionalidades e implicações de governo da Companhia. No texto das Constituições da Companhia de Jesus e em suas Normas Complementares, são encontradas 61 (sessenta e uma) ocorrências para o termo *tempos*; 73 (setenta e três) ocorrências para a expressão *lugares*; e 229 vezes Inácio de Loyola (1491-1556) utiliza-se da expressão *pessoas*.

Para melhor entender os contextos – dos tempos, das pessoas e dos lugares – que estão vinculados à governança de Peter-Hans, igualmente me aproximo do que Levi (2016, p. 23) propõe como uma das definições do que não é *micro-história*, bem como do que ela pretende ser:

Micro-história não é, então, necessariamente a história dos excluídos, dos pequenos, dos que estão nas margens ou além delas. Antes de tudo, pretende ser a reconstrução dos momentos, situações, pessoas que, observados com olhar analítico, em um âmbito circunscrito, recuperam um peso e uma cor; não como exemplos, na falta de explicações melhores, mas como referência dos fatos à complexidade dos contextos nos quais os seres humanos agem.

No que concerne às pessoas, a escolha recaiu sobre um ser humano – o holandês Peter-Hans Kolvenbach (1928-2016) – que se consagrou à vida religiosa como Jesuíta, padre da Igreja Católica. Perceber-me mobilizado pela atuação de Peter-Hans como intelectual, linguista, gestor levou-me a buscar entender o percurso traçado em seu contexto para a reelaboração/atualização de diretrizes educacionais da Companhia de Jesus entre o fim do século XX e o início do século XXI.

No que concerne ao contexto das pessoas que perpassam o tema da tese, proponho-me a relacionar os possíveis elementos existentes entre partes do que Kolvenbach deixou-nos de escritos sobre educação com aquilo que foi escrito pelos demais Prepósitos Gerais também como legado para a educação, tanto o que o antecedeu – Pe. Pedro Arrupe, SJ – quanto os que o sucederam – Pe. Adolfo Nicolás, SJ (2008-2016)<sup>6</sup> e Pe. Arturo Sosa, SJ (2016-atualmente)<sup>7</sup>. O intuito principal desse estabelecimento de relações contextuais entre os pensamentos educacionais desses Padres Gerais visa a evidenciar como o pensamento educacional kolvenbachiano instituiu marcos diferenciados, dada a complexidade dos contextos que ele viveu em seu tempo. Isso porque ele passou a ganhar evidência, no campo educacional inaciano e jesuítico, ao ofertar um pensamento marcado e permeado por interlocutores dos quais Peter-Hans, urgido pelo contexto e vinculando oportunidades com necessidades, valeu-se a fim de estabelecer novas diretrizes para a oferta educacional da Companhia de Jesus, continuando o que havia sido apenas iniciado pelo seu antecessor e

---

<sup>6</sup> Anos de início e de fim do generalato de Pe. Adolfo Nicolás, SJ.

<sup>7</sup> Ano de início do generalato de Pe. Arturo Sosa, SJ, o qual, no momento da composição desta investigação, ocupa o cargo de Prepósito Geral.

dando novos passos rumo àquilo que passaria a ser a base de características identitárias da educação na Ordem.

No que concerne aos tempos, o recorte que mais pareceu ter potência para a construção da tese foi a integralidade do período em que Kolvenbach governou a Companhia de Jesus, ou seja, desde sua eleição como Prepósito Geral em 1983 até o aceite de sua resignação pela Santa Sé, colocando-o em um lugar de Geral Resignado, em 2008 – sendo o primeiro Prepósito a ter oficializada essa resignação bilateral<sup>8</sup> após 470 anos de existência da Ordem. Um ponto importante para o desenvolvimento da pesquisa foi o entendimento de que, ao escolher as contribuições fornecidas pela produção intelectual de um jesuíta, eu estava, na verdade, escolhendo um período da história vivida em sociedade, na Igreja e na educação.

Para a escolha da temporalidade a ser investigada, foi importante o encontro da expressão “Geração Kolvenbach”, em um artigo da *Studies in the Spirituality of Jesuits* (Volume 42, Número 1, de 1 de março de 2010), intitulado “Quatro histórias da geração Kolvenbach” e encontrado na *Jesuit Online Library*<sup>9</sup>. Nesse artigo relacionou-se a passagem do período de 25 anos com o tempo de uma geração, ou seja, ele pontua que um quarto de século é o tempo que uma geração leva para se formar socialmente como núcleo sociofamiliar e dar lugar a uma nova geração nascente<sup>10</sup> e que foi justo esse o período de P-H. Kolvenbach como Prepósito Geral.

---

<sup>8</sup> Digo que ocorreu uma “resignação bilateral” de Kolvenbach por seu pedido ter sido aceito tanto por parte do Vaticano – Papa Bento XVI – quanto por parte da Companhia de Jesus – Congregação Geral XXXV. Remontando à história, em 1773, o Papa Clemente XIV suprimiu a Companhia de Jesus como Ordem da Igreja Católica, de modo que o Padre Geral da época – Pe. Lorenzo Ricci, SJ – foi, para todos os efeitos, unilateralmente exonerado do seu cargo e de sua função – apenas por parte da Igreja. Isso porque a Ordem foi suprimida em todos os reinos católicos nos quais era lido o Breve Papal *Dominus ac Redemptor*, já não havendo oficialmente jesuítas a serem liderados e, portanto, não tendo lugar para a instância de um Prepósito Geral. Contudo, a Companhia continuou existindo no Império Russo, uma vez que a Imperatriz Catarina se recusou a ler o Breve Papal e validou a presença dos Jesuítas na Rússia, em especial devido a seus trabalhos no campo educacional. Logo, a supressão da Companhia de Jesus (1773) não se deu em todo o mundo e essa pequena porção de religiosos jesuítas que se manteve trabalhando na Rússia pôde, passados quarenta anos, ter o direito a reestabelecer-se através da restauração da Companhia (1814) pelo Papa Pio VII.

<sup>9</sup> Artigo disponível em: <https://jsdc.bc.edu/>. Acesso em: 30 ago. 2023.

<sup>10</sup> Embora haja leituras atuais que apontam lacunas na formulação de que uma geração dura 25 (vinte e cinco) anos até que outra geração comece a nascer, mantemos esse modelo clássico como parâmetro, mesmo que, na sociedade atual, oscile e entardeça o amadurecimento social e a constituição de uma nova geração, com a juventude sendo prolongada para além dos 30 anos e com novos núcleos sociofamiliares sendo compostos mais tardiamente do que nas décadas anteriores.

A vinculação do generalato de Peter-Hans à questão geracional enriquece o contexto da temporalidade escolhida, uma vez que a “Geração Kolvenbach” se constituiu em um período importante da vida da Ordem e da Igreja. Segundo o artigo, tal geração foi composta por Jesuítas que “entraram na Companhia de Jesus em 1982 ou 1983, após o Concílio Vaticano II, após a Era Arrupe, e após a intervenção da Papal na governança jesuíta. Esses 25 anos – 1983-2008 – correspondem ao generalato de Peter-Hans Kolvenbach”. O artigo apresenta ensaios que oferecem reflexões pessoais de quatro jesuítas dessa geração, com foco em suas experiências de vocação, em suas vidas jesuítas e em suas aspirações para a Companhia em termos de como ela se está movendo rumo à próxima era.

Nessa direção, a escolha pelos escritos de Peter-Hans Kolvenbach é, ao fim e ao cabo, a escolha por investigar um período de uma geração particular, vinculada e autora dos acontecimentos da história da Igreja, da história da Companhia de Jesus, da história dos Prepósitos Gerais, da história da Educação, já que, na micro-história, “afirma[-se], em princípio, que a escolha de uma escala particular de observação produz efeitos de conhecimento, e pode ser posta a serviço de estratégias de conhecimentos” e que “variar a objetiva não significa apenas aumentar (ou diminuir) o tamanho do objeto no visor, significa modificar sua forma e sua trama” (Revel, 1998, p. 20).

No fim da década de 1970 e no início da década de 1980, criou-se um cenário na Companhia de Jesus que levou o Papa João Paulo II a estabelecer o Cardeal Paolo Dezza como Delegado Papal, sendo este indicado pelo Vaticano para governar a Ordem como interventor entre outubro de 1980 – data do aceite da renúncia do 28º Prepósito Geral, Pe. Pedro Arrupe, SJ – e setembro de 1983 – momento em que é eleito o 29º Prepósito Geral, Pe. Peter-Hans Kolvenbach, SJ.

Esses quase três anos de preparação para a Congregação Geral XXXIII (Congregação eletiva) – um período longo e raro de preparação na história da Ordem – apontam para a importância de tal momento de instabilidade, pressão e animosidade vivido tanto internamente na Companhia quanto externamente, na relação desta com a Santa Sé. À luz dessa conjuntura, é possível entender melhor os significados da eleição, do papel de governo, da missão e da responsabilidade que seriam assumidas por aquele que fosse eleito para governar a Companhia como novo Prepósito – nesse caso, o Pe. Peter-Hans.

Tendo passado por um período de três décadas (1980, 1990, 2000), a atuação de Peter-Hans como Geral da Ordem ocorreu em um momento particularmente importante para a educação inaciana. Foi nesse período que houve uma revisão do apostolado educativo na Companhia de Jesus (ACODESI, 2009), com novos entendimentos sobre como viver no presente à altura dos desafios que, então, descortinavam-se para as instituições escolares confessionais.

Aproximo-me pessoalmente dessas décadas, pois nasci e comecei minha escolarização no início de 1980, concluí minha formação como professor na década de 1990 e entrei na Companhia de Jesus nos anos 2000. Ou seja, estabelecendo um paralelo, vim à existência próximo ao período em que Kolvenbach passou a governar a Companhia; tornei-me educador quando a Companhia estava recompondo seu paradigma pedagógico e demais características educacionais em nível mundial; e professei os primeiros votos religiosos (2004) na década em que Kolvenbach estava encerrando seu generalato (2008).

No que concerne aos lugares, escolhi partir do particular ao geral – do pensamento educacional de um indivíduo às implicações de tal pensamento em uma Rede de Educação –, por entender que, particularizando o que foi o pensamento educacional de um gestor institucional (Peter-Hans), seria possível examinar com mais clareza os contextos do modo de proceder educacional da Companhia de Jesus no Brasil.

Nos arquivos pesquisados, analiso e aprofundo as intencionalidades das escolhas dos locais e das Obras Apostólicas em que Peter-Hans apresentou seu pensamento educacional: o que disse, com quem interagiu, sobre quem falou. Investigo, nesse sentido, as rotas dos países pelos quais Kolvenbach passou proferindo discursos educacionais a educadores e gestores, famílias, alunos e ex-alunos da Educação Básica.

Nessa perspectiva, pode-se criar um mapa em que se mostra como o pensamento kolvenbachiano acerca da Educação Básica chegou, primeiramente, à Ásia, à Europa e às Américas. Afinal, do material coletado como empiria, a Oceania e a África não apresentam registros de viagens em que Peter-Hans tenha proferido discursos de cunho educacional.

Em termos de objetivos, esta investigação tem um objetivo geral e três objetivos específicos.

O objetivo geral é identificar e analisar a contribuição intelectual do Padre Peter-Hans Kolvenbach, SJ no que se refere à identidade e à reconfiguração da Educação Básica nas instituições jesuíticas no Brasil.

Já os objetivos específicos são os seguintes:

- 1) identificar e problematizar os espaços de custódia que abrigam os documentos de Peter-Hans;
- 2) examinar documentos que explicitem determinadas dimensões do pensamento de Kolvenbach sobre a Educação Básica nos anos de seu generalato, entre 1983 e 2008;
- 3) investigar a produção intelectual de Peter-Hans Kolvenbach com relação à Educação Básica em termos de sua colaboração para a constituição de um processo identitário nas instituições educacionais jesuíticas.

Para tais objetivos serem cumpridos, a pesquisa é problematizada a partir dos seguintes interrogantes: (a) que elementos estão presentes no pensamento kolvenbachiano que possibilitam a reflexão sobre os processos identitários da educação da Companhia de Jesus nos séculos XX e XXI?; (b) que implicações e contribuições o pensamento kolvenbachiano ofereceu para a Rede Jesuíta no que concerne à Educação Básica no Brasil? Dessa forma, entendo, como Corazza (s/d., p. 10), que

constituir um problema de pesquisa é começar a suspeitar de todo e qualquer sentido consensual, de toda e qualquer concepção partilhada, com os quais estamos habituados; indagar se aquele elemento do mundo – da realidade, das coisas, das práticas, do real – é assim tão “natural” nas significações que lhe são próprias; duvidar dos sentidos cristalizados, dos significados que são transcendentais e que possuem estatuto de verdade (seja esta verdade científica, mágica, artística, filosófica, psicanalítica, religiosa, biológica, política etc.); reexaminar a eternidade, o determinismo, a ordem, a estabilidade, a segurança, a solidez, o rigor, o universal, o apaziguado. Em suma, criar um problema de pesquisa é virar a própria mesa, rachando os conceitos e fazendo ranger as articulações das teorias.

Em termos de organização textual, a presente pesquisa está estruturada em quatro capítulos, sendo o primeiro capítulo esta introdução, a qual contém informações sobre minha trajetória até chegar ao objeto deste estudo, a justificativa da temporalidade, das pessoas e dos lugares escolhidos, os objetivos, os interrogantes e a problematização de pesquisa por mim delimitados.

No segundo capítulo, abordo o contexto deste trabalho, com ênfase nos seguintes aspectos: o que é um Preósito Geral da Companhia de Jesus; quem é o Preósito em particular cuja obra é aqui estudada, Peter-Hans Kolvenbach; o que esperavam a Companhia de Jesus e a Igreja de Peter-Hans; a (re)configuração da Educação Básica na Província dos Jesuítas do Brasil (BRA) a partir da década de 1980.

No terceiro capítulo, destaco, como base referencial para a metodologia assumida: a micro-história (Ginzburg, 1989, 1991, 2006, 2007; Levi, 2016); a análise documental histórica/arquivística (Le Goff, 1990); a microanálise (Revel, 1998; Levi, 1992); o conceito de *identidade* (Hall, 2020, 2022); e a análise quanto à guarda documental, relacionada às conferências de PHK sobre a Educação Básica.

No quarto capítulo, discuto aquilo que encontrei como empiria – os escritos de Peter-Hans –, compondo a análise e as vinculações das contribuições e das implicações do pensamento kolvenbachiano para a Educação Básica na Rede Jesuíta de Educação.

Por fim, como quinto capítulo, apresento as considerações finais, nas quais são retomados os pontos centrais desta pesquisa.

Dada desse modo a introdução, avanço agora para a exposição do contexto no qual esse documento é composto; seja quanto a indicadores que permeiam os ambientes em que se moveu Peter-Hans; seja quanto às suas vinculações com o campo da educação; seja, ainda, com o que dele esperavam a Companhia de Jesus e a Igreja como Preósito Geral dos Jesuítas.

## 2 DO PARTICULAR AO GERAL: KOLVENBACH, OS PREPÓSITOS GERAIS E A EDUCAÇÃO BÁSICA NA COMPANHIA DE JESUS

*Nada turbava aquelas fronteiras calmas,  
Nada curvava aquelas grandes almas  
Voltadas p'ra amplidão...  
No entanto, eles só tinham na jornada  
Por couraça – a sotaina esfarrapada...  
E uma cruz – por bordão.* (Castro Alves, 2019, p. 63).

Abro este capítulo com uma formulação do período literário condoreiro (1870-1880), em que o jesuíta era tido como um ser heroico e quase mítico, para, em contraposição a essa visão, poder chegar à realidade atual, na qual tais religiosos passam a ser entendidos e a posicionar-se como pessoas e formadores de pessoas para os demais (ARRUPE, 1980). Trago tal citação do poeta Castro Alves também porque o entrelaçamento entre a pesquisa e aquele que pesquisa é, no mais das vezes, uma marca de estudos que envolvem pessoas e seu pensamento – neste caso, um Geral da Companhia de Jesus –, sendo um dos principais desafios a proximidade/afastamento na medida necessária quanto ao evento e ao tema, ao texto e ao contexto que envolve pesquisador e objeto pesquisado.

Assim, de certa forma, penso compreender melhor os atravessamentos de ordem pessoal, social, política, histórica que o pesquisador em educação enfrenta ao trazer dados de conjuntura que envolvem os múltiplos contextos pesquisados e nos quais ele próprio está inserido, imerso, que consiste em uma prática de vida cotidiana e que lhe confere sentido, uma vez que

O que é específico da educação como área do saber é o fato de ela ser uma área na qual circulam, ao mesmo tempo, conhecimentos (por vezes de origem diversas), práticas e políticas. Delimita-se assim uma primeira definição da disciplina educação ou ciências da educação: é um campo do saber fundamentalmente mestiço, em que se cruzam, se interpelam e, por vezes, se fecundam, de um lado, conhecimentos, conceitos e métodos originários de campos disciplinares múltiplos, e, de outro lado, saberes, práticas, fins éticos e políticos. O que define a especificidade da disciplina essa mestiçagem, essa circulação (Charlot, 2006, p. 09).

Falar sobre como um jesuíta se torna Prepósito Geral na Ordem ganha pertinência também porque o material selecionado para a empiria do estudo foi elaborado por Kolvenbach<sup>11</sup> depois de ele ser eleito o 29º Geral da Ordem. É com esse marco específico que analiso o pensamento kolvenbachiano, não enfocando, portanto, suas abordagens quanto a um pensamento educacional em fóruns nos quais se envolveu – inclusive como docente acadêmico – antes de ser eleito Prepósito Geral ou após seu jubramento<sup>12</sup>.

Para discorrer sobre e explicitar o que é um Prepósito Geral e como um jesuíta chega a assumir esse cargo na Companhia, passo a expor, a seguir, como tal processo de eleição se configura em um dos traços de identidade próprios do governo universal da Companhia de Jesus, em especial por se tratar de um generalato vitalício.

A Deliberação dos Primeiros Padres – *Deliberatio Primorum Patrus* (DPP) –, ocorrida em 1539, foi o processo e o marco documental em que se estabeleceu que um dentre os primeiros companheiros de Jesus teria a função e a missão de cuidar dos demais, sob voto de obediência, surgindo, dessa maneira, a figura do que viria a ser o Prepósito Geral dos Jesuítas. A DPP é assim descrita por Kim (2019):

Durante a primeira metade de 1539, dez companheiros se juntaram para deliberarem sobre o que ocorreria no futuro eminente do grupo. Inácio de Loyola (1491-1556) e seus “amigos no Senhor” foram discernindo a vontade de Deus para eles. Em vistas a manter o grupo unido, ainda que na dispersão, ou dividir-se individualmente sem uma especial associação em relação à missão que receberiam do Papa. E se, no futuro, caso eles permanecessem unidos, pronunciarão voto de obediência a um dentre eles? O furto dessa deliberação tornou-se óbvio dada a fundação da Companhia de Jesus que se deu muito em breve.

A DPP resguarda essa história do discernimento comum na primavera de 1539” (Kim, 2019, p. 5-6, tradução minha).

É esse discernimento sobre fazer voto de obediência a um dos companheiros que definirá a eleição de um Prepósito Geral da Ordem.

---

<sup>11</sup> Relacão, a esta pesquisa, análises complementares em forma de Apêndices sobre ACTA ROMANA SOCIETATIS IESU no *Archivum Romanum Societatis Iesu* (ARSI), onde se encontram documentos e correspondências de Kolvenbach em seu generalato (Apêndice A); sobre Memorial de Peter-Hans Kolvenbach (Apêndice B); sobre “Uma análise documental em fotos do 29º Prepósito Geral da Companhia de Jesus” (Apêndice C); e sobre “O quase fim de um percurso: finitude da vida biológica” (Apêndice D).

<sup>12</sup> Acredito que tal temporalidade de análise – anterior a 1983 e posterior a 2008 – pode, inclusive, ser expandida em nova fase de estudos, posteriores à esta investigação, uma vez que Kolvenbach era um professor pesquisador e docente em linguística antes de se tornar Padre Geral – em 1983 – e continuou suas pesquisas e estudos após seu jubramento como Prepósito – entre 2008 e 2016, quando de sua morte.

Os elementos oriundos da DPP de 1539, que continuam presentes na história da Companhia, tornaram-se o fundamento para estabelecer-se a institucionalidade da Companhia em 1540, sob um Prepósito Geral que a todos cuidasse e governasse e ao qual todos obedecessem. Inácio de Loyola foi eleito, dentre seus pares, como o primeiro Prepósito Geral da Companhia de Jesus (1542-1556).

As orientações que aclaram o perfil de quem deve ser o Prepósito Geral encontra-se tanto nas Constituições da Companhia de Jesus quanto em suas Normas Complementares. Nesses documentos, explicitam-se a governança e o perfil que um jesuíta deve apresentar a fim de ser eleito à gestão e ao acompanhamento universal das redes, das obras, dos serviços e das comunidades que compõem a Companhia de Jesus.

Coube ao primeiro Prepósito Geral, Inácio de Loyola, compor as Constituições da Companhia, cuja primeira edição foi apresentada em 1559:

A Sé Apostólica tinha concedido à Companhia, no próprio documento que a constituiu e confirmou a autorização para fazer Constituições, que, uma vez aprovadas por ela, fossem consideradas automaticamente aprovadas e confirmadas pela Autoridade Apostólica. [...].

Ele [Inácio de Loyola] assumiu o encargo que lhe foi dado [de escrever as Constituições da Companhia de Jesus] com tanta diligência, sabedoria e fidelidade, que durante muitos anos consagrou o melhor de suas forças a esse projeto prioritário. (Companhia de Jesus, 2004, p. 19)

Como o primeiro Prepósito e fundador da Ordem veio a falecer em 1556 e as Constituições têm sua aprovação final no ano de 1559, depreende-se que Inácio de Loyola trabalhou até o fim da vida em sua redação – sem, no entanto, concluí-la – e que, no triênio entre a morte de Inácio e a divulgação das Constituições a toda a Companhia, ocorreu a validação do texto final por parte das autoridades eclesiásticas pertinentes.

Mesmo não sendo incomuns a existência de escritos diligenciados por Inácio a seus secretários<sup>13</sup> e a consideração desses materiais com peso e força tais como se tivessem sido escritos pelo próprio Prepósito, não foi esse o caso do texto das Constituições: a redação deste se encerrou com a morte de Inácio de Loyola e não foi ampliada ou complementada pelos Prepósitos Gerais que o sucederam. Esse texto autógrafo inaciano sobre como governar

---

<sup>13</sup> Tal modo de comunicação comissionada fica explícito em certos documentos, como, por exemplo, na carta de Inácio ao Pe. Flúvio Andreozzi, dada em Roma, 18 de julho de 1556 (MI Ep. XII 141-143 – Por Comissão, em italiano) (Cardoso, 1993, p. 133).

o Corpo Universal da Companhia permaneceu inalterado por 436 anos, até a elaboração das Normas Complementares da Companhia de Jesus, em 1995, durante o período de generalato de Peter-Hans Kolvenbach.

Quanto às características a serem apresentadas por um Prepósito Geral, seis indicativos são apontados nas Constituições da Companhia de Jesus:

A primeira das qualidades, que são para desejar no Superior Geral, é uma grande união e familiaridade com Deus [...].

A segunda, que seja homem que, pelo exemplo de todas as virtudes, ajude a todos da Companhia [...].

A terceira, que seja dotado de grande inteligência e juízo, para que não lhe falte este dom nem nas questões especulativas, nem nas questões práticas que ocorrem. [...]

A quarta, que seja vigilante e cuidadoso para empreender obras, e enérgico para as levar a cabo com perfeição, sem negligência nem fraquezas que lhe façam deixar imperfeito e por acabar aquilo que começou. É essa uma qualidade indispensável para a execução. [...]

A quinta é de ordem física. Quanto à saúde, a apresentação externa e a idade, deve-se ter em conta, por um lado a dignidade e a autoridade, por outro as forças físicas exigidas pelo cargo [...].

A sexta refere-se aos dons exteriores, entre os quais se hão de preferir os que em tal cargo mais concorrem para a edificação e o serviço. (Companhia de Jesus, 2004, p. 206-208).

Como nem todas essas qualidades elencadas serão alcançadas integralmente por aqueles que ocuparem esse cargo de governo da Companhia, algumas ressalvas são pontuadas nas Constituições: “Se faltarem algumas dessas qualidades acima mencionadas, não lhe falte a menos uma grande bondade e amor à Companhia, e juízo reto com superior erudição” (Companhia de Jesus, 2004, p. 208). Sendo dois os aspectos globais indicados como requisitos mínimos para estar em tal cargo, um deles fala dos sentimentos e outro, do intelecto. Há a preocupação de que esse modelo do que viria a ser um Prepósito Geral reúna tanto qualidades afetivo-emocionais – “bondade e amor” – quanto uma inteligência racional elaborada – “juízo e erudição”.

Junto a esses identificadores em relação ao perfil necessário para ser Prepósito Geral, outra maneira possível de sua apresentação é declarar o modelo que rege e delimita o que ele faz como função e serviço. Esse tema, vastamente informado, explicitado e confirmado nas mesmas Constituições, assim se pode resumir: “Para o bom governo da Companhia é sumamente desejável que o Superior Geral tenha sobre ela toda a autoridade, para sua edificação” (Companhia de Jesus, 2004, p. 208-212)

Contudo, seu poder não é ilimitado, devendo haver uma autoridade e uma vigilância da Companhia sobre o Prepósito Geral, olhando sempre o bem mais universal e as relações de poder. Ter um coletivo de jesuítas – denominado “Congregação Geral” – como uma instância superior ao Padre Geral e à qual ele deve internamente obedecer tornou-se uma forma de garantir que não se recaia em um absolutismo hierárquico. São os decretos da Congregação Geral que orientam e fazem do Superior Geral um mediador entre a Igreja e a Ordem, entre o povo e Deus, entre a cultura e a sociedade, entre a educação, os estudantes, os educadores e a família etc. (Companhia de Jesus, 2004, p. 213-214).

De modo esquemático, a Parte IX das Constituições apresenta, em seu Capítulo III – “Autoridade do Superior Geral sobre a Companhia e suas funções” (p. 208-212) –, a definição de poderes exercidos pelo Padre Geral; em seu Capítulo IV – “Autoridade ou vigilância da Companhia sobre o Superior Geral” (p. 213-214) –, o esclarecimento sobre qual é o poder que o Corpo Apostólico da Companhia de Jesus detém; e, em seu Capítulo V – “Modo de agir da Companhia nos assuntos referentes ao Geral” (p. 214-217) –, o entendimento sobre qual deve ser a relação de poder entre esses dois lados.

A Parte IX das Constituições conclui-se com o Capítulo VI, o qual aponta “Normas que ajudarão o Superior Geral a cumprir bem o seu ofício”. Aqui, formula-se a parte prática, que dá conta do ‘como’ o Propósito Geral deve valer-se de instâncias subalternas a ele para que possa exercer plenamente a sua função.

Falar sobre esse cargo de Prepósito Geral é também, em parte, trazer à luz o tema das particularidades da governança na Companhia de Jesus. Uma dessas originalidades na condução de grupos de religiosos consagrados, tanto à época quanto ainda atualmente, é que o Padre Geral da Companhia de Jesus é o único, além do Sumo Pontífice, que tem cargo vitalício em sua função, deixando de ser Geral apenas quando de sua morte, momento em que ocorre, necessariamente, a convocação para uma nova Congregação Geral de cunho eletivo.

Quanto à necessidade da existência do cargo de Prepósito Geral e à sua vitaliciedade – prerrogativa até então gozada apenas pelo Papa–, assim se configura uma exposição no contexto inaciano da governança jesuítica:

[...] o Geral será eleito por toda a vida, e não por tempo delimitado. A primeira [razão para o cargo ser vitalício] é que os pensamentos e as ocasiões de ambição, que são a peste de tais cargos, ficarão assim mais longe que se tivesse que haver eleições periodicamente. Outra [razão é] que é mais fácil achar-se uma pessoa com aptidões para esse ofício que muitas. [...] Se o Superior for inamovível, a sua autoridade será maior do que se fosse eleito por um ou vários anos [...]. (Companhia de Jesus, 2004, p. 205-206).

Além de ser vitalício, tal cargo impede aquele que para ele foi eleito de recusá-lo (Companhia de Jesus, 2004, p. 200). Essa particularidade, vivida por quem assume os encargos de Prepósito Geral, foi declarada válida e pertinente quando da atualização do carisma da Ordem, em 1995, nas Normas Complementares às Constituições da Companhia de Jesus (Companhia de Jesus, 2004, p. 358).

Nesse sentido, uma exceção à particularidade mencionada no parágrafo anterior foi o fato de o Pe. Peter-Hans Kolvenbach ter conseguido licença especial da Santa Sé – sob o Papa Bento XVI (1927- 2022) – para poder renunciar ao cargo, mesmo não havendo maiores impeditivos imediatos para que ele continuasse exercendo sua missão de governo universal da Ordem<sup>14</sup>. Esse precedente, diligenciado por Peter-Hans, tornou-se um condicionante histórico, pois já o Geral seguinte a P-H. Kolvenbach – Pe. Adolfo Nicholas – também pediu e recebeu do Papa dispensa do cargo, embora tal função continue a ser vitalícia nas Constituições e nas Normas Complementares da Ordem.

Sobre o Pe. Peter-Hans, em seu Memorial<sup>15</sup>, encontra-se, em grandes linhas, uma breve biografia do 29º Prepósito Geral dos Jesuítas, informando que ele nasce em Druten – Gelderland, Países Baixos, em 30 de novembro de 1928, sendo seus pais Gerardo Kolvenbach (alemão) e Jacoba Domensino (italiana). Ele conhece a Companhia ao estudar latim e grego em um colégio dos Jesuítas. Em um discurso no México, assim se expressa Kolvenbach sobre tais tempos de estudos:

É para mim motivo de grande alegria poder estar com vocês hoje. Eu mesmo sou um aluno de um colégio dos Jesuítas e conheço, por própria experiência, o que é uma vida universitária. E, ademais, estou convencido de que o mundo inteiro, apesar das diferenças da nacionalidade, cultura, pressupostos religiosos e idade, nossos ex-alunos estão unidos em sua lealdade e entrega à comum herança jesuítica. (ACODESI, 2009, p. 384).

---

<sup>14</sup> Após a renúncia ao cargo (2008), Peter-Hans viveu ainda por oito anos, em Roma, até sua morte (2016) no Líbano.

<sup>15</sup> Sobre o Memorial Peter-Hans Kolvenbach, ver: <https://kolvenbach.jesuitgeneral.org/en/>. Acesso em: 05 out. 2020.

PHK entra na Ordem aos vinte anos, em 07 de setembro de 1948, e, dez anos depois, em 1958, é destinado ao Líbano, onde estuda árabe e se especializa tanto em língua quanto em literatura armênias. Por quatro anos, faz estudos teológicos em Beirute, sendo ordenado sacerdote em 29 de junho de 1961, segundo o Rito Armênio. Continua seus estudos em filologia e em linguística em Beirute e em Paris. Entre 1968 e 1974, torna-se professor na Universidade São José de Beirute, onde leciona linguística geral, tal como língua e literatura armênias:

Durante muitos anos, no Líbano, e antes de ser Geral da Companhia de Jesus, fui professor de Ensino Médio e ensino universitário. Sei, por experiência, as alegrias e penas, os altos e baixos que conhecem e pelos quais têm que passar quem está dedicado ao ministério do ensino. Mas tenho também profunda convicção de que dificilmente se encontrará na vida uma profissão, um serviço, um ministério de maior transcendência para o futuro da sociedade que o de educar integralmente a juventude por meio do esforço comum de quem, de uma maneira ou de outra, forma parte do colégio. (ACODESI, 2009, p. 280).

Ingressa no governo regional da Companhia como Vice Provincial do Oriente Médio em 1974. Em 1981, é chamado a Roma para assumir como Reitor do Pontifício Instituto Oriental. Em 1983, é eleito como Superior Geral da Ordem.

Durante seus 25 anos de generalato, foi membro das seguintes Congregações Vaticanas: a Congregação para a Evangelização dos Povos e a Congregação para a Vida Consagrada, bem como consultor para a Congregação das Igrejas Orientais. A 35ª Congregação Geral aceitou sua resignação em 14 de janeiro de 2008. Já resignado, aos 80 anos, retornou para Beirute, no Líbano, tornando-se ajudante do bibliotecário de sua comunidade religiosa e dedicando-se a estudos em língua e em literatura armênias. Faleceu, após breve hospitalização, em 26 de novembro de 2016.

Além desse percurso biográfico, acrescento algumas marcas de Kolvenbach a partir das quais é possível entender melhor o seu contexto e o seu perfil como Prepósito Geral.

Uma dessas marcas é a sua opção pela comunicação escrita. Quando se pronunciava sobre temas destinados à Companhia de Jesus, Kolvenbach o fazia manualmente em forma de texto escrito, que era então traduzido por seus assistentes e só então lido por ele aos ouvintes aquilo que havia redigido para aquela ocasião. Ao tecer diálogos com um Secretário para Língua Portuguesa da Cúria Geral dos Jesuítas no tempo em que Peter-Hans era Padre

Geral – o sul-rio-grandense Pe. Inácio Spohr, SJ –, pude saber mais sobre o passo a passo da elaboração, por Peter-Hans, da escrita de seus textos. Primeiramente, ele os redigia de modo manuscrito – “com letra miúda e bem juntinha”, disse-me o Pe. Spohr,SJ<sup>16</sup> – ou em sua máquina datilográfica. Em seguida, pedia a algum dos secretários da Cúria Geral para realizar a tradução e a revisão na língua do país em que ia proferir o discurso. Nesse breve relato, pude conhecer um pouco do método de Kolvenbach para a produção de seus textos.

A vocação de Kolvenbach plasmou-se dentro de um Colégio da Companhia de Jesus – onde estudou latim e grego – e, já jesuíta, ele foi professor, docente e pesquisador. Essas características relacionadas ao local onde estudou – um colégio da Companhia de Jesus – e à área na qual trabalhou – a educação – mostram que o mundo educacional estava fortemente vinculado ao percurso de Kolvenbach na Companhia de Jesus, seja ao atuar como professor na Universidade São José de Beirute, lecionando linguística geral e língua e literatura armênias, seja ao assumir como Reitor do Pontifício Instituto Oriental, em Roma.

O fato de Peter-Hans migrar do mundo da docência e da área da gestão em educação para a atuação do governo universal da Companhia indicia que a sua atuação docente e gerencial antes de ser Prepósito Geral influenciou a formulação de a formulação de métodos, didáticas, pedagogias, conteúdos, governança, enfim, um modo de pensar e de agir como Prepósito Geral sobre os desafios para a Educação de seu tempo a partir de uma prática pessoal, vivida por ele nos percursos de docência e de gestão educacional, trilhados previamente ao seu generalato.

Outra característica que se percebe em Peter-Hans é a diplomacia na busca pela estabilidade da imagem da Companhia na relação com o papado e com a Cúria Romana, um tema crucial à política, ao governo e à existência da Ordem, a qual está ligada ao Papa por Voto Especial de Obediência. Presenças e ausências de comunicações oficiais e de diálogos entre o papado e o generalato de Kolvenbach têm sua relevância, pois houve a ocorrência de um interlúdio temporal de “generalato vacante”, quando da impossibilidade de o 28º Padre Geral continuar a governar a Companhia e da recusa, pelo papado, do nome do Pe. O’keefe<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> Este dado foi colhido não por entrevista estruturada, mas a partir de uma narrativa espontânea em forma de partilha oralizada em diálogo presencial comigo de um jesuíta que tinha sido secretário de Kolvenbach para a Língua Portuguesa na Cúria Romana e soube de minha pesquisa quanto ao pensamento de Peter-Hans para Educação Básica.

<sup>17</sup> Sobre o Pe. O’Keef, ver: [https://pt.abcdef.wiki/wiki/Vincent\\_O%27Keefe](https://pt.abcdef.wiki/wiki/Vincent_O%27Keefe). Acesso em: 05 set. 2020.

como o Vigário Geral que prepararia nova Congregação Geral eletiva. Em uma abordagem papal incomum na Companhia, o Pe. Paolo Dezza, SJ foi nomeado como interventor – com o título oficial de Delegado Pontifício – entre 1981 e 1983, enquanto o Pe. Pittau, SJ<sup>18</sup> foi nomeado diretamente pelo Papa como secretário do Pe. Dezza para conduzir a Companhia até que ocorresse nova Congregação Geral, algo inédito até então<sup>19</sup>. Assim, estremeçada se encontrava a relação da Companhia com o Vaticano e com o papado quando da nomeação de Pe. Peter-Hans como Prepósito Geral da Companhia.

Há, ao menos, outros dois casos em que houve tardança na ocupação da função de Prepósito Geral quando do falecimento ou do impedimento do Geral anterior: na I Congregação Geral, quando Inácio de Loyola faleceu em julho de 1556 e Diogo Laínez assumiu como Prepósito em julho de 1558; e na XXIX Congregação Geral, quando o Pe. Wlodimir Ledochowski faleceu em dezembro de 1942 e o Pe. Jean-Baptiste Jansen assumiu como Prepósito Geral em setembro de 1946. O atraso da eleição do primeiro ao segundo Prepósito deu-se pelo terreno movediço coerente com os inícios da fundação da Ordem. Já o tardar da transição do 26º para o 27º Prepósito deu-se pela ocorrência da II Grande Guerra (1939-1945). Por sua vez, o tempo alargado para escolha do 29º Geral – Peter-Hans – deveu-se a questões diplomáticas ligadas a relações de poder entre a Cúria Romana e a Companhia de Jesus<sup>20</sup>.

Ao pesquisar sobre as relações diplomáticas de Kolvenbach com as instâncias superiores de governo do Vaticano, encontrei, no repositório do Instituto Humanitas UNISINOS (IHU UNISINOS), dois artigos que validam o tema do trato político de Peter-Hans em termos de ações para que a Companhia não sofresse nova intervenção em 2007<sup>21</sup>. Esse tema da transição entre generalatos – Pe. Arrupe/Pe. Kolvenbach – aponta indícios para uma aposta nas habilidades de Peter-Hans como diplomata ao exercer a missão para a qual foi eleito.

---

<sup>18</sup> Sobre o Pe. Pittau, SJ, ver: [https://pt.abcdef.wiki/wiki/Giuseppe\\_Pittau](https://pt.abcdef.wiki/wiki/Giuseppe_Pittau). Acesso em: 05 set. 2020.

<sup>19</sup> Sobre a intervenção na Companhia em 1981, ver: [https://pt.abcdef.wiki/wiki/Paolo\\_Dezza](https://pt.abcdef.wiki/wiki/Paolo_Dezza). Acesso em: 05 set. 2020.

<sup>20</sup> Essa breve contextualização abre espaço para um possível estudo quanto à história das Congregações Gerais eletivas jesuítas como lugares de política e de poder.

<sup>21</sup> Sobre a intervenção na Companhia em 2007, ver: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/595828-intervencao-nos-jesuitas-quando-bergoglio-impediu-bertone>. Acesso em: 05 set. 2020. Ver também: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/595839-bergoglio-se-opos-tenazmente-a-que-bertone-e-ratzinger-voltassem-a-intervir-na-companhia-de-jesus-em-2007>. Acesso em: 05 set. 2020.

Um dado que ajuda a entender contextos e meandros das tratativas de Kolvenbach com o Vaticano e com o Sumo Pontífice é que não houve grande mobilidade na transição entre Papas no generalato de Peter-Hans: a maior parte do tempo em que Kolvenbach passou como Prepósito Geral na Ordem, por um quarto de século, esteve sob o pontificado de João Paulo II (1978-2005). Tanto esse pontificado quanto o generalato de Kolvenbach estão entre os tempos de governo eclesial mais longos da história da Igreja: foram 25 anos de generalato de Kolvenbach e 26 anos de pontificado de João Paulo II.

O governo<sup>22</sup> de P. H. Kolvenbach teve como fio condutor o binômio *pietas e eruditio* – piedade e erudição. Aproximar-se de tal binômio foi essencial para consignar na missão assumida aquilo que embasou o seu modo de proceder e o seu perfil de gestão durante todo o generalato. Extraído das comunicações do próprio Kolvenbach, o binômio por ele estudado ajuda a compor parte do que é a pessoa – Kolvenbach – em seu ofício – Prepósito Geral:

Sería difícil evocar todas las correspondencias de los términos a los cuales están vinculadas *pietas* y *eruditio*, numerosas correspondencias que se trata de explorar con cuidado, puesto que los términos mismos de *pietas* y, sobre todo, de *eruditio* aparecen poco en la pluma de Ignacio mismo. En la ebullición de las ideas particularmente características del tiempo cuando Ignacio estudia con sus compañeros, las dos palabras se conjugan con muchos otros términos: *pietas*, en efecto, engloba a la vez la santidad y la perfección, la devoción y la ética; en cuanto a la *eruditio*, puede referirse tanto a la ciencia sagrada como a la ciencia profana, a la teología escolástica como a la teología positiva, al evangelio como a la lógica. (Kolvenbach, 2007, p. 12)

Kolvenbach foi designado para gerir institucionalmente a Companhia de Jesus em tempos de instabilidade no cenário mundial, em fins do século XX e início do século XXI, tempo apontado por Royon (2007, p.11) como “Una época donde la vida de la Compañía ha sufrido también el impacto de la nueva situación cultural e y eclesial”. No campo sociopolítico, a Guerra Fria cessaria com a queda do Muro de Berlim, em 09 de novembro

---

<sup>22</sup> Mesmo tendo Kolvenbach outras funções dentro da Igreja, como representante dos Institutos de Vida Religiosa Consagrada junto ao Vaticano e como membro da Comissão Mista Internacional para o Diálogo Teológico entre a Igreja Católica e a Igreja Ortodoxa, analiso apenas as suas atividades realizadas intramuros da Companhia de Jesus. A respeito das atividades de Peter-Hans, ver: <https://www.jesuitasbrasil.org.br/2016/11/28/morre-padre-peter-hans-kolvenbach/>. Acesso em: 10 set. 2020. Contudo, um estudo promissor seria a decupagem e a análise, na *Acta Romana Societatis Iesu*, quanto às nomeações recebidas por Kolvenbach pela Sé Apostólica para que este atuasse como membro de comissões e demais órgãos deliberativos da Igreja universal, a partir do Governo Vaticano, o que demonstra a aceitação papal da pessoa do Prepósito Geral dos Jesuítas a ponto de confiar-lhe cargos e encargos vinculados à Santa Sé.

de 1989, após a qual ocorreria o esfacelamento do que ele representava como polaridade ideológica *comunismo x capitalismo*. Na temporalidade sobre a qual essa pesquisa se debruça (1983-2008),

O mundo político, econômico e cultural sofreu um trauma, ainda pouco formalizado no que diz respeito às suas consequências culturais: o fim do bipolarismo [...] De certo, é possível usar a queda do muro de Berlim [...] somente como metáfora, símbolo de uma modificação do quadro mundial que gradualmente se percebia desde 1968 até 1989 [...]. Depois disso, os últimos trinta anos, [foi] um período no qual as democracias ocidentais haviam lentamente modificado a própria natureza conforme modelos neoliberais e de enfraquecimento do papel das políticas públicas, além do encolhimento do welfare em muitos países. (LEVI, 2016. p. 73-74)

No campo eclesial, a Igreja estava se preparando para uma nova evangelização, com a chegada do III milênio e do Jubileu que celebraria os dois mil anos do nascimento de seu fundador, Jesus Cristo<sup>23</sup>. No contexto interno da Ordem, a Companhia estava em processo de resposta ao Concílio Vaticano II e ao Código do Direito Canônico, atualizado em 1983, isto é, no período do governo de Kolvenbach, ela estava preparando-se para passar por uma revisão e uma atualização de sua visão institucional – de seu carisma –, a fim de melhor atuar nas áreas de apostolado em que se encontrava: educação; assistência social; ministérios eclesiais; espiritualidade; assessorias especializadas nos mais diversos campos do conhecimento.

Foi essa nova situação sociocultural, econômica e eclesial que Peter-Hans teve de enfrentar, além de a ela dar respostas atualizadas e vinculadas também às questões educacionais já tocadas por seu predecessor, Pe. Pedro Arrupe. Este alicerçou as bases sobre as quais Peter-Hans desenvolveu sua governança com vistas a uma reconfiguração do modo educacional de proceder inaciano e jesuítico da Companhia de Jesus na Educação Básica.

Nas Congregações Gerais, é protocolar que o Papa envie uma mensagem inicial ou que esteja presente na abertura do encontro: “No primeiro dia da Congregação, dia 02 de setembro (de 1983), primeira sexta-feira do mês, o Sumo Pontífice João Paulo II quis vir de

---

<sup>23</sup> Sobre ao Ano Jubilar, ver: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_letters/1994/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_19941110\\_tertio-millennio-adveniente.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1994/documents/hf_jp-ii_apl_19941110_tertio-millennio-adveniente.html) e em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_letters/2001/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_20010106\\_novo-millennio-ineunte.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html). Acesso em: 05 out. 2023.

Castel Gandolfo à nossa Cúria para concelebrar a Eucaristia e dirigir-lhes uma homilia<sup>24</sup>” (Companhia de Jesus, 1984, p. 17).

Essa homilia de João Paulo II forneceu bases para o entendimento do que a Igreja esperava da Companhia naquele momento em que estavam elegendo um novo Prepósito Geral. Destaco alguns trechos que indicam o desejo do Papa à época para a Ordem no sentido de que os jesuítas estivessem à altura de sua vocação eclesial: “Também eu como o Apóstolo, exorto-vos a comportar-vos de maneira digna da vocação recebida, a conservar com solícitude a unidade do espírito no vínculo da paz” (Companhia de Jesus, 1984, p. 85).

Salientou igualmente o Papa à Companhia que duas eram as missões que os haviam reunido em Congregação, sendo a primeira eleger um novo Prepósito Geral:

Esta Congregação Geral reveste-se, pois, de uma importância particular por um duplice objetivo. Ela deve dar em primeiro lugar um sucessor, ao venerado Padre Arrupe, sendo-me grato saudá-lo aqui presente ao exprimir-lhe o comum reconhecimento por ter continuado a sustentar a Companhia com o seu exemplo, com a sua oração, com os seus sofrimentos. (Companhia de Jesus, 1984, p. 87).

Por sua vez, a segunda missão apontada pelo Papa à Companhia reunida é que

A vossa Congregação tem além disso a tarefa de estabelecer as orientações, de traçar as normas a serem seguidas nos próximos anos para que seja cada vez melhor posto em prática, nas particulares circunstâncias do momento presente, o ideal da Companhia, descrito na Fórmula do vosso Instituto: "Combater por Deus sob a bandeira da cruz e servir só a Cristo Senhor e a Igreja sua esposa, submisso ao Romano Pontífice, Vigário de Cristo na terra. (Carta Apost. *Exposcit debitum*, 21 de julho de 1550). (Companhia de Jesus, 1984, p. 85).

Na oportunidade, João Paulo II ainda memoriou o que os Papas que o precederam haviam pedido à Companhia e que continuava válido de ser posto em ação:

Este duplice dever é sem dúvida grave; e é importante que recordeis as diretrizes e as recomendações que os meus venerados Predecessores, Paulo VI e João Paulo I, vos comunicaram por ocasião das vossas últimas Congregações, que eu mesmo vos manifestei por ocasião da reunião dos vossos Provinciais em Fevereiro do ano passado. São diretrizes e recomendações que mantêm todo o seu valor e que deveis ter presentes nos trabalhos da Congregação Geral para lhe garantir o feliz êxito, de que depende a vitalidade e o desenvolvimento do vosso Instituto. (Companhia de Jesus, 1984, p. 87-88).

---

<sup>24</sup> Acerca disso, ver Anexo 2.

Nessa mesma ocasião do início dos trabalhos dos jesuítas reunidos em Roma para atividades de reflexão, discernimentos, posicionamentos e deliberações da Congregação Geral XXXIII, o Sumo Pontífice, em conclusão de suas indicações sobre o vínculo especial que a Companhia tinha com o Papado, apontou igualmente que “O Papa conta convosco, espera muito de vós” (Companhia de Jesus, 1984, p. 89).

Se, no início da Congregação Geral XXXIII, o Papa se fez presente, concelebrou a Missa e proferiu a homilia – sinal de atenção, cuidado, indicação de diretrizes e acompanhamento próximo quanto aos passos a serem dados pela Ordem naquela reunião de Congregação Eletiva –; na finalização dessa congregação, João Paulo II procedeu com o envio de um telegrama com congratulações e uma bênção especial a Pe. Kolvenbach pela nova missão a ele incumbida (*cf.* Anexo 3). Tal mensagem de congratulação, ao mesmo tempo que acalmou a Companhia, validando sua escolha do nome do novo Prepósito Geral, pôs em marcha uma série de reflexões e de deliberações que, nos anos seguintes, seriam formuladas como orientações para o programa de ação de Peter-Hans à frente da Ordem.

Foi a partir de tais perspectiva e conjuntura, de tais missão e designação oriundas do Pontífice Romano e de tais responsabilidades e incumbências de efetivação institucional que os jesuítas congregados em 1983 optaram por eleger Peter-Hans Kolvenbach como 29º Prepósito Geral da Companhia de Jesus.

Quando se trata de uma Congregação Geral eletiva, também faz parte do protocolo interno da Ordem atribuir, ao novo Prepósito, missões a serem por ele cuidadas diretamente. Dentre as faculdades ordinárias concedidas pela Congregação Geral XXXIII a Peter-Hans para o governo universal da Ordem, destaco uma que toca a proposição desta investigação: “Que [o Prepósito Geral] possa suprimir Colégios e Casas Professas, com voto deliberativo dos Conselheiros Gerais e do Prepósito da Província na qual se encontra o Colégio ou a Casa Professa, ouvido também o Assistente Regional” (Companhia de Jesus, 1984, p. 81).

Conceder, ao Prepósito Geral, a faculdade específica de suprimir Colégios gera indícios da necessidade de se repensar presenças institucionais da Ordem, reconfigurar espaços e identidades ligados à sua presença na área da educação, bem como atentar para a escassez de lideranças jesuíticas no campo da Educação Básica.

Ainda quanto às faculdades especiais concedidas ao Prepósito Geral, há uma licença para adaptação da Ordem por ocasião da entrada em vigor, em 1983, do novo código do Direito Canônico. Assim, a Congregação Geral permite que Peter-Hans

possa pedir à Santa Sé dispensa de Leis do novo Código Canônico, para salvaguardar pontos substanciais no nosso Instituto; [...] estabeleça Decretos pelos quais se inclua na nossa legislação o que o novo Código do Direito Canônico prescreve que seja incluído nas Constituições e já não contam nelas; [...] adapte nosso direito às exigências do novo Código do Direito Canônico (Companhia de Jesus, 1984, p. 82).

Tais orientações sinalizam, por parte da Companhia, um desejo e uma necessidade de construir um diálogo mais proximal, uma relação mais fraternal e uma obediência mais filial dos jesuítas ao Santo Padre. Tal permissão dada a Peter-Hans para estar junto à Santa Sé, representando a Ordem em matérias de envergadura e de importância, vai ao encontro do que o Papa João Paulo II mencionara na homilia de abertura da Congregação Geral:

A vossa Congregação Geral é um acontecimento destinado também a ter repercussões importantes na vida da Igreja. Eis porque ela me interessa vivamente. A Companhia de Jesus é ainda a Ordem religiosa mais numerosa; ela está espalhada por todas as partes do mundo; empenha-se pela glória de Deus e pela santificação dos homens, mesmo nos campos mais difíceis e nas funções de realce, que são de grande utilidade para o serviço da Igreja. Por isso muitos olhos estão fixos em vós, tanto sacerdotes como leigos, religiosos ou religiosas; o que fazeis tem com frequência repercussões que não podeis imaginar. (Companhia de Jesus, 1984, p. 88).

Além dessas incumbências, a Congregação Geral XXXIII ordenou que Peter-Hans “prepare, com estudos adequados, a revisão de nosso Direito e dos nossos privilégios, que deverá ser feita pela próxima C.G.” (Companhia de Jesus, 1984, p. 82). Tal ordem tem caráter de orientação para aprofundar e concluir a atualização do carisma – das características – da Ordem como resposta às orientações do Concílio Vaticano II (1963-1965) em seu “Decreto Perfectae Caritatis Sobre a Conveniente Renovação da Vida Religiosa”: “Por isso, as constituições, os diretórios, os livros de costumes, de orações, cerimônias etc., tudo seja revisto convenientemente e, pondo de lado as prescrições obsoletas, adaptem-se aos documentos deste sagrado Concílio” (Igreja Católica, 1965, p. 02).

As faculdades especiais atribuídas a Kolvenbach apontam para a atualização da Companhia relativamente às necessidades dos tempos, das pessoas e lugares em seus contextos. É nesse instante que se configura a conclusão dos passos para a atualização, iniciado pelo seu antecessor, Pe. Pedro Arrupe, e conduzida por Kolvenbach de um modo geral para uma identidade institucional da Ordem que também tocou o ser e o fazer particulares da oferta de educação jesuítica e inaciana nos Colégios da Companhia de Jesus.

Entendo que a formulação de um pensamento kolvenbachiano para a Educação Básica começa a se gestada já nessa validação da Congregação Geral, na qual Kolvenbach é alçado à condição de responsável principal pela atualização da governança da Ordem como resposta estratégica a um mundo em mudanças significativas.

O processo do que virá a ser a releitura do modo de fazer educação por parte da Companhia de Jesus – iniciado com essas diretrizes da Igreja e da Companhia à Kolvenbach – passará por, ao menos, dois tempos iniciais “refundantes”:

- a) em 1986, aos três anos de seu generalato – 400 anos após o primeiro *Ratio Studiorum* –, Pe. Kolvenbach apresenta as *Características da Educação da Companhia de Jesus* – organizadas pela Comissão Internacional para o Apostolado Educacional Jesuíta (ICAJE<sup>25</sup>) – como uma “nova declaração de nossos objetivos em educação”, com vistas a “utilizar esta declaração como um documento para progredir na renovação: para um estudo mais profundo do nosso trabalho educativo e para a sua avaliação” (Companhia de Jesus, 1989, p. 86);
- b) em 1993, aos dez anos de seu generalato, ocorre a formulação, pela ICAJE, do documento *Pedagogia Inaciana*, apresentado por Kolvenbach como uma resposta prática às perguntas de educadores dos Colégios da Companhia em todo o mundo sobre como vivenciar, em sala de aula, as Características da Educação Jesuítica.

A esses dois momentos que refundaram o olhar e o cuidado sobre o sentido e a prática da Educação no Ensino Fundamental e no Ensino Médio por parte da Companhia de Jesus, durante a primeira metade do generalato de Peter-Hans, somam-se as viagens feitas pelo

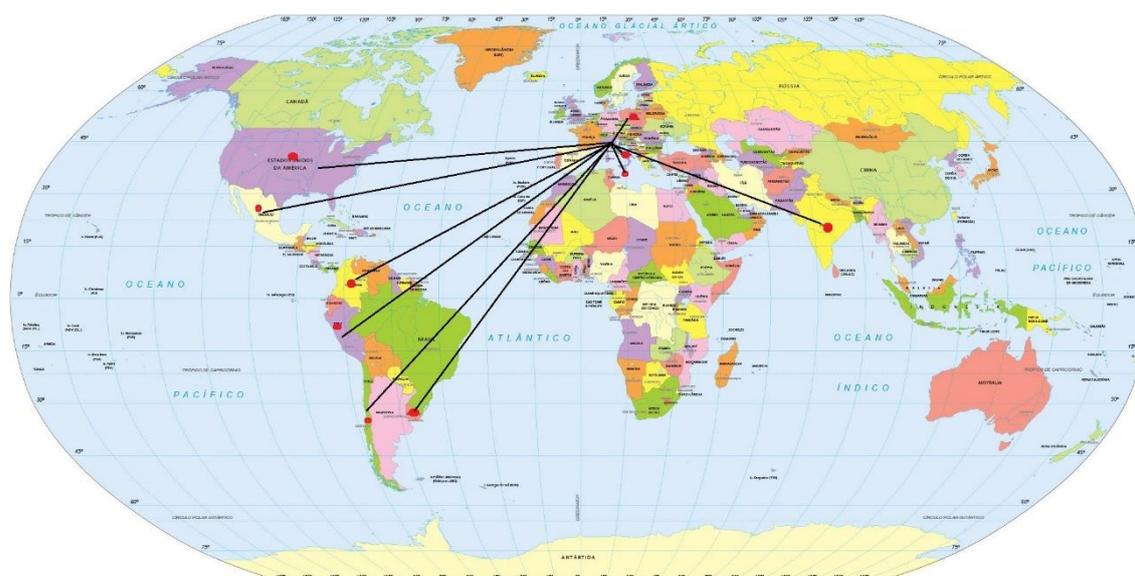
---

<sup>25</sup> Sigla original em inglês: *International Commission on the Apostolate of Jesuit Education* (ICAJE). Trata-se de uma comissão surgida em 1982, com a missão de aclarar os modos como a identidade inaciana deveria continuar se apresentando no labor educativo da Educação Básica jesuítica.

Geral, visitando Colégios e partilhando – com as comunidades educativas e com os ex-alunos – suas proposições relativas à atualização da Educação Básica, sem, contudo, renunciar ao legado conquistado nessa área no decorrer dos séculos de atuação docente jesuítica– com vistas à prospecção de equilíbrio entre tradição e tradução, *pietas* e *eruditio*, na prática escolar jesuítica.

Para um melhor entendimento do caminho percorrido por Kolvenbach, construí o mapa dos países visitados por ele em suas conferências sobre a Educação Básica e um resumo no qual pontuo a seleção que realizei no âmbito dessas conferências: os locais (Instituição/país) em que foram proferidas; o volume de páginas de seus textos; os pontos centrais das temáticas abordadas; a data em que foram realizadas. Esses são alguns dos elementos que passo a tomar como indícios que podem ajudar-me na aproximação à pesquisa microanalítica.

**Figura 1** – Mapa-múndi das viagens de Peter-Hans Kolvenbach.



**Fonte:** Elaborada pelo autor.

À luz desse mapa, podemos observar que Kolvenbach proferiu suas conferências sobre a Educação Básica em Roma (1986), Uruguai (1988), Estados Unidos da América (1989), Colômbia (1990), Chile (1990), México (1990), Messina/Itália (1991), Roma novamente (1993), Peru (1998), Polônia (1998), Índia (2006) e Malta (2007).

Também à luz desse mapa, podemos fazer uma estimativa da distância percorrida por Kolvenbach, tendo como ponto de partida e de retorno de tais viagens a cidade de Roma, uma vez que a residência do Pe. Geral se localiza no Borgo Santo Espírito, nº 03, Roma. Apenas com o deslocamento para visitas referentes à Educação Básica, Peter-Hans chegou ao total de 148.194 km percorridos. Em termos comparativos, visto que a circunferência da Terra em seu paralelo mais extenso (a Linha do Equador) tem 40.075 Km<sup>26</sup>, isso significa que as viagens de Peter-Hans, folgadoamente, equivaleriam a três voltas ininterruptas ao redor do mundo.

Com tais viagens, Peter-Hans ratificou a naturalização começada por seu antecessor imediato – Pe. Pedro Arrupe – quanto ao deslocamento dos Prepósitos Gerais da Companhia em visitas apostólicas às províncias da Companhia no mundo.

Observando a temporalidade dessas viagens, podemos destacar que apenas em 1986, após três anos do início de seu generalato, Kolvenbach se reúne com gestores da Educação Básica e escolhe Roma como local para essa reunião. Esse tempo alargado até que um grupo da Educação Básica entre em sua agenda oficial de reuniões indicia uma “espera ativa” – uma “esperança orante” no dizer do Prepósito –, a fim de que o perfil e a simbologia de tal encontro fossem adensados com o conteúdo que viria à luz como sendo as *Características da Educação da Companhia de Jesus*.

Essa contribuição da Companhia à Educação é destinada por Peter-Hans “a todos os Jesuítas e a todos os leigos<sup>27</sup> e membros de outros Institutos Religiosos que colaboram em nosso Apostolado, especialmente em nossas instituições educativas”. Tal documento é fruto do entendimento de que “o Apostolado da Educação da Companhia foi revisado seriamente nos últimos anos” e de que “não é uma nova (*sic*) *Ratio Studiorum*”, sendo identificado, antes de tudo, como “uma expressão de grande confiança na importância deste apostolado [educativo] e uma expressão de minha esperança orante de que sua efetividade na

---

<sup>26</sup> Sobre a circunferência da Terra, ver: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-os-gregos-calcularam-a-circunferencia-da-terra-ha-2200-anos/>. Acesso em: 08 ago. 2023.

<sup>27</sup> Ser leigo na Igreja Católica é uma vocação: “A vocação própria dos leigos consiste precisamente em procurar o Reino de Deus ocupando-se das realidades temporais e ordenando-as segundo Deus [...]. Pertence-lhes, de modo particular, iluminar e orientar todas as realidades temporais a que estão estreitamente ligados, de tal modo que elas sejam realizadas e prosperem constantemente segundo Cristo, para glória do Criador e Redentor”. A esse respeito, ver: Catecismo da Igreja Católica nº 897. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/catechism\\_po/index\\_new/prima-pagina-cic\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html). Acesso em: 22 fev. 2024.

consecução desses objetivos será cada vez maior”, uma vez que o *Características* “pode dar-nos a todos uma visão comum e um comum sentido de nossa finalidade; pode ser também um modelo com que nos contrastemos a nós mesmos” (Asociación de los Colegios de la Compañía de Jesús en Colombia – ACODESI<sup>28</sup>, 2009, p. 09-10).

Em 2007, mesmo estando Peter-Hans já quase no fim de sua missão como Prepósito Geral dos jesuítas<sup>29</sup>, ocorre, em Malta, uma última visita sua para um grupo do campo da Educação Básica. Nessa viagem, datada de 07 e 08 de outubro de 2007, ao celebrar o primeiro centenário do Colégio São Luiz, em Malta, e tomando essa oportunidade de fazer uma última fala, ainda como Prepósito Geral, para os que atuam na Educação Básica da Companhia de Jesus, Kolvenbach a aproveitou para apresentar duas intervenções:

- a) Uma fala aos presentes com contribuições sobre: a colaboração jesuítas-leigos na história; o serviço aos leigos em seu ministério; a formação de leigos e de jesuítas. Nessa fala, ele recapitulou historicamente o lugar e a ação dos leigos no apostolado educativo e na correlação destes com os consagrados jesuítas. À medida que tecia considerações quanto a uma identidade de missão relacional assumida por jesuítas e por leigos, Peter-Hans ainda suscitou provocativas reflexões para o futuro, propondo que, “para que haja uma igualdade na colaboração [entre leigos e jesuítas], a pergunta muda de ‘como podem os leigos, homens e mulheres, ajudar os Jesuítas em seus ministérios?’ a uma pergunta diferente: ‘como podem os Jesuítas servir aos leigos, homens e mulheres, em seus ministérios?’” (ACODESI, 2009, p. 307).
- b) Uma *homilia* na qual Peter-Hans aprofunda o evangelho do dia 07 de outubro – Lc 17,5-10 –, enfocando o problema das relações humanas, pois “ninguém amadurece ou cresce sem a ajuda dos demais. Sem o serviço e ajuda que recebemos de outros não há nem início da vida humana, nem transmissão dos conhecimentos que necessitamos e tampouco é possível participar de nossa profunda fé cristã” (ACODESI, 2009, p. 313).

---

<sup>28</sup> Sendo a ACODESI, o grupo organizador do material que constitui a empiria desta tese, as citações de documentos de Kolvenbach serão referenciadas como ACODESI, que os compilou em forma de livro virtual e impresso (cf. Figura 5, na p. 77).

<sup>29</sup> A resignação de Kolvenbach deu-se na Congregação Geral XXXV, em 2008, quando foi eleito, como novo Prepósito Geral, o Pe. Adolfo Nicolás, SJ.

Dessa maneira, confirma-se que as exposições de Peter-Hans sobre a Educação Básica ocorreram do início (1986) ao fim (2007) do seu generalato, com construções, abordagens e ofertas de seu pensamento para esse setor educacional.

## **2.1 De Kolvenbach à Rede Jesuíta: a Educação Básica na Província dos Jesuítas do Brasil**

Sobre dados do caminho institucional experienciado pelos Jesuítas do Brasil seja em seu poder de governança, seja face à oferta de Educação Básica, apresento algumas conjunturas e contextos que oportunizam um melhor entendimento de qual era o cenário nacional nas décadas em que foi expresso o pensamento kolvenbachiano acerca da Educação Básica.

Para tanto, tabulo dados de forma a poder vincular olhares *macro-* e *micro-históricos*, com o intuito de contextualizar: a) a ocorrência de mudanças e de permanências nos aspectos territoriais de governança da Companhia no Brasil; b) a reconfiguração geográfica dos locais de atuação da Ordem; c) a exposição de traços que apontam a necessidade de ressignificação do Apostolado Educacional da Companhia do Brasil sob a perspectiva de responder, por exemplo, ao decréscimo da quantidade de jesuítas atuantes na Educação Básica da Companhia no decorrer das décadas de 1980-2020.

O período aqui apresentado tem como início o ano de 1983, momento da nomeação de Peter-Hans como Prepósito Geral da Companhia. Assim, proponho estreitar o vínculo entre a periodicidade do governo de Kolvenbach e a oferta de Educação Básica da Companhia no Brasil, com vistas a aclarar o *status quo* educacional dos jesuítas no país quando do início da governança de Peter-Hans como Padre Geral. Passo, ainda, pelas governanças de Pe. Nicolás (30º Prepósito Geral) e de Pe. Sosa (31º Prepósito Geral), os quais foram seus dois sucessores imediatos. No que concerne ao fim desse período, situo-o em 2023, momento em que os Jesuítas do Brasil – e, conseqüentemente, os Colégios pertencentes à Companhia no país – já têm consolidado canonicamente o estabelecimento de uma única Província, com a governança de um único Prepósito Provincial, que abrange todo o território nacional brasileiro.

Não sendo possível desvincular a oferta da Educação Básica organizada pelos jesuítas em âmbito nacional da sua governança em termos de recursos humanos e de territorialidade, com base nos Catálogos das Províncias Jesuítas, convém apresentar o modo como estava constituída a Companhia de Jesus no Brasil, no que concerne ao governo da Ordem como divisão política nacional e à presença de jesuítas em Colégios da Companhia.

Quanto às estatísticas da presença dos jesuítas no Brasil e do número de jesuítas na Educação Básica entre 1983 e 2023, pude encontrar os dados mais relevantes, apresentados nas Tabelas 1 e 2, a seguir.

**Tabela 1** – Dados de contexto da Companhia de Jesus e dos Colégios Jesuítas no Brasil (1983-2023).

Ano	Quantidade de jesuítas no Brasil (A)	Diferença de quantidade de jesuítas no ano anterior (B)	Quantidade de jesuítas nos Colégios do Brasil (C)	Percentual entre (A) e (C)	Eventos
1983	903	- 07	238	26,3%	Eleição de Kolvenbach como Padre Geral
1984	907	+ 04	241	26,6%	Extinção da Categoria de Vice-Provínias
1985	918	+ 11	246	26,7%	-
1986	926	+ 08	238	25,7%	Carta sobre <i>Características da Educação da Companhia de Jesus</i>
1987	916	- 10	230	25,1%	-
1988	912	- 04	237	25,9%	-
1989	897	- 15	238	26,5%	-
1990	881	- 16	216	24,5%	-
1991	856	- 25	206	24%	-
1992	848	- 08	172	20,2%	Visita de Kolvenbach ao Brasil (Unisinos). Publicação de “Seleção de Escritos (1983-1990)”
1993	848	0	166	19,5%	Carta Apresentação do documento <i>Pedagogia Inaciana</i>
1994	826	- 22	154	18,6%	-
1995	826	0	96	11,6%	Separação entre Obra Apostólica e Comunidade Religiosa
1996	829	+ 03	89	10,7%	-
1997	820	- 09	88	10,7%	-
1998	818	- 02	87	10,6%	Visita de Kolvenbach ao Brasil
1999	819	+ 01	84	10,2%	Prólogo de PHK ao livro “Dizer... ao ‘indizível’”
					Término da utilização do

2000	823	+ 03	95	11,5%	latim como língua oficial do Catálogo da Companhia no Brasil <sup>30</sup>
2001	809	- 14	77	9,5%	-
2002	795	- 14	76	9,5%	-
2003	786	- 11	90	11,4%	Carta de PHK sobre “A Formação do Jesuíta”.
2004	778	- 08	76	9,7%	-
2005	788	0	80	10,1%	-
2006	758	- 30	72	9,4%	-
2007	721	- 37	78	10,8%	Publicação de “Seleção de Escritos (1991-2007)”
2008	706	- 15	74	10,4%	Renúncia de Kolvenbach ao generalato. Nomeação de Adolfo Nicolás como Padre Geral. Apresentação por PHK de seus “Discursos Universitários”.
2009	678	- 28	78	11,5%	Seleção de Escritos “O P. Peter-Hans Kolvenbach, S.J. e a Educação (1983-2007)”
2010	641	- 37	76	11,8%	-
2011	607	- 34	67	11%	-
2012	576	- 31	62	10,7%	-
2013	552	- 24	53	9,6%	-
2014	539	- 13	47	8,7%	Fundação da Província Jesuítas do Brasil (BRA) e da rede Jesuíta de Educação (RJE)
2015	524	- 15	43	7,9%	-

<sup>30</sup> A partir do ano 2000, o latim deixou de ser utilizado como língua no Catálogo da Companhia de Jesus no Brasil, de forma que o *Provinciae Brasiliae* – utilizado até 1999 – passou a ser traduzido como *Províncias do Brasil* e o *Catalogus Provinciarum Societatis Iesu* passou a intitular-se, em 2000, *Catálogo das Províncias do Brasil da Companhia de Jesus*.

2016	509	- 15	45	8,8%	Renúncia de Adolfo Nicolás ao generalato. Nomeação de Arturo Sosa como Padre Geral. Publicação do Projeto Educativo Comum PEC BRA (I Ciclo)
2017	490	- 19	49	10%	-
2018	475	- 15	39	8,2%	-
2019	458	- 17	43	9,3%	O latim volta ao título do Catálogo da Companhia no Brasil. Publicação dos seguintes documentos: “A Companhia de Jesus e o Direito a uma Educação de Qualidade” (Conferência dos provinciais da América Latina - CPAL) e “Tradição Viva” (SJ Educatio)
2020	444	- 14	40	9%	-
2021	420	- 24	42	10%	Publicação do Projeto Educativo Comum BRA (II Ciclo)
2022	429	+ 09	38	8,8%	-
2023	403	- 26	35	8,5%	-

**Fonte:** Elaborada pelo autor.

Algumas leituras dos dados tabulados: a média da quantidade de jesuítas no período de 1983 a 2023 é de 674 jesuítas, sendo o seu número máximo 926 no ano de 1986 e seu número mínimo, 403 no ano de 2023. A diminuição de jesuítas no período, por morte ou por saída da Ordem, totalizou 523 jesuítas. Em sua maior proporção (1989), um em cada quatro jesuítas no Brasil estava envolvido com a Educação Básica (26%). Em sua menor proporção

(2018), um em cada doze jesuítas trabalhava nos Colégios da Companhia no país, isto é, 92% do total dos jesuítas em âmbito nacional não atuava na Educação Básica nos Colégios da Companhia.

A respeito do cenário de escassez de jesuítas – e da manutenção de Obras Apostólicas – que acomete a Companhia no mundo e serve ainda para entender tal fenômeno no Brasil, resgato de Valero (2007, p. 156) uma pertinente ponderação:

O que é mais surpreendente, a carga de trabalho apostólico da Companhia no mundo, em seu conjunto, apesar da diminuição tão drástica de pessoal, não é menor, mas certamente maior agora do que foi nos tempos dos grandes números. Dela disse o Pe. Kolvenbach, na reunião de Loyola, 2005, ao apresentar a situação de nossos Ministérios, uma frase muito densa e carregada de sentido e talvez também de presságio: ‘Em geral, nossa Rede Apostólica segue sendo impressionante e, falando em linguagem de Santo Inácio, produz muito fruto. Mas é frágil e pode sê-lo mais ainda nos próximos anos. Na maioria das vezes estamos trabalhando acima de nossas possibilidades humanas e financeiras.

Foi em 1540 – ano da fundação da Ordem – que se abriu em Messina/Itália o primeiro Colégio da Companhia de Jesus para estudantes externos (Giard, 2006, p. 24). Desde então, a Educação Básica foi se configurando como a atividade mais pujante da Companhia, haja vista as mais de duas mil e quinhentas instituições que são administradas pela Companhia nesse seguimento educacional, no qual atende a quase dois milhões e meio de estudantes do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, do Ensino Fundamental – Anos Finais e do Ensino Médio<sup>31</sup>.

A diminuição mais forte de jesuítas ocorreu entre 1994 e 1995, passando de 154 para 96 o número de jesuítas que tinham vinculação com os Colégios. Contudo, analiso que essa diminuição recorde em tão curto período (58 jesuítas a menos em dois anos) deveu-se não a fatores como morte ou desligamento do religioso da Instituição. Entendo tal dado como uma consequência da atualização ocorrida na Ordem, que se reestruturou aclarando a distinção entre os jesuítas que vivem nas residências dos Colégios e aqueles que, de fato, tem vínculo laboral com o colégio, ou seja, realizam um trabalho diretamente ligado ao fazer educacional. Tal distinção se explicita ao se entender que, para a Ordem, a comunidade é composta de “todos os grupos de membros da Companhia legitimamente constituídos sob autoridade de

---

<sup>31</sup> Sobre a quantidade de escolas da Companhia de Jesus no mundo, ver: [https://storage.googleapis.com/educatemagis.org/Map/2019/ENGLISH/Small%20Maps/EM\\_Small\\_Map\\_ENGLISH\\_US\\_Rev03.pdf](https://storage.googleapis.com/educatemagis.org/Map/2019/ENGLISH/Small%20Maps/EM_Small_Map_ENGLISH_US_Rev03.pdf). Acesso em: 13 set. 2020.

um mesmo Superior local” (Companhia de Jesus, 2004. p. 297), ao passo que a instituição apostólica se define como

as obras próprias da Companhia que possuem certa unidade e estabilidade como organizações para fins apostólicos, como o são as universidades, colégios, casas de exercícios, revistas e outras entidades deste gênero, em que os membros da Companhia exercem seu trabalho apostólico. (Companhia de Jesus, 2004, p. 297).

Foi nesse momento (1995) que foram promulgadas as Normas Complementares, nas quais consta a diferença que deveria se estabelecer entre, de um lado, comunidades e, de outro lado, instituições apostólicas. Em um tempo no qual as comunidades religiosas existiam dentro do mesmo complexo predial em que ocorriam as atividades do Colégio, tal distinção fez com que os jesuítas dessas “comunidades de colégio” fossem mobilizados a deslocar-se para casas fora dos muros das escolas ou que, ao menos, ficasse clara a delimitação espacial entre comunidade jesuíta e obra educacional. Assim ficou formulada tal mudança: “seja estabelecida uma clara distinção entre as comunidades e as instituições apostólicas ao menos quanto à distinção e usufruto de bens e as respectivas contabilidades” (Companhia de Jesus, 2004, p. 297). Nessa separação de bens, introduziu-se também o entendimento de disjunção imobiliária e de patrimônio com pessoas jurídicas distintas para a comunidade e para o colégio jesuíta.

Acerca da Estrutura de Governo da Companhia de Jesus no Brasil através de sua divisão política<sup>32</sup>, cheguei à configuração indicada na Tabela 2, a seguir:

---

<sup>32</sup> A Igreja estabelece sua própria divisão territorial nas nações em que atua. Dessa forma, a divisão política de um país em Cidades, Estados, Municípios, Vilas etc. é uma configuração civil que dá lugar a territorialidades denominadas eclesialmente como Arquidioceses, Dioceses, Prelazias, Paróquias, Santuários, Capelarias etc. De igual maneira, a Companhia de Jesus tem seu modo próprio de se configurar politicamente em territórios nacionais, intranacionais e transnacionais, por meio de Províncias, Vice Províncias, Distritos, Núcleos Apostólicos, Plataformas Apostólicas, Regiões, Assistências.

**Tabela 2** – Configuração da divisão política/estrutura de Governo dos Jesuítas no Brasil (1983-2023).

<b>Territorialidade / Ano</b>	<b>Província</b>	<b>Vice Província</b>	<b>Região</b>	<b>Distrito</b>	<b>Plataforma Apostólica</b>	<b>Núcleo Apostólico</b>
1983	02	02	-	-	-	-
1984	04	-	-	-	-	-
1996	04	-	-	01	-	-
2000	04	-	01	01	-	-
2006	03	-	02	-	-	-
2008	03	-	01	-	-	-
2014	01	-	-	-	07	-
2018	01	-	-	-	-	19
2019	01	-	-	-	-	20

**Fonte:** Elaborada pelo autor.

A partir dos dados organizados na Tabela 2 e conforme os mapas presentes nos Catálogos das Províncias Jesuítas do Brasil, assim se apresentam as configurações da divisão política da Companhia de Jesus – sua territorialidade e sua abrangência:

- a) Em 1983, havia no Brasil duas Províncias – Brasil Meridional e Brasil Centro Leste – e duas Vice Províncias – Vice Província da Bahia, que também abrangia toda a Região Norte do país, e Vice Província Brasil Setentrional.
- b) A partir de 1984 – no segundo ano de generalato de Pe. Kolvenbach –, foram extintas as Vice Províncias, sendo estas transformadas em Províncias.
- c) Quatro anos após a realização, no Rio de Janeiro, da ECO-92<sup>33</sup>, que foi a I Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Região

<sup>33</sup> Sobre a ECO-92, ver: <https://www.politize.com.br/eco-92/>. Acesso em: 12 ago. 2023.

Norte do país passou, em 1996, à categoria administrativa de Distrito, como Distrito da Amazônia – DIA –, ainda sob responsabilidade da Província da Bahia.

- d) No ano 2000, o território brasileiro sofreu nova alteração administrativa por parte da governança da Companhia de Jesus. O Brasil passou a ter quatro Províncias, um Distrito e uma Região. Nessa nova reconfiguração, o Centro-Oeste do país passou a ser uma Região administrativa, dependente da Província do Brasil Meridional.
- e) Em 2006, com a criação da Província do Brasil Nordeste onde antes havia a Província da Bahia e a Província do Brasil Setentrional e com a elevação do Distrito da Amazônia à Região da Amazônia, o Brasil passou a ter três províncias e duas Regiões. Esse foi o momento em que o território nacional teve o maior número de unidades distintas sendo administradas pela Companhia de Jesus.
- f) Em 2008, a Província do Brasil Meridional voltou a englobar o que antes era a Região do Mato Grosso, de maneira que a Companhia no Brasil passou a se configurar com três Províncias e uma Região.
- g) Em 2015, ocorreu a fundação de uma Província única (BRA), que abrange todo o território nacional. Após a promulgação de sua existência, foram extintas as Províncias do Brasil Nordeste, Meridional, Centro-Leste e a Região da Amazônia. A Província Jesuítas do Brasil foi constituída em modelo de experimentação (*Ad experimentum*), com sete Plataformas Apostólicas em sua subdivisão interna de administração e de governo da Companhia no Brasil.
- h) Em 2018, terminados os três anos de experimentação (2015-2017) do modelo de governo BRA em sete Plataformas Apostólicas, elas foram descontinuadas e deram lugar a dezenove Núcleos Apostólicos, configuração que perdura até o presente ano de 2024 (*cf.* Figura 2, a seguir).

**Figura 2** – Divisão Política da Província dos Jesuítas do Brasil (2023).



**Fonte:** Elaborada pelo autor.

Até aqui se dá o recorte temporal de 1983 a 2023, com as reconfigurações administrativas da Companhia de Jesus no território brasileiro. Considero que as oito mudanças na divisão política da Companhia no Brasil, nesse período de quarenta anos, apontam para uma mobilidade que visa responder aos tempos, aos lugares e aos contextos internos e externos pelos quais passou a Ordem e nos quais ela esteve inserida.

Já no Quadro 1, a seguir, apresento uma síntese do surgimento e da organização da governança para a Educação Básica da Companhia de Jesus no Brasil (segunda coluna) e indico quais foram as disposições do Ministério da Educação (MEC) no período (terceira coluna) entre 1983 e 2023, com vistas à vinculação entre os contextos políticos da governança da RJE e do Governo Federal.

**Quadro 1** – Síntese da organização para a governança da Educação Básica da Companhia de Jesus no Brasil e dispositivos legais do MEC<sup>34</sup> (1983-2023).

Ano	Encargos nacionais da Companhia de Jesus	Legislação do Governo Federal – Ministério da Educação
1983	<i>Comissio Educationis</i> Data de criação: 1977	-
1990	-	DECRETO N.º 99.678, DE 8 DE NOVEMBRO DE 1990 Aprova a Estrutura Regimental do Ministério da Educação e dá outras providências.
1996	-	LEI N.º 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996 Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.
1997	-	MEDIDA PROVISÓRIA N.º 1.568 DE 14 DE FEVEREIRO DE 1997 Transforma o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP em Autarquia Federal, e dá outras providências.
1998	Criação do <i>Consilium Nationale Edicationis Jesuíticae in Brasília</i> (CONSEJ)	-
2002	Criação da Comissão de Educação Criação do Grupo de Reflexão Pedagógica Inaciana (GREPI)	-
2004	Criação da Comissão Nacional de Educação Jesuíta (CONEJ)	-
2005	Criação da Associação Brasileira de Colégios Jesuítas (ABCJ)	-
2013	Criação da Coordenação de transição da Educação Básica	-
2014	Criação da Delegacia Nacional para Educação Básica	LEI N.º 13.005, DE 25 DE JUNHO DE 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências.
2018	Criação do Secretariado para Educação Criação da Diretoria/Presidência da Rede Jesuíta de Educação	-
2019	-	PORTARIA N.º 1.372, DE 16 DE JULHO DE 2019 Institui a Comissão Brasileira do Braille.
		PORTARIA N.º 14, DE 3 DE JANEIRO DE 2020 Estabelece o regulamento do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes - Enade, edição 2020. PORTARIA N.º 329, DE 11 DE MARÇO DE 2020

<sup>34</sup> Sobre dispositivos legais do MEC, ver: <https://www.gov.br/mec/pt-br/acao-a-informacao/institucional/atos-normativos>. Acesso em: 16 ago. 2023.

2020	-	Institui o Comitê Operativo de Emergência do Ministério da Educação - COE/MEC, no âmbito do Ministério da Educação.
		PORTARIA Nº 503, DE 28 DE MAIO DE 2020 Institui a Política de Governança do Ministério da Educação - MEC e dá outras providências.
		PORTARIA Nº 503, DE 28 DE MAIO DE 2020 Institui a Política de Governança do Ministério da Educação - MEC e dá outras providências.
		PORTARIA Nº 784, DE 30 DE SETEMBRO DE 2020 Publica listagem completa dos atos normativos inferiores a decreto vigentes no âmbito do Ministério da Educação.
2021	-	PORTARIA Nº 23, DE 19 DE JANEIRO DE 2021 Define as ações e metas do exercício de 2020/2021 relativas a programas, projetos e atividades prioritárias para a avaliação de desempenho institucional do Ministério da Educação.
2022	-	PORTARIA Nº 1.008, DE 13 DE DEZEMBRO DE 2022 Dispõe sobre procedimentos relacionados ao tratamento, à segurança e à classificação da informação no âmbito do Ministério da Educação - MEC.
2023	Criação da Presidência da Rede Jesuíta de Educação	-

**Fonte:** Elaborado pelo autor.

Buscando estabelecer possíveis correlações entre os dois contextos políticos, podemos verificar as ausências de vínculos imediatos entre os dispositivos estabelecidos pelo MEC e a estrutura de governança nacional da Companhia de Jesus para a Educação Básica. As obras educativas confessionais obedecem aos dispositivos legais vigentes, estando a eles subordinados – é o MEC quem regula e autoriza ou não o funcionamento de escolas e colégios não estatais no país. Contudo, as ausências de correlação explicitadas no ‘Quadro 1’ apontam que a existência e o desenvolvimento de um grupo gestor da Educação Básica para a Companhia de Jesus no Brasil não são guiados ou estão diretamente vinculados aos movimentos da política educacional nacional em termos de legislação.

Embora no ano de 2014 tenha ocorrido uma concomitância entre a criação da Delegacia para Educação Básica da Companhia de Jesus e a aprovação do Plano Nacional de Educação (PNE), não se trata de eventos correlacionados *a priori*. No arco desses quarenta anos (1983-2023), dez foram as mudanças estabelecidas pela Companhia de Jesus na montagem e na organização de grupos gestores da Educação Básica nos Colégios Jesuítas no Brasil. No mesmo período, o MEC criou um Decreto, duas Leis, uma Medida Provisória e oito Portarias.

Avelar e Schmidt (2012, p. 26) apontam uma nova forma de entender o indivíduo no campo historiográfico em relação à mutabilidade substantiva à produção-vida que se quer pesquisar, não se configurando como um resgate da memória, mas sim como uma construção dessa memória. Nesse sentido de construir memória – e de analisar esquecimentos –, uma das proposições que formulo, para finalização deste capítulo de contextualização, é a de buscar compreender se e como Peter-Hans é ou não lembrado através de citações dele em estudos acadêmicos por parte de docentes e de gestores da Educação Básica.

Lancei-me a esta busca tendo no horizonte duas perspectivas em direções opostas. Por um lado, a existência de citações diretas de Kolvenbach, em produções científicas sobre a Educação Básica no Brasil, ajudaria a confirmar o recurso ao pensamento kolvenbachiano para a educação. Por outro lado, a ausência de tais citações ajudaria a fortalecer a tese aqui defendida no sentido de evidenciar – retirar do esquecimento, criar memória – e usar o pensamento educacional kolvenbachiano. Entendo que, em ambos os casos – existência ou ausência de citações –, a tese é oportuna. No primeiro caso, se Kolvenbach fosse citado, a aplicação de seu pensamento acerca da educação já estaria em marcha e eu encontraria pares pesquisadores para adensamento e aprofundamento na temática por mim investigada. No segundo caso, se Peter-Hans não fosse citado diretamente no escopo dos dois repositórios aqui pesquisados quanto ao recurso a seu pensamento sobre a Educação Básica, o estudo se confirmaria como possível ajuda àqueles que estudam os métodos, as aplicações e os paradigmas educacionais inicianos e jesuíticos no campo da educação nacional, uma vez que teriam acesso a um viés e a uma pesquisa originais como fontes de busca.

Duas foram as plataformas de que me vali por entendê-las como vinculadas a uma identidade institucional jesuítica de pesquisa no Ensino Superior: o Centro Virtual de

Pedagogia Inaciana<sup>35</sup> e o Repositório Digital Biblioteca UNISINOS<sup>36</sup>. Tais plataformas são assim apresentadas:

a) O Centro Virtual de Pedagogia Inaciana

tem a sua origem na decisão da 8ª assembleia da Conferência de Provinciais da América Latina, em 2003, de criar o Serviço Latino-americano de Pedagogia Inaciana (SELAPI) como um serviço de informação, documentação, comunicação e consulta sobre esse tema considerando a crescente produção de estudos, ensaios, teses, livros, seminários, cursos, oficinas, pós-graduações e, inclusive, Programas de educação à distância sobre diversos aspectos da Pedagogia Inaciana. Mais adiante (2007) se decidiu renomear o projeto como Centro Virtual de Pedagogia Inaciana (CVPI).

b) O Repositório UNISINOS

homenageia o jesuíta italiano Pe. Roberto Busa, pioneiro no uso da informática linguística e, também, autor de Index Thomisticus, a mais completa lematização das obras de São Tomás de Aquino.

O objetivo do RDBU é fazer a gestão e disseminação da produção científica e acadêmica da Universidade em meio digital, assegurando a visibilidade nacional e internacional da pesquisa produzida.

Em ambos os repositórios, a pesquisa que realizei teve a sigla RJE (Rede Jesuíta de Educação) como recorte de busca. Assim, poderia focar no que os pesquisadores das obras educacionais jesuíticas que compõem a Rede estão produzindo como artigos, dissertações, monografias.

Quanto a trabalhos postados por pesquisadores Repositório do CVPI e que tiveram a Rede Jesuíta de Educação como palavra-chave de pesquisa, encontrei dez resultados, dentre os quais dois atendem ao critério de ter citação direta de Kolvenbach em sua composição. São eles: o Projeto Educativo Comum da Província dos Jesuítas do Brasil (2016), que cita a Carta de Kolvenbach sobre as *Características da Educação da Companhia de Jesus* (1993); e a Associação dos Colégios Jesuítas (1998), que cita a alocução *A Pedagogia Inaciana Hoje* (1993).

No Repositório da Biblioteca Digital da UNISINOS, dos vinte e quatro textos que apresentam como palavra-chave a expressão *Rede Jesuíta de Educação*, três dissertações

---

<sup>35</sup> Sobre o CVPI, ver: <https://pedagogiaignaciana.com/somos/quienes-somos>. Acesso em: 16 ago. 2023.

<sup>36</sup> Sobre o RDBU, ver: <http://repositorio.jesuita.org.br/>. Acesso em: 17 ago. 2023.

contêm citações diretas de Kolvenbach. Dois são os textos kolvenbachianos citados: “Carta sobre o Paradigma Pedagógico Inaciano” (1993) – com duas ocorrências – e “Mensagem ao Simpósio Internacional de Teologia e Humanismo Cristão” (2000) – com uma ocorrência.

Por fim, ao me debruçar sobre minha própria pesquisa de mestrado (2018), verifiquei que quatro materiais de Kolvenbach foram por mim utilizados como fontes de pesquisa: “Lenguaje y antropología: el Diario Espiritual de San Ignacio”. Napoli: CIS, (1991). *Selección de escritos: 1983-1990. Madrid: Provincia de España de la Compañía de Jesús, (1992); Decir... al “Indecible”. Mesajero: Sal Terrae; Bilbao: Santander, (1999); Selección de escritos: 1991-2007. Madrid: Provincia de España de la Compañía de Jesús, (2007).*

Também summarizei outros dez textos de Kolvenbach que, já à época da dissertação, estavam em meu campo de interesses de pesquisa (Lima, 2018), mas que não foram aprofundados, uma vez que outro era meu objeto de estudo – a gestão educacional jesuítica na RJE:

O caminho percorrido por Kolvenbach (1992) em seu generalato no que se referente às suas composições escritas sobre gestão educacional é composto por dez documentos que seriam muito extensos de analisar na composição desse momento do texto. Porém, para que conste como efeito de registro e possível futura fonte bibliográfica da riqueza do material, segue-se uma lista de itens e subitens desses insumos que versam sobre: a) as Características da Educação Jesuítica (1986); b) a visão inaciana da Comunidade educativa (1986); c) o papel dos leigos e jesuítas na obra educativa comum (1988); d) a importância da família na educação; e) a importância de formar o espírito e o coração (1990); f) a formação integral (1990); g) os valores e as dificuldades da educação (1990); h) abertura do Congresso de estudos internacionais sobre a Pedagogia Inaciana (1991); i) o compromisso da Companhia de Jesus no setor de educação (1998); j) os desafios da educação cristã às portas do terceiro milênio (1998).

Por se tratar de uma exposição cujo enfoque era a Gestão Educacional, mencionei a possibilidade de pesquisas futuras, o que está sendo contemplado nesta investigação; assim, o “eu pesquisador” de ontem se encontra com o “eu pesquisador” de hoje... E seguimos.

Foi prazeroso encontrar citações de Kolvenbach, ainda que esparsas, em produções acadêmicas. Contudo, pude notar que tais citações são ainda erráticas e focam-se, em sua maioria, em uma superfície do que Peter-Hans produziu e que está atrelada a textos educacionais da Companhia. Em outros termos, não há exposição significativa quanto ao conhecimento científico que pode ser atribuído às contribuições do pensamento

kolvenbachiano para a Educação Básica no Brasil. É, pois, esta lacuna que a presente pesquisa busca ajudar a suprir.

Nessa busca, observei com surpresa que alguns autores citam como sendo de autoria de Peter-Hans Kolvenbach o *Pedagogia Inaciana: uma proposta prática* e o *Características da Educação da Companhia de Jesus*. Entretanto, tais textos são formulações coletivas, construídas sim no generalato de Kolvenbach e por ele aprovadas, mas não de sua autoria exclusiva: tanto o *Características* quanto o *Pedagogia Inaciana* foram elaborados pela Comissão Internacional para o Apostolado da Educação. Ter observado citações ou referências errôneas a Kolvenbach – que lhe atribuem a autoria de produções que não são suas – serve de indício para o necessário esclarecimento do lugar e das contribuições do pensamento kolvenbachiano para a Educação Básica, que é justamente aquilo que aqui venho tecendo.

Neste capítulo, percorri um caminho contextual que abordou aspectos como o que é ser um Preósito Geral, quem era P.-H. Kolvenbach, o que dele se esperava como gestor da Companhia, a composição de um mapa dos países e dos Colégios pelos quais PHK passou, a relação entre a Educação Básica e a Província dos Jesuítas no Brasil, assim como citações de Kolvenbach em pesquisas acadêmicas. No capítulo seguinte, concentrar-me-ei na base teórico-metodológica que fundamenta este estudo, o que farei a partir de leituras da micro-história (Ginzburg, 1989, 1991, 2006, 2007; Levi, 2016), da microanálise (Levi, 1992; Revel, 1998), da análise documental histórica (Le Goff, 1990) e do conceito de *identidade* (Hall, 2020, 2022).

### 3 PELOS CAMINHOS DA MICRO-HISTÓRIA: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

*Antes de tudo, [Microstorie] pretende ser a reconstrução dos momentos, situações, pessoas que, observados com olhar analítico, em um âmbito circunscrito, recuperam um peso e uma cor. (Levi, 2016, p. 23).*

Escrevo este capítulo com intenção semelhante àquela apontada por Levi de dar “peso e cor” ao objeto de estudo – neste caso, as contribuições kolvenbachianas para a Educação Básica. Para tanto, a partir da micro-história, busco reconstruir momentos, pessoas e situações que encontrei no decorrer da investigação e que indicam contribuições dos documentos de Peter-Hans para o referido segmento educacional. A primeira vez que ouvi falar em micro-história foi por meio de minha orientadora de doutorado – a Profa. Dra. Luciane Sgarbi Grazziotin. A esse propósito, posso me espelhar em Ginzburg (2007, p. 249) quando este narra sua primeira aproximação do termo *micro-história*:

Creio que a primeira vez que ouvi falar de ‘micro-história’ foi em 1977 ou 1978, da boca de Giovanni Levi. Acho que me apropriei dessa palavra nunca ouvida sem pedir elucidações sobre o seu significado literal: devo ter me contentado, imagino, com a referência à escala reduzida de observação que o prefixo ‘micro’ sugere. Lembro-me bem, no entanto, de que as nossas conversas de então falavam de ‘micro-história’ como uma etiqueta colada numa caixa historiográfica a ser preenchida.

É no artigo “Sinais: Raízes de um paradigma indiciário” que Ginzburg expõe uma justificativa, em termos teóricos e gerais, de um modo de fazer pesquisa filiado à micro-história, não sem antes apontar que o paradigma indiciário embasado na semiótica, no final do século XIX, começou a se firmar nas ciências humanas (Ginzburg, 1989). Tal paradigma se concentra em “uma atitude orientada para análise de casos individuais, reconstruíveis somente através de pistas, sintomas e indícios” (Ginzburg, 1989, p. 154).

Por trás de tal modelo epistemológico indiciário, pode-se entrever “o gesto talvez mais antigo da história intelectual do gênero humano: o do caçador agachado na lama, que escruta as pistas da presa” (Ginzburg, 1989, p. 154). Assim me reconheço, agachando-me para observar o universo da produção de Peter-Hans Kolvenbach, escrutando suas

expressões, suas palavras e seus sentidos acerca da Educação Básica como pistas de sua contribuição para a Rede Jesuíta de Educação no Brasil.

De acordo com Espada Lima (2006), nesse artigo, Ginzburg estabelece um modelo para as ciências humanas quanto à análise das raízes e das implicações do objeto estudado, com vistas a tomar distância do racionalismo galileano e do irracionalismo das propostas que recusavam a própria possibilidade do conhecimento. Já que “para além desses dois polos nos quais parecia querer situar a ciência dos homens, Ginzburg propunha uma radicalização na direção de um paradigma indiciário que fosse, também ao seu modo, rigoroso” (Espada Lima, 2006, p. 341-342).

Para a micro-história, a abordagem indiciária de Ginzburg contribui na direção do “rigor flexível exigido pelo caráter iminente indireto e conjectural das ciências do homem e, imporia, portanto, a necessidade, de outras formas de definição de verdade e de prova, que dessem conta de sua ‘cientificidade *sui generis*’” (Espada Lima, 2006, p. 341-342).

Sinteticamente, nos termos indicados por Espada Lima (2006, p. 147),

A micro-história se constituiu e se desenvolveu a partir de alguns eixos temáticos e metodológicos que podem ser demarcados com alguma clareza. Por um lado, a microanálise das redes de relações sociais como processo definidor da história social, e a redução da escala de análise como operação passível de ser realizada sobre problemas historiográficos de qualquer dimensão (e, desse modo, as biografias e estudos de caso como objetos de análise privilegiados). Por outro lado, o fragmento como via de acesso aos objetos de indagação histórica, a crítica ao relativismo historiográfico e, portanto, a interrogação do lugar da narrativa dentro da História.

De certo modo, vejo-me indo com Ginzburg ao “avesso do avesso” da história e partindo para pesquisas acerca dos escritos de Kolvenbach sobre a Educação Básica em uma temporalidade na qual os educadores jesuítas e inicianos já não estão sob a influência de um padroado nem são maquinadores do poder político, tampouco são enviados por reis na condição de missionários-evangelizadores-colonizadores no além-mar, como ocorreu entre os séculos XVI e XVIII.

Esse percurso – iniciado na Europa e que alcançou todos os continentes – aponta para duas direções de investigação. Por um lado, estudos que abordem o tempo e os educadores do presente na Rede Jesuíta de Educação no Brasil – estudos cujos recortes são de curta

duração. Por outro lado, estudos que abordem as crenças e as imagens enraizadas historicamente ao longo dos séculos de atuação da Companhia de Jesus no campo da educação – estudos cujos recortes são de longa duração. Assim, a opção aqui feita pela micro-história como aporte teórico me posiciona na linha da primeira direção de investigação, ou seja, o viés historiográfico da curta duração (Espada Lima, 2006).

Dessa forma, na presente investigação, assumo os princípios da análise micro-histórica, sendo signos de redução de escala de análise o governo dos Prepósitos Gerais, a Companhia de Jesus e a Educação as fontes seriais e as contribuições do pensamento kolvenbachiano para a Educação Básica.

Para tanto, utilizo o trabalho em pequena escala como abordagem teórico-metodológica, entendendo “a micro-história como uma prática que é essencialmente baseada na redução da escala da observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental” (Levi, 1992, p. 136). Entendo, ainda, que é na observação microscópica onde se revelam fatores que não foram observados previamente, sendo esse o princípio unificador de toda pesquisa micro histórica.

Assim, não se trata de tomar a conceituação de escala como um fator inerente a todos os sistemas sociais ou como uma característica importante em contextos de interação – encontrando-se, aí, um de seus limites –; trata-se, antes, de tomá-la como um “um objeto de análise que serve para medir as dimensões no campo dos relacionamentos”. Logo, “Para a micro-história, a redução da escala é um procedimento analítico, que pode ser aplicado em qualquer lugar, independentemente das dimensões do objeto analisado” (Levi, 1992, p. 137).

Um reforço pertinente para a conceituação de escala como aqui está sendo abordada é a ideia de que

a escala tem sua própria existência na realidade é aceita, até por aqueles que consideram que a micro-análise só opera através do exemplo, ou seja, como um processo analítico simplificado – a seleção de um ponto específico da vida real, a partir do qual se exemplificam conceitos gerais – em vez de funcionar como um ponto de partida para um movimento mais amplo em direção à generalização. (Levi, 1992, p. 138).

Ao ir escalonando, de forma cada vez mais reduzida, lugares e tempos diversos de observação e de análise, nos sete anos de pesquisa cobertos por seus estudos (1971-1978), Levi ajuda a entender que os jogos de escalas não se prestam para “revelar as conexões entre

as comunidades dentro de uma região, entre as regiões dentro de um país e assim por diante”, já que tais conexões internas tornam-se imediatamente óbvias ao, por exemplo, poder-se vincular a compra de um pão por alguém e o mercado mundial de trigo (LEVI, 1992. p. 137).

Na pesquisa que realizo sobre o pensamento de Kolvenbach acerca da Educação Básica, compreendo a aplicação dessa teorização embasado no entendimento de conexões não lineares, nem temporal nem geograficamente, entre os grupos humanos aos quais ele falou, nos lugares por ele visitados e nos tempos transcorridos entre suas visitas aos Colégios da Companhia no mundo.

Dentre os trinta e um Prepósitos Gerais que passaram pela Companhia de Jesus no período de 1541 a 2023, meu foco reside em seu 29º Prepósito, Peter-Hans Kolvenbach, cuja eleição ocorreu quando a Companhia estava sob intervenção de um Delegado Papal, de modo que seria missão do novo Padre Geral desfazer as desavenças internas, aparar as arestas externas e colocar a Companhia de volta nos trilhos. Para tanto, o recém-eleito precisou sair do contexto em que a Ordem se encontrava nas duas décadas após o Concílio Ecumênico Vaticano (1963-1965) – qual seja, um contexto de crise de identidade institucional tanto no carisma quanto no apostolado educativo dos Jesuítas.

Sobre Kolvenbach, investigo apenas suas formulações documentais escritas. Dentre tais documentos, trato apenas daqueles voltados à área educacional e, dentre estes documentos, somente os direcionados à Educação Básica. Contudo, ao pesquisar o pensamento kolvenbachiano sobre a Educação Básica, descubro chaves de compreensão de categorias de análise e de unidades de significado sobre uma possível identidade institucional quanto ao sentido da educação, chaves aqui apresentadas por mim à luz de um pesquisador e gestor jesuíta, que transitou entre os séculos XX e XXI.

Portanto, o método micro-histórico é aqui aplicado ao estudo dos documentos de Peter-Hans sobre a Educação Básica. Nessa aplicação, o recorte da empiria passa do enfoque *micro* em um percurso específico, de uma pessoa concreta, para a referencialidade de temas *macro*, com perspectiva e sentido universais.

Trago, nesse momento, algumas das muitas compreensões da micro-história que ajudam a entender e a embasar a proposta desta pesquisa de visibilizar os estudos educacionais kolvenbachianos. Desse modo, “o normal e o cotidiano tornam-se protagonistas da história e as situações singulares assumem a intensidade de pontos de vista

pelas quais explicam os funcionamentos sociais globais” (Levi, 2016. p. 24). Nessa direção, em seus discursos educacionais, Peter-Hans aborda temas singulares, mas de amplo alcance, como: uma sociedade que luta pela justiça; características culturais como riqueza patrimonial; a formação identitária de um sujeito autônomo; a existência de um cenário onde a cultura da paz universal é um lugar a ser alcançado; o desenvolvimento humano como propósito da Educação Básica (ACODESI, 2009).

Outro esclarecimento acerca do caminho teórico-metodológico percorrido nesta pesquisa diz respeito ao fato de os textos kolvenbachianos serem por mim tomados não como bibliografia, mas como *documentos*, no sentido que Le Goff (1990) atribui a tal termo:

A concepção do documento/monumento é, pois, independente da revolução documental e entre os seus objetivos está o de evitar que esta revolução necessária se transforme num derivativo e desvie o historiador do seu dever principal: a crítica do documento – qualquer que ele seja – enquanto monumento. (Le Goff, 1990, p. 470).

Dessa forma,

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa. (Le Goff, 1990, p. 470).

Ao atestar, portanto, que aquilo que transforma um documento em monumento é o seu uso por quem detém o poder, situo os textos concernentes ao pensamento educacional kolvenbachiano como documentos históricos, porque foram utilizados pelo governo da Companhia. Na Espanha e na Colômbia, tal governo editou, compilou e produziu as Seleções de Escritos de Peter-Hans – as quais constituem a empiria do presente estudo – como traços e indícios para a condução de um processo identitário das instituições educacionais jesuítas. Nesse processo, identifico os documentos em diferentes espaços de guarda.

### 3.1 A materialidade do pensamento de Kolvenbach: a guarda documental

A materialidade do pensamento de Kolvenbach se deu por meio de seus escritos, que podem ser encontrados em alguns espaços de guarda documental da Companhia de Jesus. Destaco o caminho que percorri em quatro desses espaços: o Memorial Peter-Hans Kolvenbach; a *Acta Romana Societatis Iesu* (ARSI); o repositório de Peter-Hans existente na Biblioteca da Cúria Geral em Roma; as seleções de seus textos em forma de compêndios.

No Memorial sobre Peter-Hans Kolvenbach, observei um foco em quatro aspectos da vida de Peter-Hans: primeiros anos e vocação; um especialista no Oriente Próximo; Superior Geral; Regresso ao Oriente Próximo e último anos. Por considerar que o material presente no Memorial toca apenas de modo tangencial o objeto desta pesquisa, construí um estudo daquilo que nele é apresentado e o incorporei como Apêndice B, no intuito de evidenciar tal espaço de guarda como ambiência que pode fundamentar maior apropriação do legado biográfico de Pete-Hans.

Procedi, igualmente, à busca em um espaço de custódia documental de acesso restrito a membros da Ordem, espaço no qual estão presentes variados textos do governo universal da Companhia e da Igreja referente a Kolvenbach: a *Acta romana Societatis Iesu*.

Logrei êxito no ingresso ao espaço virtual de guarda dessas atas e pude obter os seus arquivos digitais – em área restrita para jesuítas através de contrassenha pessoal e intransferível. Esse espaço contém não só o repositório de arquivos do período do generalato de Kolvenbach (1983-2008), mas também remonta ao ano de 1965 e estendendo-se até o ano de 2019. Também obtive, na biblioteca da residência jesuíta em Teresina/Piauí, os arquivos físicos das publicações durante essa temporalidade, como mostra a Fotografia 1, a seguir.

**Fotografia 1** – Coleção *Acta Romana Societatis Iesu*.



**Fonte:** Arquivo pessoal.

Ao analisar o material, verifiquei que tal conjunto de arquivos era paralelo ao foco desta tese – o pensamento kolvenbachiano acerca da Educação Básica –, de modo que não havia razão para aqui aprofundá-lo. Contudo, não querendo descartar a oportunidade de exposição do método de registro da Companhia quanto a seus arquivos, optei por elaborar um quadro expositivo – indicado e analisado como Apêndice A –, contemplando os anos entre 1983 e 2008 em termos de citações sobre, de ou para Peter-Hans Kolvenbach através dos seguintes marcadores: *ano, número de ocorrências, exemplo de citação/tema, língua*.

Em seu contexto, Peter-Hans adensou temas em várias áreas do conhecimento, como questões sociais, eclesiais, da espiritualidade, da linguística, da Educação Superior, do campo do Apostolado Intelectual etc. Pude acessar a materialidade de parte dessa escrita quando, em setembro de 2022, estive presente no Encontro Internacional dos Jesuítas Irmãos na Cúria Romana da Companhia de Jesus<sup>37</sup>. Nessa ocasião, aproveitei para pesquisar a existência de escritos kolvenbachianos no espaço de guarda documental da Biblioteca Pe. Hans Kolvenbach<sup>38</sup>.

---

<sup>37</sup> Sobre o Encontro Internacional dos Jesuítas Irmãos, ver: <https://jesuits.eu/news/2211-international-meeting-of-jesuit-brothers>. Acesso em: 09 out. 2023.

<sup>38</sup> Sobre a Biblioteca Peter-Hans Kolvenbach, ver: <https://www.jesuits.global/es/p-general/archivos-y-biblioteca/biblioteca-kolvenbach/>. Acesso em: 06 set. 2020.

No que concerne ao repositório de Peter-Hans na Biblioteca da Cúria Geral em Roma, o qual reúne publicações de todas as regiões do mundo para ciência e guarda, tive acesso a trinta e oito exemplares de livros de Kolvenbach, assim distribuídos por temáticas: *educação*, cinco volumes; *visitas*, sete volumes; *entrevistas*, cinco volumes; *espiritualidade*, doze volumes; *miscelâneas*, cinco volumes; *outros*, quatro volumes.

**Fotografia 2** – Livros de Peter-Hans na Cúria Generalícia de Roma.



**Fonte:** Arquivo pessoal.

Os livros encontrados mostram um certo equilíbrio entre as temáticas, com média de cinco volumes por tema. Destacam-se os livros sobre espiritualidade, que chegam a doze volumes, mais que o dobro dos demais temas. As cinco miscelâneas encontradas são, na verdade, compilações de artigos, de cadernos e de textos avulsos de ou sobre Kolvenbach. O que classifiquei, aqui, como “outros” são livros em línguas orientais, como o mandarim, ou seja, trata-se de materiais de difícil tradução para os pesquisadores de língua portuguesa.

Um pormenor é que dois exemplares dessa seção estavam faltando, pois haviam sido locados em 2020 por um dos membros da comunidade jesuítica em Roma, o qual tomou emprestados dois livros de Kolvenbach: *Man of God: men for others* e *Fedeli a Dio e all'uomo*. Pude encontrar esse jesuíta em uma das refeições em comum (são cerca de cinquenta jesuítas morando e trabalhando na Cúria Geral) e perguntar-lhe sobre seu interesse em Kolvenbach, ao que ele respondeu ser um interesse geral como leitura extensiva e sem vínculos diretos com alguma pesquisa acadêmica.

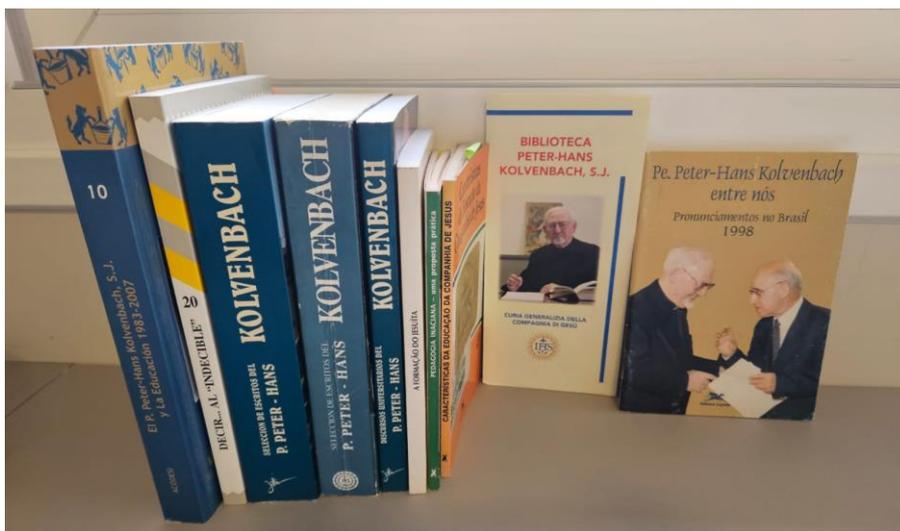
Cheguei a sondar, com a bibliotecária da Cúria Geral, se poderia encontrar os registros de quem anteriormente havia locado livros de Kolvenbach, o que talvez possibilitaria pensar em uma rede de pesquisadores interessados no pensamento de Peter-Hans. Porém, não havia tais registros e entendi que, após a devolução dos livros locados, a ficha de empréstimo não é guardada.

A julgar pelas variadas temáticas dos arquivos encontrados, Kolvenbach tende a colaborar com traços para a composição de uma identidade da Companhia de modo amplo. Afinal, além da Educação Básica, ele aborda temas tão diversos como o ecumenismo, a liturgia, a linguística, a espiritualidade, a formação dos jesuítas, o apostolado social, dentre outros.

Tenho essa percepção, pois, se a área da educação foi trabalhada por Peter-Hans de forma intensa em seus discursos e na elaboração de seu pensamento, o material que encontrei versa igualmente sobre outros campos próprios à ação da Companhia de Jesus no mundo que pediam sua atenção e sobre os quais Kolvenbach manifestou-se em discursos para ajudar os jesuítas a continuar atuando em suas missões de modo coerente e profundo.

A partir do material que fui encontrando em termos de escritos kolvenbachianos, pude criar meu próprio espaço de guarda documental em acervo físico, como mostra a Fotografia 3, a seguir.

**Fotografia 3** – Publicações de Kolvenbach.



**Fonte:** Arquivo pessoal.

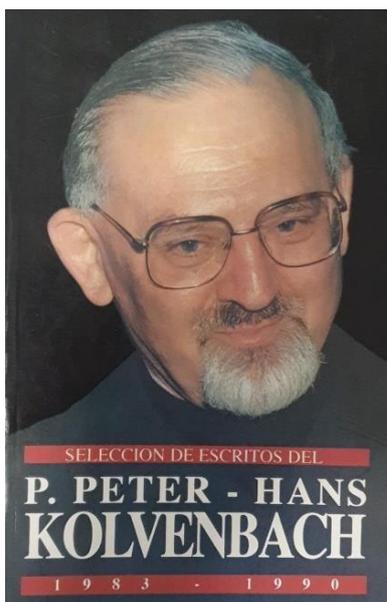
Com relação a documentos de Peter-Hans Kolvenbach, entendo que a

farta documentação [...] e condições de saber quais eram suas leituras e discussões, pensamentos e sentimentos [pois] de vez em quando, as fontes tão diretas o trazem muito perto de nós: é um homem como nós, é um de nós. Mas também um homem muito diferente de nós. A reconstrução analítica dessa diferença tornou-se necessária a fim de podermos reconstruir a fisionomia, parcialmente obscurecida, de sua cultura e contexto social no qual ele se moldou. (Ginzburg, 2006, p. 9).

De maneira similar, as seleções de textos de Kolvenbach em forma de compêndios me oportunizaram uma maior imersão no pensamento educacional kolvenbachiano. Nelas, encontrei um conjunto de textos de Peter-Hans acerca da educação – mais de cinquenta textos –, com potencial para suscitar reflexões e inferências sobre o ambiente educacional escolar e os grupos de educadores que se inquietam tanto com a sua própria formação quanto com a formação de gerações futuras no contexto do desenvolvimento de uma identidade institucional que lhe seja própria.

Três foram os volumes com publicações de Kolvenbach que localizei com elementos necessários e suficientes à constituição de minha empiria. Quanto ao primeiro material impresso e compilado ao qual tive acesso, pude adquiri-lo quando estudei em PUComillas/Madri, em 2014-2015. Trata-se do Volume I da *Seleção de Escritos de P. Peter-Hans Kolvenbach* (729 páginas), o qual conta com textos de 1983 a 1990, tendo sido editado pela Província da Espanha no ano de 1992. A Figura 3, a seguir, exhibe a capa desse primeiro volume.

**Figura 3** – Seleção de escritos PHK n° 01.



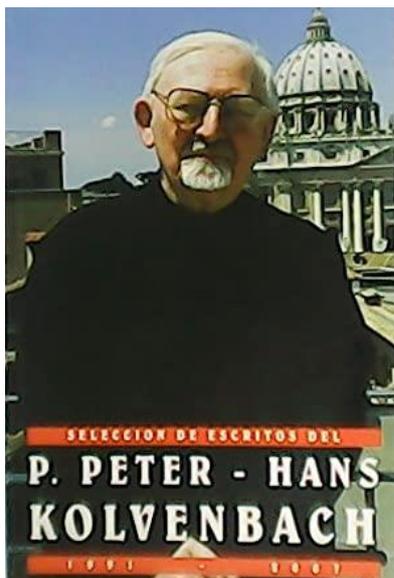
**Fonte:** <https://www.facebook.com/photo> (2022).

Soube da existência de um segundo volume de escritos de Kolvenbach, que chegou a minhas mãos alguns anos após a aquisição do primeiro volume, já quando eu morava no Ipiranga, São Paulo, e era Diretor Geral do Colégio São Francisco Xavier da RJE. Contendo textos de Kolvenbach entre os anos de 1991 e de 2007, esse Volume II da *Seleção de Escritos* foi editado em 2007<sup>39</sup> e igualmente publicado pela Província de Espanha da Companhia de Jesus. A Figura 4, a seguir, exhibe a capa desse segundo volume.

---

<sup>39</sup> Diferentemente da publicação do Volume I de escritos kolvenbachianos – o qual levou dois anos para vir à luz –, este Volume II teve sua editoração no mesmo ano que encerra seu recorte temporal (2007). Tal fato indica o reconhecimento da importância de haver brevidade na publicação e na divulgação dos escritos de Kolvenbach. Ademais, talvez esse segundo volume tenha rapidamente vindo a público como desejo de homenagear Peter-Hans ainda antes de sua resignação como Prepósito Geral, ocorrida em 2008.

**Figura 4** – Seleção de escritos PHK n° 02.



**Fonte:** <https://pictures.abebooks.com> (2020)<sup>40</sup>.

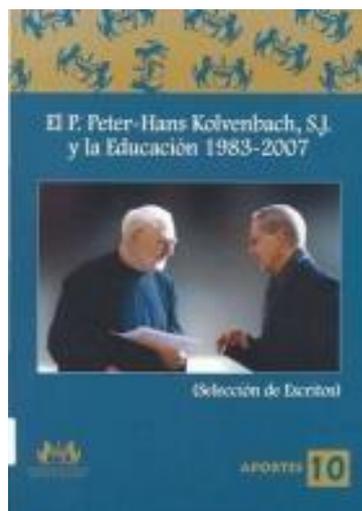
À época de tais aquisições, eu entendia apenas de modo insipiente o potencial desse material para pesquisas no campo da educação e ainda não o ligava diretamente a uma investigação como a aqui levada a cabo. Porém, a posse desses dois volumes me possibilitou intuir, nutrir e configurar tais compêndios como material de interesse pessoal e para possíveis estudos acadêmicos.

Quando da aquisição do terceiro material relacionado ao pensamento kolvenbachiano, eu já tinha a intenção de que ele se tornasse parte da empiria desta pesquisa, pois me encontrava em um momento do doutoramento no qual o tema precisava ser delimitado a partir do objeto da pesquisa. Com essa perspectiva, encontrei, junto à *Asociación de Colegios Jesuitas de Colombia (ACODESI)*, uma documentação diretamente relacionada aos textos educacionais de Kolvenbach. Trata-se de um outro compêndio, semelhante aos produzidos pela Província de Espanha, mas com o diferencial de ser um Volume Único – editado em dezembro de 2009 e intitulado *El P. Peter-Hans Kolvenbach, S.J. y la educación. 1983- 2007 - Selección de Escritos*. Como o título atesta, tal volume consiste em um material em que Kolvenbach trata exclusivamente sobre o campo da educação. A Figura 5, a seguir, exhibe a capa desse volume único.

---

<sup>40</sup> Disponível em: <https://pictures.abebooks.com/inventory/md/md30988614641.jpg>. Acesso em: 10 set. 2020.

**Figura 5** – Seleção de escritos PHK nº 03.



**Fonte:** Colégio San Bartolomé (2022)<sup>42</sup>.

Esse compêndio encontra-se em espanhol tanto em sua versão digital quanto em sua versão impressa. A versão digital foi por mim acessada pelo site do Centro Virtual de Pedagogia Inaciana<sup>43</sup>. Já a versão impressa me foi ofertada por um jesuíta colombiano que soube de meu interesse em pesquisar sobre o pensamento kolvenbachiano acerca da educação.

Nas investigações feitas sobre a empiria, observei que os textos de Kolvenbach foram escritos por ele para serem proferidos, de modo que se tornavam, *a posteriori*, material impresso, objeto arquivável e entregue às instituições que ele visitava. Este era o recurso tecnológico utilizado por Kolvenbach: o texto escrito.

Na função de Prepósito Geral, ele tinha como prerrogativa fazer visitas oficiais para acompanhamento dos jesuítas e das obras da Companhia de Jesus em todo o mundo. Possivelmente devido à temporalidade de sua atuação como Geral (1983-2008), tempo em que as tecnologias da comunicação computadorizada estavam ainda se popularizando, e também devido à sua formação como linguista, a palavra escrita tornou-se – para além de

---

<sup>41</sup> Disponível em: <https://sanbartolo.redbiblio.net/cgi-bin/koha/opac-image.pl?thumbnail=1&imagenumber=7390>. Acesso em: 15 abr. 2022.

<sup>42</sup> Disponível em: <https://sanbartolo.redbiblio.net/cgi-bin/koha/opac-image.pl?thumbnail=1&imagenumber=7390>. Acesso em: 15 abr. 2022.

<sup>43</sup> Disponível em: <https://pedagogiaignaciana.com/biblioteca-digital/biblioteca-general?view=file&id=1309:el-p-peter-hans-kolvenbach-s-j-y-la-educacion-1983-2007-seleccion-de-escritos&catid=8>. Acesso em: 4 mai. 2022.

sua fala e da memória daqueles que o escutaram – o modo prático de preservar o conteúdo dos discursos de Peter-Hans.

Uma das naturezas do gênero *discurso* é sua oralidade, a partir da qual podem ser apreendidas as emoções, os tons, os traquejos, os sotaques, as intensidades e os ritmos do discurso no momento exato de sua realização<sup>44</sup>. Os discursos de Kolvenbach nos chegam de modo escrito, que foi a forma encontrada para arquivar a mensagem original tal como foi proferida, salvaguardando-se, assim, um possível interesse da posteridade por esse material, já que a Companhia de Jesus “não joga nada fora” – o que é outro modo de dizer que o entendimento sobre arquivamento de documentos na Ordem dos Jesuítas é apriorístico.

Tal clareza de intenção para os arquivamentos organizados pela Companhia de Jesus se confirmou e se manifestou no I Encontro de Arquivistas das Províncias e Instituições da Ordem, ocorrido em outubro de 2001 – 18º ano do generalato de Peter-Hans –, com a participação de 70 arquivistas, entre jesuítas e leigos. Desse encontro, originaram-se manuais para os que trabalham no campo dos arquivos. Um material principal – publicado em inglês, em espanhol e em italiano pelo Instituto Histórico da Companhia de Jesus em 2003 – foi intitulado “‘*Scriptis tradere et fideliter conservare*’: os Arquivos como ‘lugares de memória’ na Companhia de Jesus”. Ainda como complemento às normas arquivistas existentes, foi igualmente elaborado em 2003, o “Indicações práticas sobre os Arquivos”, em cuja carta de apresentação Kolvenbach aponta que

Não é preciso encarecer a importância que, desde os tempos de Santo Inácio, a companhia atribui aos arquivos como patrimônio histórico e herança cultural de nossa espiritualidade e da nossa missão. Os arquivos têm uma dimensão científica e Apostólica que vai muito além de seu caráter meramente administrativo. Como ‘lugar de memória’, constituem um valioso instrumento para a evangelização das culturas. Com palavras de padre Arrupe ‘Deus abençoou a Companhia com um fundo incomparável de documentos que nos permitam contemplar claramente nossas origens e nosso carisma’. Dar-lhe continuidade com interesse e assiduidade é prosseguir na linha há muito iniciada e garantir aos que virão depois uma riqueza documentária semelhante a que recebemos de nossos antepassados. (Kolvenbach, 2004b, p. 10).

---

<sup>44</sup> Embora tenham sido identificados nove modos de comunicação de Kolvenbach com os públicos com os quais manteve interlocução, todas as suas distintas contribuições – exceto a alocução não proferida em Pasto, Colômbia, 1990 – foram verbalizadas, oralizadas por ele nas ocasiões em que as proferiu.

Ao utilizar a análise documental histórica e arquivística para historicizar novos temas, concordo com Grazziotin e Klaus (2016) quanto à importância dessa análise em um conjunto maior de relações que se atravessam a partir de novos objetos e novos problemas:

Importa historicizar uma instituição educativa? Essa pergunta não era central à História da Educação até meados da década de 1970, quando a historiografia, de um modo geral, foi assolada pelas obras de Jacques Le Goff e Pierre Nora (1976), nas quais propõem pensar a escrita da História a partir de novos temas, novos objetos e novos problemas. (Grazziotin; Klaus, 2016, p. 1488-1489).

Por isso, analisar as formulações textuais de Peter-Hans em seus anos de governo da Ordem implica enfronhar-se em novas perguntas e tentar trazer à luz traços de um pensamento que abarca mediação, criação, análise crítica e respostas a educadores interessados em estar à altura dos desafios apresentados pela Educação Básica de seu tempo e lugar. No processo de encontrar tais compêndios e de ser por eles encontrado, chamou-me à atenção os modos como podem ocorrer as práticas de arquivamento. Sobre catalogação e arquivamento, Luca (2020, p. 42) afirma que “No processo de arquivamento intervém a vontade de guardar e preservar para a posteridade o que se considera digno de ser lembrado e, o que nem sempre é evidente, de excluir tudo o que não desfrute de tal legitimidade”.

Nessa direção, ao catalogar e ao disponibilizar eletronicamente o seu arquivo com textos educacionais de Peter-Hans, a ACODESI salvaguardou-os em um local de acesso fácil e gratuito, facilitando a consulta a tais textos por parte de pesquisadores.

Trata-se de uma compilação de cinquenta e quatro textos entre discursos, conferências, homilias, visitas, alocações proferidas por Kolvenbach ao redor do mundo em 25 anos de seu generalato, em um total de 448 páginas tocantes à Educação (Básica, Superior e Popular), com temas os mais variados, tais como: serviço da fé e promoção da justiça; universidade católica e evangelização da cultura; espiritualidade inaciana; os desafios da educação cristã, dentre outros.

Assim se expressa Uribe (2009, p. 7-8), então Presidente da ACODESI, sobre tal compilação dos textos educacionais de Peter-Hans:

Muchos de los discursos del P. Kolvenbach, S.J. en los que plasma concisa y profundamente sus enseñanzas, son dirigidos a la Universidad, con múltiples reflexiones teológicas, pedagógicas, sociales y culturales, siempre amparado por el texto de las “Características”. Otros muchos van dirigidos a los colegios de la Compañía de Jesús, quienes fueron los que motivaron de manera especial el antedicho documento y, no pocos, sobre diversos temas educativos con ocasión de eventos especiales a nivel de toda la Compañía de Jesús. La selección de tales textos para nuestra publicación, la debemos especialmente al P. Enrique Gutiérrez, S.J., secretario ejecutivo de ACODESI, para quien hacemos nuestro reconocimiento.

Ademais, ao acessar tais escritos de Kolvenbach, tive a grata surpresa de descobrir que um deles foi proferido na UNISINOS. Refiro-me à *Conferencia en la Universidad de UNISINOS (San Leopoldo. Brasil)*, cujo tema foi “Universidad Católica y evangelización de la Cultura”, ocorrido em São Leopoldo, em 8 de dezembro de 1992. Tal achado deu-me ainda mais atravessamento com o tema e maior implicação no desenvolvimento da pesquisa, pois fez parte do itinerário de Kolvenbach o local onde realizo meus estudos de doutoramento.

Essa terceira seleção de escritos – já organizada em forma de repositório único sobre textos educacionais de Peter-Hans – vinha ao encontro do que eu almejava para a realização desta investigação e me perpassava por focalizar a contribuição kolvenbachiana na construção de um processo identitário para a Educação Básica na Companhia de Jesus, à qual também me integro e sou constituído. Corazza (s/d., p. 16-17) corrobora esse entendimento ao salientar que

Uma prática de pesquisa é um modo de pensar, sentir, desejar, amar, odiar; uma forma de interrogar, de suscitar acontecimentos, de exercitar a capacidade de resistência e de submissão ao controle; uma maneira de fazer amigos e cultivar inimigos; de merecer ter tal vontade de verdade e não outra(s); de nos enfrentar com aqueles procedimentos de saber e com tais mecanismos de poder; de estar inseridos em particulares processos de subjetivação e individuação. Portanto, uma prática de pesquisa é implicada em nossa própria vida. A “escolha” de uma prática de pesquisa, dentre outras, diz respeito ao modo como fomos e estamos subjetivados, como entramos no jogo de saberes e como nos relacionamos com o poder. Por isto, não escolhemos, de um arsenal de métodos, aquele que melhor nos atende, mas somos “escolhidos” (e esta expressão tem, na maioria das vezes, um sabor amargo) pelo que foi historicamente possível de ser enunciado; que para nós adquiriu sentidos; e que também nos significou, nos subjetivou, nos (as)ujeitou.

Desse modo, tal compêndio, organizado pela ACODESI, tornou-se a principal fonte para minha empiria. Nesse material, é apresentado como Kolvenbach expõe uma outra forma de pensar a educação, por meio da natureza de seus discursos e das possíveis correlações, contribuições e implicações que eles suscitam.

Pude experimentar o sabor do arquivo, na cozinha da pesquisa, folheando as páginas, encontrando e marcando com *post-it* os títulos e temas de cada discurso que me valeria à investigação. Indiquei as marcações dos discursos para Educação Básica com adesivos de uma única cor na margem superior do livro Seleção de Escritos PHK nº 03. Já na sua margem direita, adesivei as páginas em que fui encontrando excertos sobre as categorias de análise que iria investigar. Coloquei cores distintas para cada categoria encontrada, aproximando-me de Farge (2022, p. 71) quando esta diz que “a qualquer projeto que se obedece, o trabalho em arquivos impõe necessariamente operações de triagem de separação de documentos. A questão é saber o que triar e o que abandonar” e que “o afloramento ininterrupto do singular convida a pensar ‘o único’, a refletir sobre o conceito histórico de indivíduo e a tentar uma difícil articulação entre as pessoas anonimamente mergulhadas na história e uma sociedade que as contém” (FARGE, 2022, p. 90).

No capítulo seguinte, com os embasamentos metodológicos e teóricos advindos dos conceitos da micro-história e com a composição da empiria a partir da materialidade do pensamento de Kolvenbach, procederei à análise dos documentos de Peter-Hans acerca da Educação Básica, com foco nas contribuições de seu pensamento para a constituição dos entendimentos sobre uma identidade institucional da Rede Jesuíta de Educação no Brasil. Também analisarei a formulação de um tetralema educacional kolvenbachiano segundo o qual a educação visa a formar pessoas conscientes, competentes e comprometidas na compaixão.

#### 4 O PENSAMENTO DE PETER-HANS KOLVENBACH SOBRE A EDUCAÇÃO BÁSICA: DISCUTINDO A EMPÍRIA

*La excelencia no siempre coincide con el magis ignaciano.* (ACODESI, 2009, p. 288).

Ao chegar, neste capítulo, no momento da análise do pensamento educacional de Peter-Hans, com foco em suas contribuições à Educação Básica, trago uma frase desse religioso como epígrafe por entendê-la como um marcador do posicionamento da Companhia de Jesus em relação à atuação dos educadores nos colégios jesuítas. Sabendo que a excelência não é uma prerrogativa exclusiva da educação inaciana, essa frase-síntese explicita o distanciamento das instituições de ensino que seguem uma lógica financista e de educação como mercadoria e o modo próprio de fazer educação na Companhia de Jesus, voltado para uma educação humanista e integral, que pretende formar pessoas conscientes, competentes, compassivas, comprometidas (marcadas pelo *magis inaciano*).

Para iniciar a análise do pensamento kolvenbachiano, na sua colaboração em uma possível identidade de Rede na Educação Jesuíta no Brasil, destaco que trabalhei na tessitura de entendimentos sobre a(s) identidade(s) da Educação Básica e como há que se colocar essas identidades em questão, com vistas a melhor compreender por onde se movimenta a RJE quando esta põe em prática a Educação Jesuíta e a Pedagogia Inaciana.

Dessa forma, pareceu acertada a opção por trabalhar com Stuart Hall (2020. 2022), cuja obra fornece ancoragens valiosas sobre o tema das identidades e como compreendê-las em relação às características de uma instituição multissecular, universal e multifacetada em suas ações e interações, como o é a Companhia de Jesus.

A fim de abordar as questões das identidades culturais, recorro a três concepções de identidade do sujeito: a) o sujeito do iluminismo, período em que a essência do *eu* era a identidade da pessoa, do indivíduo; b) o sujeito sociológico, constituído pela mediação de pessoas que lhe são significantes em relação aos valores, aos sentidos e aos símbolos por ele adotados; c) o sujeito pós-moderno, o qual, sem identidade fixa e duradoura, é um metamorfo, definido pela história e não pela biologia (Hall, 2020, p. 10).

Nessa perspectiva, para entender a questão identitária da RJE, que transita entre as concepções de sujeito psicológico e de sujeito pós-moderno, alguns registros se tornam fundamentais: a existência de um Estatuto normativo próprio à RJE e a adoção, por parte desta, de um conjunto de documentos que pretendem inspirar a prática dos Colégios da Ordem, documentos que serão aqui analisados à luz do tema desta investigação.

O Estatuto tornou-se um marco legal a ser observado por todas as Unidades da Rede, pois, sendo

um instrumento normativo, o Estatuto tem como objetivo orientar o trabalho nas diversas instâncias que constituem a RJE, expressando identidade, missão, visão, princípios e valores institucionais, bem como seus objetivos, as finalidades, estrutura de governança e competências específicas. (Companhia de Jesus, 2022, Apresentação).

Portanto, com o declínio das antigas identidades, a Ordem precisou passar por um processo mais amplo de mudança, uma vez que, na atualidade, estão se “deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e [se] abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (Hall, 2020, p. 9).

Assim, tanto o Estatuto quanto os documentos que conduzem à identidade no que se refere à educação da Ordem em todos os níveis de sua estrutura são indícios de que a tendência atual da educação jesuítica, na Educação Básica, está se reorientando e migrando para uma visão pluralizada do sujeito (sujeito pós-moderno), deslocando-se, portanto, de uma identidade marcada unicamente pela tradição – enquanto identidade cultural fixa, centrada e fechada – e constituindo-se como instituição que opera também sob o signo da tradução cultural – com identidade mais posicional, política, plural e diversa (Hall, 2020).

Este é um acontecimento que se observa na Educação Básica da Companhia de Jesus no Brasil, na medida em que o próprio sentido e mobilização para atuação em rede nacional a partir das 17 Unidades Educacionais<sup>45</sup> passam a ocorrer a partir do ano de 2014.

---

<sup>45</sup> Sobre as Unidades Educacionais da RJE, ver: <https://redejesuitadeeducacao.com.br/unidades/>. Acesso em: 08 set. 2023.

Nesse contexto, com o propósito de apresentar-se como uma rede nacional de educação, a RJE pretende abordar, de forma direta, aquilo que toca a identidade cultural, isto é, “aqueles aspectos de nossa identidade que surgem do nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (Hall, 2020, p. 9). Isso porque

A formação de uma cultura nacional contribuiu para criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma única língua vernacular como meio dominante de comunicação em toda a nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais, como por exemplo, um sistema educacional nacional. (Hall, 2020, p. 30).

Com vistas à análise do serviço educacional prestado pela RJE, importa, ainda, ir às fontes depositárias dos indícios identificadores da educação jesuítica que se encontram nos documentos, quais sejam: *Características da Educação da Companhia de Jesus* (1986); *Pedagogia Inaciana: uma proposta prática* (1993); *Colégios Jesuítas: uma Tradição Viva no Século XXI* (2019); *A Companhia de Jesus e o direito universal a uma educação de qualidade* (2019); *Projeto Educativo Comum RJE* (2021).

O *Características*, cuja apresentação contém uma carta do Prepósito Geral Peter-Hans Kolvenbach, aponta como seus identificadores os seguintes: 1) a *educação religiosa e integral*; 2) a *atenção a cada pessoa e o seu autodesenvolvimento*; 3) a *liberdade em face dos valores e antivalores*; 4) a *proposta de Cristo como modelo*; 5) o *compromisso com o serviço aos outros*; 6) a *integração na Igreja*; 7) a *busca da excelência*; 8) a *colaboração na comunidade educativa*; 9) o *sistema flexível em vista da maior eficácia do discernimento* (Companhia de Jesus, 1989). Esses nove marcadores foram estabelecidos pela Ordem como caminhos para identificar-se uma obra educacional da Companhia de Jesus.

Um destaque que apresento no *Características*, para os fins deste estudo, consiste no identificador (1) *a educação religiosa e integral*, cuja formulação aponta um sentido identitário, conforme o qual “a educação da Companhia de Jesus afirma a realidade do mundo, ajuda na formação total de cada pessoa dentro da comunidade humana, inclui uma dimensão religiosa que permeia toda a educação, é um instrumento apostólico, promove o diálogo entre fé e cultura” (Companhia de Jesus, 1989, p. 23). Outro identificador que acrescenta relevo a esta investigação é o (7), *a busca pela excelência*, como algo que é

“aplicado em todas as áreas da vida escolar”, cujo objetivo é o desenvolvimento da pessoa em todas as suas dimensões, com um sentido de valores e de compromisso com os outros, priorizando-se os pobres (Companhia de Jesus, 1989, p. 58). Nesse identificador, está disposto ainda que “a busca da excelência acadêmica é própria de um colégio jesuíta, mas somente dentro do contexto mais amplo de excelência humana” (Companhia de Jesus, 1989, p. 59).

Outro trecho do *Características* circunscreve o objetivo da educação jesuítica, reforçando uma identidade institucional da seguinte forma:

O Objetivo tradicional da educação da Companhia tem sido formar ‘líderes’: homens e mulheres que assumem posições de responsabilidade na sociedade, através das quais exercem uma influência positiva sobre os outros. Esse objetivo tem levado, por vezes, a excessos que devem ser corrigidos. Qualquer que tenha sido o significado desse conceito no passado, a meta da educação da Companhia na compreensão hodierna da visão inaciana de mundo não é preparar uma elite socioeconômica, mas antes de educar líderes no serviço. (Companhia de Jesus, 1989, p. 59-60).

Nessa citação, as implicações da tradição (Hall, 2020; Giard, 2006) para uma identidade institucional já se vislumbram como um tema recorrente de preocupação da Companhia de Jesus, visando à sua atualização e à sua renovação para o século XXI. Tal atualização, caracterizada pelo binômio tradição-inovação, pretende traduzir de um modo inovador o legado de ação pedagógica construído nos séculos de história dos colégios jesuíticos (Companhia de Jesus, 2021, p. 90-91).

O segundo texto que valida o modo como a Companhia de Jesus entende-se em uma identidade institucional própria no âmbito da educação é o *Pedagogia Inaciana: uma proposta prática*. Essa fonte indica que

a pedagogia, arte e ciência de ensinar, não pode ser reduzida à mera metodologia. Deve incluir uma perspectiva de mundo e uma visão da pessoa humana ideal que se pretende formar. Isso indica o objetivo e fim para o qual se orientam os diversos aspectos duma tradição educativa. (Companhia de Jesus, 1993, p. 24).

O *Pedagogia Inaciana* aponta, ainda, os seguintes traços definidores da excelência humana em obras educacionais da Companhia de Jesus: “[...] uma excelência humana cujo modelo é o Cristo do evangelho, uma excelência que reflita o mistério e a realidade da

Encarnação, uma excelência que respeite a dignidade de todo o mundo e a santidade de toda criação” (Companhia de Jesus, 1993, p. 22).

Foi nesse documento de 1993 que encontrei – disposto como Apêndice II (p. 89-115) – o “Discurso A”, no qual Peter-Hans, em fala proferida em Villa Cavalleti no mesmo ano, dirige-se aos membros do grupo de trabalho sobre *A Pedagogia Inaciana: uma proposta prática*. Nesse discurso, Kolvenbach contextualiza o humanismo cristão, sugere respostas da Companhia a esse contexto, aborda diretrizes pedagógicas, menciona a crucialidade do papel do professor e, antes de concluir, ainda aponta métodos adequados para essa pedagogia.

Como a primeira edição do *Características* é de 1986 e como o *Pedagogia Inaciana*, surgido como fruto do *Características*, é datado de 1993, por quase 35 anos, essas foram as formulações que embasaram a indenidade da educação na Companhia de Jesus. Até que, em 2019, é lançado o *Colégios Jesuítas: uma tradição viva no século XXI. Um exercício contínuo de discernimento*. Dividido em três partes – “Documentos fundamentais”, “Nova realidade do mundo” e “Identificadores globais dos colégios jesuítas” –, tal texto tem o propósito de

Ajudar nosso apostolado educativo a refletir e discernir os desafios e as oportunidades particulares de nosso tempo, dando continuidade ao processo necessário de renovação, inovação e reimaginação que nossa educação requer durante estas mudanças de época com que nos deparamos hoje. (Companhia de Jesus, 2019, p. 6).

Acerca do *Tradição Viva*, encontra-se em sua parte terceira os modelos para uma identidade institucional ressignificada pela Companhia. Dez são os identificadores – compromissos – que caracterizam a educação jesuíta nesse material, de acordo com o qual, para atuarem como um corpo universal, com uma missão universal:

Los colegios jesuitas están comprometidos a ser católicos y ofrecer formación profunda en la fe en diálogo con otras religiones y visiones del mundo; a crear un ambiente seguro y saludable para todos; con la ciudadanía global; con el cuidado de la creación; con la justicia; a ser accesibles para todos; con la inter-culturalidad; a ser red global al servicio de la misión; la excelencia humana; con el aprendizaje de por vida (Companhia de Jesus, 2019, p. 58-88).

Nesse documento, a excelência humana – categoria de sentido que estamos analisando como recorte para significar a oferta de serviços educacionais da Companhia e as contribuições kolvenbachianas – é apresentada como horizonte da atuação dos colégios jesuítas. Tal atuação deve ocorrer com o máximo de entrega e de empenho na humanização de suas comunidades, no ensino sobre a dignidade da mulher, no combate ativo ao racismo, na criação de um ambiente de acolhida, independentemente da orientação sexual, com o cuidado pleno com a pessoa, formando-se homens e mulheres que se distingam pela competência, pela integridade e pelo espírito de serviço, bem como desenvolvendo-se pessoas conscientes, compassivas, comprometidas e competentes. É nesse momento do texto que se explicita o que significam *os 4 C's* – competentes, conscientes, compassivos e comprometidos –, finalizando-se com a recomendação de não se negligenciar a ênfase tradicional na excelência acadêmica (Companhia de Jesus, 2019, p. 82-84).

O material *A Companhia de Jesus e o Direito Universal à Educação de Qualidade* (DUEQ) expõe formulações que ampliam o entendimento das possíveis identidades em uma instituição educacional na perspectiva da excelência humana e no viés da oferta de uma educação de qualidade. Essa educação “almeja o bem maior”, o qual “transcende, inclusive, a excelência acadêmica” e “aspira a uma educação abrangente que alcance a todos, que seja inclusiva, e não apenas para uma elite” (Companhia de Jesus, 2019, p. 119).

A Companhia de Jesus, em seu Projeto Educativo Comum, lê os sinais dos tempos com vistas a

articular fé, justiça e reconciliação nos leva a considerar, no espaço escolar, os temas referentes a gênero, diversidade sexual e religiosa, novos modelos de família, questões étnico-raciais, elementos referentes às culturas indígena, africana e afro-brasileira e outros similares relacionados a categorias ou grupos sociais que sofrem discriminação, violência e injustiça. (Companhia de Jesus, 2021, p. 28).

Nessa direção, há uma preocupação quanto à atualização, à tradução (Hall, 2020) e à reformulação tanto identitária quanto do modo de proceder na entrega de serviços educacionais na Educação Básica. Tal preocupação manifesta-se no sentido de a Companhia de Jesus passar a considerar, em seu currículo, temas anteriormente silenciados em escolas confessionais – e vistos como tabus –, tais como a diversidade sexual, os novos modelos de família, a discriminação sociocultural etc.

No que concerne aos objetivos e às finalidades da Rede, expressos em seu Estatuto (2022), sete são as declarações de como se deve promover uma educação de excelência para a RJE. Dentre tais declarações, evidencio, como recortes, a primeira e a última. A primeira situa a RJE como um lugar de serviço de educação, de gestão e de formação para as 17 Unidades que a compõem – o que aponta sua composição e a formulação de sua identidade. Já a última – em uma contribuição à excelência acadêmica – mostra que a RJE se enxerga como “Agente colaborativo de organizações empenhadas na melhora da qualidade educativa, sejam religiosas, do governo e da sociedade, em âmbito nacional e internacional” (Companhia de Jesus, 2022, p. 7).

Quanto à ideia de identidade institucional, esta pode ser localizada no artigo primeiro do Capítulo I do Estatuto da RJE:

A Rede Jesuíta de Educação Básica (RJE) da Província dos Jesuítas do Brasil (BRA) reúne as Unidades Educativas mantidas e orientadas pela Companhia de Jesus no Brasil. Por meio desta Rede, a Companhia de Jesus oferece a crianças, adolescentes, jovens e adultos – e suas respectivas famílias – uma educação escolar de qualidade baseada na Espiritualidade e na Pedagogia Inacianas. (Companhia de Jesus, 2022, p. 5).

Nesse sentido, pode-se perceber que a Rede se situa em um contexto maior de pertença e de atuação: trata-se da Província dos Jesuítas do Brasil. Fundada em 16 de novembro de 2014, tal província é composta por outras Redes<sup>46</sup>, como a Rede SERvir – que atua na oferta de espiritualidade inaciana; a Rede Diaconia de Paróquias, Igrejas, Santuários e Capelanias administrados pela Companhia de Jesus; a Rede de Justiça Socioambiental; a Rede Inaciana de Juventudes e Vocações. Dessa forma, a Província BRA torna-se a organização canônica e jurídica da atuação dos jesuítas, dos voluntários e dos colaboradores remunerados em todo o Brasil para, como equipe de governo, cumprirem o trabalho evangelizador a que se dedicam em todas as frentes – Redes – que assumem. Afinal,

---

<sup>46</sup> Sobre as Redes da Companhia de Jesus no Brasil que prestam serviços apostólicos, ver: <https://jesuitasbrasil.org.br/>. Acesso em: 31 ago. 2023.

Na Companhia de Jesus, o Governo é um serviço indispensável para manter viva a “união dos corações”, garantir a fidelidade à Identidade e Missão do Corpo Apostólico, a comunhão com a Companhia latino-americana e universal e animar os membros do Corpo Apostólico na Missão recebida. As pessoas nele envolvidas são lideranças para o Corpo e principais responsáveis por animar a implementação do Plano Apostólico, seguindo o trinômio discernimento-consultas-decisão. (Companhia de Jesus, 2022, p. 19).

Ressalta-se, ainda, o fato de que a educação de qualidade a ser ofertada destina-se àqueles que estão em fase escolar, abrangendo todas as faixas etárias em sua prestação de serviços educacionais e agregando as famílias em uma corresponsabilidade educacional e que a escola é, também, um objeto epistêmico, uma instituição de longa duração, como propõe Magalhães (2015, p. 11) sobre

A focalização da escola como organização, cultura, memória, dando curso a uma ação pedagógica, cumprindo uma função didática, registrada e documentada, favoreceu a constituição de um objeto epistêmico inventariável, cartografável, comparável, historiável. A uma epistemologia de conjunto tem sido possível contrapor, ou tão só ajustar, uma epistemologia do singular. Estes estudos de conjunto tomam a escola como representação de uma realidade mais ampla, complexa, durável, abstrata, que é a escola-instituição. Esta epistemologia de conjunto tem inspirado uma imensidade de estudos na comunidade científica brasileira, quer na história da educação, quer noutros quadros investigativos.

Tal parceria escola-família é reforçada pela adesão da RJE ao Pacto Educativo Global (PEG), conforme o qual a “família ocupa um papel central, em mútua colaboração com todos os outros sujeitos sociais, instituições governamentais e privadas que são chamados a renovarem o compromisso em colaborar efetivamente na aldeia que educa” (Igreja Católica, p. 9, s/d.). Essa é uma vinculação que reforça outra característica da RJE: o engajamento com a missão da Igreja Católica, pois é nesse conjunto de ações que “a RJE entende o seu trabalho educativo como parte da missão da Igreja. Compromete-se a contribuir para transformar o mundo segundo os valores do Evangelho” (Companhia de Jesus, 2022, p. 05).

Quanto aos marcadores identitários que caracterizam a RJE, no texto do Projeto Educativo Comum RJE (Companhia de Jesus, 2021, p. 14-15), tais marcadores consistem na missão, na visão e nos valores que direcionam a Rede:

Missão: Promover educação de excelência, inspirada nos valores cristãos e inicianos, contribuindo para a formação de cidadãos competentes, conscientes, compassivos, criativos e comprometidos.

Visão para 2025: Ser uma rede de centros inovadores de aprendizagem integral que educam para a cidadania global, com uma gestão colaborativa e sustentável.

Princípios e Valores: 1 - Amor e serviço; 2 - Justiça socioambiental; 3 - Discernimento; 4 - Cuidado com a pessoa; 5 - Formação integral; 6 - Colaboração e sustentabilidade; 7 - Criatividade e inovação.

A questão da excelência humana presente na Missão da RJE também é focalizada nos colégios da Companhia de Jesus. Para alcançar tal excelência, segundo o entendimento da pedagogia e do programa de estudos criados pela Ordem no decorrer dos séculos de atuação educativa e de gestão de colégios, três fatores são essenciais: a) o discernimento ao se pesar prós e contras para evidenciar e escolher com profundidade o que está em jogo na relação entre inclusão e exclusão de valores humanos com vistas ao fim que se pretende alcançar: o bem maior; b) o desejo, como um apelo à liberdade, ao cuidado e à valorização do outro e de suas próprias aspirações internas; c) a eficácia na ação, no sentido de contribuir para a vinculação de novos agentes a serviço da sociedade nas realidades cambiantes desta. Desse modo, a educação inaciana termina por formular uma organização pedagógica em três frentes, que podem ser assim resumidas: discernir na verdade, desejar na liberdade, agir na competência (Giard, 2006, p. 107).

Um aspecto que chama à atenção é o fato de que os modelos de governança expressos nesses documentos são bastante recentes, podendo ser entendidos como transicionais de uma “velha identidade” (Hall, 2020, p. 9) para um estado de “tradução, num quadro mais amplo e global [de] como as identidades devem ser conceituadas em relação com os futuros da modernidade” (Hall, 2020, p. 51). A esse respeito, uma contribuição que pode ser significativa para a construção de um processo identitário na oferta de educação, por parte da Ordem, diz respeito ao binômio “tradição-inovação”. A abordagem desse binômio é, pouco a pouco, ressignificada, migrando-o para o binômio “tradição-tradução” (Hall, 2020, p. 52-56). O que Hall indica quanto às “formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal” (Hall, 2020, p. 52), pode se aplicar ao entendimento de uma identidade em construção na RJE. Assim como essas pessoas, a formação de uma rede jesuíta de educação no Brasil retém

fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente ser assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das

tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão *unificadas* no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma “casa” particular). (Hall, 2020, p. 52).

Outro aspecto que remete às características das produções identitárias da RJE no que diz respeito à excelência humana é o fato de que ela tem como base a “espiritualidade inaciana”, por ser uma Rede confessional católica, e a “educação inaciana”, por ser uma Rede da Companhia de Jesus. Nessa direção, a educação da RJE ganha traços de integralidade também por ser acompanhada e inspirada em princípios espirituais – advindos da espiritualidade inaciana – que orientam a ação voltada ao bem maior, o discernimento organizacional para efeito de deliberação de ações estratégicas, a mobilização para a ordenação social com vistas ao bem comum e mais universal.

Dessa maneira, tanto o Estatuto da RJE quanto os documentos recentes da Ordem relativos à oferta educacional constituem-se materiais oportunos ao alcance dos objetivos desta pesquisa, na medida em que indicam a configuração de uma identidade institucional na ação educativa da Rede Jesuíta de Educação Básica no Brasil.

Portanto, com base no que até aqui foi exposto, podemos proceder à continuidade da análise, enfocando o pensamento educacional de Kolvenbach em sua contribuição para a assim entendida identidade institucional da Rede Jesuíta de Educação no Brasil.

#### **4.1 Documentos de Peter-Hans Kolvenbach sobre a Educação Básica**

Na seleção dos documentos de Peter-Hans Kolvenbach sobre a Educação Básica, verifiquei diversos modos de diálogo kolvenbachiano. Assim, pude estabelecer o seu entrelace com uma Identidade Institucional da RJE quanto àquilo que falou Kolvenbach, a quem ele falou, sobre quem falou e como foi ouvido.

A exposição do trabalho que conformou a empiria está disposta<sup>47</sup> em formulações textuais<sup>48</sup> e em quantidade de ocorrências: carta (01), discurso (04), encontro (04), conferência (01), alocução (05), visita (01), homilia (01), reunião (03), Não nominado<sup>49</sup> (01). Eis os textos por mim analisados e que expressam o pensamento kolvenbachiano acerca da Educação Básica em sua seleção de escritos:

I. Na Itália:

- a) Em Roma (08 de dezembro de 1986). Carta *Sobre as características da Educação Jesuítica*. Tema abordado: ter uma visão e um sentido comuns de nossa finalidade [na educação] e um modelo com que nos contrastemos a nós mesmos. Volume de quatro páginas: da p. 9 à p. 12 (ACODESI, 2009).
- b) Em Turin (13 de dezembro de 1986). Sobre a *Visão Inaciana da comunidade educativa aos Reitores de Colégio da Itália*. Temas abordados: Colaboração entre educadores. Fidelidade ao espírito inaciano. Vontade de levar à cabo uma renovação. Volume de 6 páginas: da p. 253 à p. 258 (ACODESI, 2009).
- c) Em Messina (14 de novembro de 1991). *Discurso na abertura do Congresso de Estudos Internacionais sobre a Pedagogia Inaciana*. Temas abordados: Inovação apostólica. Método de ensino. Fé e justiça. Secções: Inácio, inovador apostólico; 2. Métodos; 3. Para uma pedagogia pela fé e pela justiça. Volume de 14 páginas: da p. 389 à p. 402 (ACODESI, 2009).
- d) Em Roma (29 de abril de 1993). *Discurso de Peter-Hans Kolvenbach S.J. aos membros do grupo de trabalho sobre A Pedagogia Inaciana: uma proposta prática*. Temas abordados: Contexto: O humanismo cristão hoje; Resposta da Companhia a este contexto. Diretrizes pedagógicas. O papel do professor é crucial. Métodos. Volume de 27 páginas: da p. 89 à p. 115 (Companhia de Jesus, 1993).

---

<sup>47</sup> Essa disposição toma como referência o mapa das viagens de Kolvenbach (cf. Figura 1) relacionadas a falas sobre a Educação Básica. Sem esgotá-los, eis alguns outros rearranjos de agrupamentos possíveis do pensamento kolvenbachiano: a partir dos temas abordados; a partir dos continentes visitados; a partir dos grupos humanos aos quais Kolvenbach se dirige; a partir do modelo textual eleito para a comunicação.

<sup>48</sup> Nove foram as formas textuais encontradas em exposições de Peter-Hans sobre a Educação Básica. Cada uma dessas formas apresenta uma própria intencionalidade de abordagem.

<sup>49</sup> Não foi possível identificar a natureza de uma das contribuições de Kolvenbach quanto à Educação Básica, de modo que será aqui chamada de “não nominada”.

- II. No Uruguai (15 de setembro de 1988). *Sobre o papel dos leigos e dos jesuítas na obra educativa comum*. Temas abordados: Menção a três atitudes que devem ter os jesuítas a respeito do papel dos leigos: profundo respeito a condição de leigo... disponibilidade para aprender dos leigos... vontade de fazer os leigos participantes da herança espiritual inaciana. Volume de 6 páginas: da p. 258 à p. 263 (ACODESI, 2009).
- III. Nos Estados Unidos da América (08 de junho de 1989). No *segundo centenário do Ensino jesuítico nos Estados Unidos da América*. Tema abordado: se nossos centros de ensino incorporam valores inacianos, dando-lhes pleno sentido em uma luta pela fé e pela justiça, não se poderá duvidar de que esses centros são meios totalmente aptos e muito importantes para realizar a missão da Companhia. Seções: 1. Até o futuro; 2. Colaboração; 3. Conclusão: passado e futuro. Volume de 13 páginas: da p. 53 à p. 65 (ACODESI, 2009).
- IV. Na Colômbia:
- a) Em Medellín (28 de fevereiro de 1990). *Encontro com a comunidade educativa Colégio Santo Inácio*. Temas abordados: Destaque para as características culturais da população. Gratidão aos colaboradores. Felicitações aos estudantes, seguimento por seguimento. Volume de 3 páginas: da p. 263 à p. 265 (ACODESI, 2009).
- b) Em Medellín (28 de fevereiro de 1990). *Aos pais de família, sobre a importância da família na educação*. Temas abordados: a importância da família na sociedade. Família e valores. Família e espiritualidade inaciana. Associação de pais de família. A escola de pais. A paz e as vocações. Seções: 1. Introdução; 2. Compromisso da família com a sociedade; 3. Famílias e valores; 4. Família e espiritualidade inaciana; 5. Associação de pais de família e Federação Nacional; 6. Escola de pais; 7. O programa pela Paz; 8. As vocações sacerdotais e religiosas. Volume de 5 páginas: da p. 321 à p. 325 (ACODESI, 2009).
- c) Em Cali (02 de março de 1990). *Encontro com a comunidade educativa do*

*Colégio Berchmans [Coliseu do Colégio]*. Temas abordados: Confiança na comunidade educativa. Formação humana integral. Cultura de paz. Construção social. Testemunho de generosidade. Seções: 1. A paz; 2. A coeducação; 3. As vocações sacerdotais e religiosas. Volume de 4 páginas: da p. 266 à p. 269 (ACODESI, 2009).

- d) Em Cali (02 de março de 1990). *Alocução aos Antiqui Societatis Iesu Alumni (ASIA) e à União Javeriana Colégio Berchmans*. Temas abordados: A identidade e a importância da educação jesuítica. A excelência acadêmica deriva da excelência humana. Seções: 1. Introdução; 2. Congressos de Ex-Alunos; 3. O porquê do apostolado educativo na Companhia; 4. Colégios para todos e gratuitos; 5. Características do Apostolado Educativo. Volume de 9 páginas: da p. 339 à p. 347 (ACODESI, 2009).
- e) Alocução marcada em Pasto, mas não proferida (03 de março de 1990). *Alocução aos professores dos colégios jesuítas em Colômbia [não proferida]*. Tema abordado: Responsabilidade compartilhada em nossa tarefa educativa e necessidade de participação de toda a comunidade na espiritualidade da Companhia. Seções: 1. Introdução; 2. Missão apostólica do professorado; 3. Educação personalizada e exercícios espirituais; 4. Conversão em profundidade do aluno e do professor; 5. Voltar os olhos à Colômbia; 6. A excelência acadêmica; 7. Agradecimento final. Volume de 5 páginas: da p. 270 à p. 274 (ACODESI, 2009).
- f) Em Bucaramanga (03 de março de 1990). *Alocução aos Claverianos e reunião com a comunidade educativa do Colégio São Pedro Claver*. Temas abordados: Qualidades humanas. Culto religioso. Bênção. Agradecimento. Volume de 3 páginas: da p. 274 à p. 276 (ACODESI, 2009).

V. No Chile (19 de março de 1990). *Sobre a importância de formar o espírito e o coração, à comunidade educativa do colégio Afonso Ovalle*. Tema abordado: Considerar que, no campo de educação dos jovens, é muito mais importante a formação do espírito e do coração que o acúmulo de conhecimentos. Volume de 5 páginas: da p. 276 à p. 280 (ACODESI, 2009).

VI. No México (26 de agosto de 1990). *Sobre a formação integral, no colégio Pereira*. Tema abordado: A última meta de nosso ministério [educativo] é o desenvolvimento integral da pessoa humana que a leva à ação. Volume de 5 páginas: da p. 280 à p. 284 (ACODESI, 2009).

VII. No Peru (09 de julho de 1998). Conferência em Arequipa. *Os desafios da educação cristã às portas do terceiro milênio*. Temas abordados: Formação humana e cristã. Educação como ministério. Globalização. Os pobres. Terreno educativo. Seções: 1. Educar e evangelizar; 2. Mestre, seu objetivo é o evangelizar educando e o educar evangelizando; 3. Educar em tempos de globalização; 4. Da inclusão à exclusão; 5. A educação dentro do projeto global da missão. Volume de 10 páginas: da p. 284 à p. 293 (ACODESI, 2009).

VIII. Na Polônia (10 de outubro de 1998). *Alocução no encontro sobre educação em Gdynia. O compromisso da Companhia de Jesus com o setor de Educação*. Temas abordados: Marco histórico da educação. Inspiração inaciana. Resposta ao contexto de livre mercado. Formação espiritual e profissional. Seções: 1. A educação na Companhia de Jesus; 2. A inspiração inaciana de um colégio jesuíta; 3. Alguns traços característicos da educação inaciana; 4. Conclusão: um projeto educativo. Volume de 11 páginas: da p. 293 à p. 303 (ACODESI, 2009).

IX. Na Índia

a) Em Bangalore (11 de novembro de 2006). *Discurso em um ato público pelo 125º aniversário do colégio São José*. Temas abordados: Antigos alunos. Unidade de intenções. Comunidades marginalizadas. Volume de 4 páginas: da p. 374 à p. 377 (ACODESI, 2009).

b) Em Bangalore (11 de novembro de 2006). *Alocução do Pe. Geral aos Antigos Alunos do Colégio de São José*. Tema abordado: O que a sociedade espera dos antigos Alunos<sup>50</sup>. Volume de 4 páginas: da p. 378 à p. 381

---

<sup>50</sup> Acrescento, para análise, essa Alocução aos Antigos Alunos como um recorte que aponta um atravessamento entre a oferta de Educação Básica em Colégios Jesuítas e grupos humanos que já não compõem o quadro

(ACODESI, 2009).

X. Em Malta (07 e 08 de outubro de 2007). *Visita do Pe. Geral à Malta. Pela ocasião do 100º aniversário do colégio São Luiz*. Temas abordados: Obras da Companhia. Herança espiritual. Liderança. Formação permanente. Renovação. Seções: 1. Colaboração jesuítas-leigos; 2. História; 3. Serviço ao clero secular em seus ministérios; 4. Formação do Clero Diocesano e os jesuítas. Volume de 12 páginas: da p. 303 à p. 315 (ACODESI, 2009).

A partir dos documentos institucionais-educacionais da Companhia de Jesus e dessas 19 formulações do pensamento kolvenbachiano acerca da Educação Básica – tendo sido percorridos 10 países –, foi possível delimitar categorias de análise – em termos de unidades de sentido – no que concerne a uma identidade institucional presente na Educação Básica dos Jesuítas no Brasil.

#### **4.2 A concepção de *identidade institucional*: contribuições do pensamento kolvenbachiano para a RJE**

Nesta seção, investigo, no pensamento kolvenbachiano, as suas contribuições para a Educação Básica e as suas conexões com a Rede Jesuíta de Educação no Brasil, adensando a unidade de sentido *identidade institucional* como categoria de análise.

Para entender os possíveis entrelaçamentos entre o pensamento de Kolvenbach e a concepção de uma identidade da RJE, procederei à análise dos indícios, dos traços e dos exemplos que tocam o objeto e o problema desta pesquisa.

---

discente dos Colégios da Educação ofertada pela Companhia de Jesus, mas que continuam afetiva e efetivamente vinculados a tais Obras inicianas por meio de agremiações e congêneres. Seis são os documentos kolvenbachianos voltados exclusivamente para os Antigos Alunos de Colégios Jesuítas: 1) Sobre el compromiso de todos en el servicio de la Iglesia, en el Congreso Mundial de Antiguos Alumnos (Versalles, 20 de julio de 1986); 2) Una llamada a la reflexión y a la acción, en el Congreso Nacional Mejicano de Antiguos Alumnos (México, 23 de agosto de 1990); 3) En el Congreso de Antiguos Alumnos (Bruselas, 12 de agosto de 1993) Evangelio según San Mateo Mt 2,13-23; 4) A los antiguos alumnos de varios países de Europa (Oxford, 26 de julio de 1996) Evangelio según San Mateo Mt. 13,16-17; 5) Alocución a los antiguos alumnos de Jesuitas de la Provincia de Goa Colegio Loyola (Margao, 09 de setembro de 2006); 6) Qué espera la sociedad de los AA. AA. Alocución del P. General a los antiguos alumnos del Colegio de San José Ban-galore (India, 12 de noviembre de 2006).

A concepção de uma identidade institucional da Rede Jesuíta de Educação – e, consequentemente, dos Colégios, das Escolas e das Creches sob seu acompanhamento e condução, totalizando 17 Unidades em 2023 – pode ser caracterizada a partir do que está indicado como Missão da Companhia de Jesus para a Educação Básica no Brasil<sup>51</sup>: “Promover educação de excelência, inspirada nos valores cristãos e inicianos, contribuindo para a formação de cidadãos competentes, conscientes, compassivos, criativos e comprometidos” (Companhia de Jesus, 2021, p. 14-15).

Três verbos expressam ações abraçadas pela Educação Básica da Companhia de Jesus no Brasil, definindo sua Missão: o primeiro está no modo infinitivo – *promover* –; o segundo, no particípio – *inspirada* –; e o terceiro, no gerúndio – *contribuindo*. Considerando-se tal missão que busca promover um modo de oferta educacional que tem a excelência como sua característica, tornam-se questões oportunas nesta investigação: de que excelência se está falando; que critérios estabelecem que a ação educacional é de excelência na Companhia de Jesus no Brasil; o que o pensamento kolvenbachiano pode contribuir relativamente ao tema da excelência como traço de uma identidade institucional.

Para continuar a alcançar respostas, um exercício foi tecer uma *concordância*<sup>52</sup> quanto ao termo *excelência* no Projeto Educativo Comum. Dessa forma, eu poderia identificar qual o lugar concedido ao conceito de *excelência* na oficialidade textual documental – formulada pela Missão da RJE. E conseguiria também ratificar possibilidades de contribuições kolvenbachianas para dar maior assertividade e entrelaçamentos às condições de uso e de aplicabilidade do referido conceito por educadores e por gestores que tomem a Pedagogia Inaciana e a Educação Jesuíta como parâmetros para a ação educacional.

Ao proceder à busca pelo marcador *excelência*, os resultados que encontrei, no Projeto Educativo Comum 2021-2025 da RJE, indicam 16 (dezesseis) trechos com tal termo no documento. Dentre as ocorrências, apenas 6 (37%) estão no corpo do texto, sendo as demais (10 delas) situadas em seus anexos e, portanto, tendo o seu uso “emprestado” de

---

<sup>51</sup> Até o ano de 2018, cada Unidade da RJE possuía sua própria formulação de “Missão, Visão e Valores”. Com o entendimento de que as Unidades ganhavam aproximação em rede se tivessem todas elas uma única formulação de “Missão, Visão e Valores”, no ano de 2019, a RJE criou um texto único para estabelecer um maior vínculo identitário entre as Unidades

<sup>52</sup> Por *concordância*, entendo a ação de destacar palavras ou expressões específicas, presentes em vários documentos congêneres, para fins de composição e de análise de dados conjunturais ou estruturais oriundos de tais documentos.

outros textos. Descartei esse caminho pois ele geraria uma segunda camada de investigação, com outro marcador em nova categoria de análise, qual seja: “uso não autoral do termo no PEC 2021-2025”.

Assim, o que encontrei de modo original no PEC quanto ao uso do termo *excelência* foram 2 (duas) entradas vinculando-o ao termo *educação: educação de excelência* [PEC, nº 08] e *excelência na Educação* [PEC, nº 30]; 1 (uma) entrada vinculando-a ao termo *aprendizagem* [PEC, nº 43]; 1 (uma) entrada vinculando-o ao termo *acadêmica (excelência acadêmica)* [PEC, nº 25]; 1 (uma) entrada vinculando-o à expressão *compromisso profissional* [PEC, nº 81]; 1 (uma) entrada vinculando-o à expressão *desempenho profissional* [PEC, nº 84].

Algumas considerações emergem dessa busca. Uma delas é que, embora o Glossário do PEC 2021-2025<sup>53</sup> seja apresentado como um aporte “para que o leitor possa situar-se em relação à semântica dos termos identitários inicianos dentro do nosso contexto institucional, esperando que, assim, haja uma leitura mais assertiva do documento e uma efetivação mais segura dele” (Companhia de Jesus, 2021), nele, não se encontra o termo *excelência* – ou algum termo correlato.

Outra consideração diz respeito à possibilidade de se estabelecer um caminho de aprofundamento quanto ao entendimento formal da expressão *excelência acadêmica* e sua aplicação ao mundo educacional no Brasil, não apenas em sua amostra quantitativa – com uma ocorrência no texto original do PEC 2021-2025 –, mas também como cuidado e oferta de condições de seu uso cotidiano por educadores e gestores educacionais com vistas a uma identidade jesuítica e iniciano, de modo que possam adquirir mais embasamento humano, conceitual, atitudinal, educacional e pedagógico.

Em 2 (duas) ocorrências, o termo *excelência* aparece no Estatuto da RJE (Companhia de Jesus, 2022, Art. 3º, p. 5; Art. 7º, p. 7). Essas duas entradas se reportam à formulação da Missão da Rede, ou seja, apresentam o termo *excelência* nominalmente sem, contudo, desenvolverem o seu entendimento como uma característica de identidade institucional.

A partir dessas 18 (dezoito) entradas do termo *excelência* nos documentos formuladores da RJE (PEC e Estatuto) e sendo 1/3 delas (6 entradas) validadas como

---

<sup>53</sup> Vale notar que, diferentemente da I Edição do PEC 2016-2020, a II Edição – revista, ampliada e atualizada – conta com um Glossário em suas páginas 68-77, com entradas que definem e aclaram 29 (vinte e nove) expressões que orbitam no campo semântico da RJE, da Companhia e da Igreja.

pensamento autoral da Rede (presente em seu texto original), verifiquei a necessidade de aprofundar e de tornar acessível aos educadores e aos gestores da Educação Básica o que da formulação da Missão da RJE se expressa e se caracteriza como sendo *excelência* enquanto um dos marcadores de sua Identidade Institucional.

A essa possibilidade de adensamento para conceituação, sentido, características e uso do marcador *excelência* aplicado a uma identidade institucional, conforme expresso nos textos formuladores da RJE, encontramos, no pensamento kolvenbachiano acerca da Educação Básica, oportunidades de entendimentos sobre identidades e características de uma Obra Educacional da Companhia de Jesus, sobre a missão que ela exerce e, ainda, sobre como reler o identificador *excelência* em terminologia inaciana e jesuítica na Educação Básica.

Ao encontrar, no pensamento kolvenbachiano acerca da Educação Básica, 23 (vinte e três) referências ao termo *excelência* classifiquei-as e as analisei de modo a poder distinguir como se constituía o uso de tal termo e cheguei a uma composição que apresenta o universo de 10 (dez) excertos que citam o citam vinculando-o aos termos *pedagógica* e *acadêmica*; 4 (quatro) excertos que denominam a excelência de forma geral – sem outros termos a ela vinculados; 1 (um) excerto onde estão relacionados a *excelência* e o equilíbrio emocional e afetivo; 1 (um) excerto em que a *excelência* figura como marcador da vivência de valores; 3 (três) excertos com o uso da expressão *por excelência*; 3 (três) excertos com a expressão *excelência humana*; 1 (um) excerto em que a *excelência* é utilizada como pronome de tratamento: *Vossa Excelência*.

No encontro de Peter-Hans com a comunidade educativa do Colégio Berchmans<sup>54</sup>, em Cali/Colômbia, (02 de março de 1990), ele afirma que

Todos sabem que a educação jesuítica que compartilhamos põe toda a sua ênfase não só na excelência acadêmica – que é necessária, mas que também pode ser oferecida por outras instituições educativas – senão que, sobretudo, [a ênfase está] na formação humana integral dos jovens por meio da transmissão e da assimilação dos valores que encontramos no evangelho. (ACODESI, 2009, p. 266).

---

<sup>54</sup> Sobre o Colégio Berchmans, ver: <https://berchmans.edu.co/index.php/mi-colegio/somos-berchmans/80-anos>. Acesso em: 11 set. 2023.

Nessa citação, Kolvenbach concretiza o lugar da excelência como algo necessário, mas não original e particular à educação jesuítica, uma vez que outras instituições, redes e conglomerados educacionais também podem oferecê-la – e, até mesmo, com mais recursos e eficácia. Tal olhar para fora dos muros das escolas da Companhia – “outras instituições” – aponta para um risco que, à época, despontava: a educação entendida como mercadoria, com a transição de uma identidade de gestor-educador para uma identidade de gestor-empresário, por meio de negociações tratadas por empresas enquanto conglomerados acionistas em bolsas de valores, por exemplo. Considero que esse modo de tratar a educação como mercadoria é um definidor do marcador mercadológico na atuação em prestação de serviços educacionais.

Tal cenário econômico-educacional vai ganhando força, constituindo-se e consolidando-se quase três décadas depois do chamamento de Kolvenbach a fazer atenção quanto ao gasto de energia humana e financeira despendido pelos colégios da Companhia ao enfatizarem em sua identidade aquilo que é difícil de ser imitado por outros: a educação humanística como contraponto à educação de mercado<sup>55</sup>. Uma exemplificação dessa prática mercadológica na Educação Básica ocorreu quando dois conglomerados educacionais executaram uma transação bilionária de compra e venda de colégios no Brasil, confirmando a era das incorporações de redes e de sistemas de ensino em formato de *holdings* educacionais – onde as administradoras comerciais dão o tom da oferta educacional e onde o lucro financeiro é o principal objetivo<sup>56</sup>.

Ao utilizar, nesse encontro com educadores, os verbos *transmitir* e *assimilar*, Kolvenbach trata a relação ensino-aprendizagem como um caminho em duas direções – *input* e *output*. Ao não indicar quem vai *transmitir* e quem vai *assimilar*, ou seja, qual o papel do educando e qual o papel do educador nesse processo, há margem para a leitura de

---

<sup>55</sup> Uma forma possível de estabelecer o real propósito de uma entidade educacional é questionar como tal instituição lida com o trato financeiro de sua sustentabilidade e de sua manutenção de oferta educacional. Nessa direção, redes e conglomerados educacionais unidos à capitalização acionária da educação estão mais inclinados a tratar a educação como mercadoria e a escola como empresa. Sobre conglomerados educacionais e empresas privadas vinculados a Bolsas de Valores, ver: <https://thetricontinental.org/pt-pt/brasil/cartilha-a-educacao-brasileira-na-bolsa-de-valores/>. Acesso em: 10 out. 2023.

<sup>56</sup> A Kroton e a Somos – duas empresas privadas de capital aberto que atuam no setor educacional – estabeleceram, em 2018, negociação de compra e venda de suas unidades educacionais no valor de R\$ 4,6 bilhões. Sobre a Kroton, ver: <https://www.cogna.com.br/>. Acesso em: 09 set. 2023. Sobre a Somos, ver: <https://www.somoseducacao.com.br/>. Acesso em: 09 set. 2023. Sobre a compra da Somos pela Kroton, ver: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-04/kroton-fecha-compra-da-somos-educacao>. Acesso em: 09 set. 2023.

um cenário em que professores podem assimilar conhecimentos dos estudantes – *input* – e os estudantes podem transmitir informação aos seus mestres – *output* –, no sentido freiriano de que quem ensina também aprende e vice-versa. Dessa forma, no início dos anos 1990 e após a queda do Muro de Berlim – com suas implicações de novos entendimentos acerca da individualidade e da coletividade na geopolítica, na apropriação de diversificados métodos educacionais e nas relações econômicas mundiais –, Peter-Hans acenava para o equilíbrio e corresponsabilidade na relação entre o ensino (com foco no educador e no educando) e a aprendizagem (com foco no educando e no educador). Nessa perspectiva, tais interações discentes-docentes ganham novas formas de serem compreendidas em inter-relação. O Projeto Educativo Comum 2021-2025 da RJE aproxima-se dessa proposição, indicando que

[...] é importante promover a aprendizagem de modo que capacite o estudante a perceber o valor do aprendizado ao longo da vida e possibilite o desenvolvimento dos talentos individuais e coletivos. Garantir a aprendizagem integral exige da escola, hoje, a compreensão de que o contexto mudou, os estudantes aprendem de formas e em tempos distintos, em espaços que não se limitam ao escolar, exigem respostas individualizadas, diversos modos de fazer e de mediar a construção do saber, oportunizando vivências que atendam a diferentes necessidades”. (Companhia de Jesus, 2021, p. 39).

O deslocamento kolvenbachiano da ‘excelência acadêmica’ para a ‘formação humana integral’ na oferta jesuíta não retira a necessidade da primeira, mas apela para que seja algo sabido por todos – ‘*Todos sabem que...*’ – que o projeto para a humanidade, explicitado nos Evangelhos e no Magistério da Igreja, é que constitui a prática educacional da Companhia na Educação Básica. Desse modo, o lugar identitário de um colégio deve estar nichado em sua confessionalidade a uma pessoa, Jesus Cristo.

Tal deslocamento não deve ser entendido como pendular, pois, em dado movimento histórico, o pêndulo sempre volta ao local original anterior. Quando compreendido como processo balanceado – posto na balança –, é que se pode prestar a devida atenção a quais elementos estão colocados em ambos os pratos da balança para que o peso dado a certos aspectos faça descer à prática cotidiana – o chão da escola – o “prato” da formação humana integral, deixando, conseqüentemente, em maior suspensão, de forma controlada, o “prato” da excelência.

Quanto a uma identidade em Unidade educacional pertencente à rede confessional católica – característica do Colégio Berchmans, local dessa alocação de Kolvenbach à

comunidade educativa –, Peter-Hans sustenta, ainda, que os “valores que encontramos no Evangelho” é que devem compor os marcadores institucionais de oferta educacional em escolas da Ordem. Referenciar o Evangelho – Boa Nova – como portador dos valores que identificam a educação jesuíta tem, ao menos, duas significâncias: a) entender os evangelhos como livros-narrativas para o aprendizado concernente às etapas e ao sentido que compõem um projeto de vida em todas as suas fases; e b) implicar os envolvidos no ensino-aprendizagem na aplicação dos ensinamentos de uma pessoa – Jesus Cristo – que praticou e comunicou valores, a um só tempo, humanizadores e transcendentais. Nesse sentido, com vistas a uma educação evangelizadora, o PEC da RJE compreende e propõe que a educação “está centrada em Jesus Cristo como modelo de vida (Documento de Aparecida 3, 336; VE 27, 32) e comprometida em transformar o mundo segundo os valores do Evangelho (Documento de Aparecida 330; VE 29)” (Companhia de Jesus, 2021).

Na Companhia, a elaboração do roteiro para a visita do Prepósito Geral a algum país tem como preparativos os diálogos do Provincial com o Assistente da Região a que a província pertence e, até mesmo, com o próprio Geral. Assim, a depender do contexto, das disponibilidades e das disposições gerais e particulares, podem ocorrer várias participações do Pe. Geral quando de sua visita, não sendo incomum que, em um mesmo dia, aproveite-se da presença do Prepósito para o maior número possível de interlocuções deste com públicos diversos.

Tal foi o caso da visita ao Colégio Berchmans, em Cali/Colômbia (02 de março de 1990), na qual Peter-Hans dirige uma alocução à Associação de Antigos Alunos – em um total de oito Colégios da Companhia de Jesus na Colômbia – e à Federação de Associações de Profissionais Jeverianos – Unión Javeriana – nessa segunda alocução, ele reforça a ideia de excelência acadêmica com importância circunscrita ao desafio maior que é a conversão radical da pessoa, uma mudança interior, para sair de si mesma e ir ao encontro do serviço a Deus e a Seu Reino:

não pretendia Inácio duplicar a universidade de Paris nem os colégios de Vitorino de Feltre. O guiava unicamente a ideia do apostolado através da educação. Saltar sobre a excelência acadêmica, que tem sua importância, aceitando o desafio maior de provocar uma conversão radical, uma mudança de coração, pelo que uma pessoa sai de seus interesses egoístas a uma generosidade ilimitada na entrega ao serviço de Cristo e da implantação de seu Reino. (ACODESI, 2009, p. 343).

Diferentemente da citação anterior, quando falava com toda a comunidade educativa, ao falar particularmente aos Antigos Alunos e Profissionais da Educação, Peter-Hans toca outras cordas e tem a atenção ao público presente. Pospondo a excelência acadêmica a algo maior que ela – o modo de evangelizar pelo apostolado da educação –, Kolvenbach realinha a Companhia com o entendimento do fundador da Ordem, Inácio de Loyola.

Dessa forma, Kolvenbach põem em relevo a continuidade da vinculação inaciana dos antigos alunos e colaboradores não mais sentados em salas de aula a fim de aprenderem/ensinarem conteúdos curriculares e socializarem saberes, mas agora mobilizados no mundo, dentro e fora dos muros da Instituição, a fim de fazerem valer um projeto de vida – “entrega ao serviço de Cristo” – que tenha profundidade e coerência com aquilo que foi aprendido/ensinado nos colégios – “implantação de seu Reino” – para além dos livros e dos programas educacionais, como “conversão radical” e “mudança do coração”.

Nesse mesmo contexto, particularizando a mensagem ao público dos colaboradores presentes, Peter-Hans, inculcando a vinculação da excelência acadêmica incorporada à excelência humana, ainda expõe que todos os jesuítas, os leigos, os professores e os administradores das obras educacionais da Companhia de Jesus são mais que “simples acadêmicos. Esforçam-se para chegar à pessoa, para tirar dela o seu melhor. Procuram um harmônico desenvolvimento intelectual, afetivo, moral e espiritual” e “cultivam a excelência acadêmica, mas dentro do âmbito da excelência humana, onde aquela se inscreve” (ACODESI, 2009, p. 345).

A respeito de como entender o grupo de antigos alunos, o Projeto Educativo Comum da RJE aproxima-se do entendimento kolvenbachiano de particularização desse grupo, com atendimento vinculativo diferenciado, ao prever que “os antigos estudantes ainda são entendidos como membros da comunidade educativa, portanto podem estabelecer vínculos, manter a interação e a convivência com o ambiente das Unidades Educativas” (Companhia de Jesus, 2022, p. 59).

Em 03 de março de 1990, em alocução – não proferida – aos professores dos Colégios Jesuítas de Pasto/Colômbia, Peter-Hans escreve sobre a excelência, afirmando que “pretendemos a excelência, mas não nos reduzimos a excelência acadêmica, que é somente um meio e uma parte da excelência integral que é, em realidade, a meta de nosso apostolado educativo” (ACODESI, 2009, p. 273). Aqui, vai se reiterando, no pensamento

kolvenbachiano, a ideia de que o termo *excelência* não deve ser usado isoladamente nem ter uma referência em si mesmo.

Quando se trata de formular uma sentença propositiva de uma identidade e de uma missão de Obra Educacional Básica da Companhia, a *excelência* é, pois, mais bem entendida se vinculada diretamente a outros termos. Peter-Hans destaca a expressão ‘integral’, sobrepondo-o ao termo *acadêmica*. Pode-se, assim, depreender que, na expressão *excelência acadêmica*, o que é enfatizado é a excelência pedagogicamente posta em marcha; já na expressão *excelência integral*, o que se destaca é a integralidade de uma pedagogia que atua com vistas à excelência.

Caracterizar a excelência acadêmica como “somente um meio” para o fim e como “uma parte” do todo ratifica aquilo expresso por Inácio de Loyola – fundador da Ordem e primeiro Prepósito Geral – ao escrever, nos Exercícios Espirituais, que “qualquer coisa que eu escolher deve ser tal que me ajude para o fim para que sou criado, não subordinando nem sujeitando o fim ao meio, mas o meio ao fim” (Loyola, 1966, p. 106). Também as Normas Complementares da Companhia de Jesus (2004, p. 263) interrelacionam meios e fins quando se trata do conhecimento e da excelência: “[...] a finalidade dos estudos na Companhia de Jesus é apostólica: por meio deles se deve alcançar a riqueza e excelência de conhecimentos requeridas para tal fim”.

O texto inaciano, o texto kolvenbachiano e o texto normativo da Companhia, situados assim em confluência, denotam como a relação entre meios e fins, de forma geral, e para a educação ofertada pela Companhia de Jesus, de modo particular, seguem o que o carisma da Ordem cristalizou em seu modo de proceder. A esses três excertos, soma-se uma quarta confluência que a RJE (2021, p. 30) tomou como sua abordagem educativa ao identificar que

há uma necessidade premente de reformular o ambiente escolar e de repensar muitas das atuais práticas pedagógicas, a fim de rever espaços, recursos e metodologias, para que utilizem as tecnologias digitais para inovação, considerando, conforme o critério que norteia os trabalhos apostólicos da Companhia, a relação entre meios e fins.

Uma vez que, “como toda ação humana, a ação pedagógica visa um fim e para atingi-lo dispõe de meios que devem ser selecionados e dispostos com vistas a este fim” (Laval,

2004, p. 207), a importância de aclarar – e não deslocar – meios e fins da educação é reforçada pela compreensão do contexto neoliberal no qual a escola está “corroída pelo egoísmo utilitarista” e concebe a educação como integrante de uma visão de “humanidade composta por pequenos soldados da guerra econômica mundial” (Laval, 2004, p. 322).

Quando em visita ao México, em 26 de agosto de 1990, no Colégio Pereyra<sup>57</sup>, Peter-Hans continuou discorrendo sobre o lugar e a intenção da excelência acadêmica praticada pela Companhia de Jesus na Educação Básica, mas não sem antes demonstrar sua familiaridade com a assembleia reunida para escutá-lo, memoriando sua proximidade com os professores a partir de sua própria ação educativa docente:

Hoje o meu primeiro pensamento é de gratidão. Quero agradecer-lhe pelo que são: pessoas comprometidas, de uma maneira ou outra, no significativo ministério jesuítico do ensino. Também no Líbano, em Beirute, fui professor durante muitos anos e a partir dessa experiência posso dizer-lhes que conheço os gozos, os desafios e os altos-e-baixos próprios da vocação de quem busca ensinar como Jesus. (ACODESI, 2009, p. 280).

Nessa ocasião, três são as contribuições kolvenbachianas sobre a excelência acadêmica. Duas delas mostram como o pensamento kolvenbachiano reforça a ideia de que a educação jesuítica precisa ir além da excelência acadêmica para alcançar seus ideais humanistas e a ideia de que os educadores não devem se contentar com a oferta de uma excelência acadêmica como um fim em si mesma, quando afirma que

um colégio jesuítico não poderá atrair jovens de talento excepcional se não lhes oferece a perspectiva de uma excelência acadêmica. Mas vocês também não poderão satisfazer suas aspirações mais íntimas ainda que às vezes pobremente tematizadas se não os promove para além da excelência acadêmica. (ACODESI, 2009, p. 281).

Ademais, Kolvenbach defende que “a companhia de Jesus comprometeu grande parte de seu pessoal e seus recursos nos estudantes de educação básica precisamente porque estes estão se perguntando sobre as fontes da vida para além da excelência acadêmica” (ACODESI, 2009, P. 282).

A terceira contribuição kolvenbachiana já não é um reforço da ideia de ir além da excelência acadêmica para que os estudantes possam “alcançar as estrelas” (ACODESI,

---

<sup>57</sup> Sobre o Colégio Pereyra, ver: <https://pereyra.edu.mx/conocenos/historia/>. Acesso em: 11 set. 2023.

2009, P. 282), atingir seu potencial pleno. Trata-se, antes, de uma ratificação do uso assertivo de tal oferta educacional de excelência, com vistas a identificar, de uma parte, o que ela não é nem pode ser em colégio jesuíta e, de outra parte, quem é o modelo mobilizador e motivador à ação para o educando e para o educador, ao apontar que

Um colégio jesuítico de Ensino Médio é um centro de excelência acadêmica. Acompanhar o desenvolvimento intelectual de cada estudante até alcançar a plena medida dos talentos dados por Deus segue sendo uma meta eminente da educação primária e secundária da Companhia de Jesus. Seu propósito nunca foi o de acumular uma provisão de informações ou preparar simplesmente para uma tarefa, ainda que isto seja importante em si mesmo e útil para os novos líderes cristãos. Ao contrário, a última meta de nosso ministério educativo é o desenvolvimento integral da pessoa humana que a leve a ação. Uma ação, especialmente, que esteja impregnada do espírito e da presença de Jesus, Homem-para-os-demais. (ACODESI, 2009, p. 180-181).

Dentre as análises possíveis desse pensamento kolvenbachiano sobre a excelência acadêmica, destaco três que abrem novas perspectivas, distintas do que já havia sido tratado por Kolvenbach em ocasião anterior, quando, seis meses antes – em 02 de março de 1990 –, ele se encontrava no Colégio Berchmans, em Cali/Colômbia.

A primeira novidade kolvenbachiana está na vinculação da excelência com a mística e a espiritualidade presentes nos Colégios da Companhia, aproximando o acompanhamento intelectual com os talentos dados por Deus. Mais uma vez, há uma conexão direta desse modo de expressar a missão e o fim de uma obra de educação jesuítica com as intencionalidades expostas pelo fundador da Ordem, no século XVI, quando Inácio de Loyola afirmou que se deve considerar como “todos os bens e dons vêm do alto; como o meu limitado poder provém do sumo e ilimitado poder do alto” (Loyola, 1966, p. 148).

Uma segunda contribuição kolvenbachiana consiste na defesa de que a excelência não é um acúmulo de informação – afastando-se, assim, da educação bancária e mecanicista e aproximando-se da educação humanista – e de que a educação jesuítica não endossa o entendimento da oferta da educação como um fator utilitarista que prepara os educandos simplesmente para uma execução de tarefas nas engrenagens sociológicas do mercado.

Ao reforçar que o ideário do ministério educativo é o “desenvolvimento integral da pessoa humana” – abordagem já tratada por Peter-Hans quando de sua visita à Colômbia naquele mesmo ano de 1990 –, surge uma terceira formulação que atrela a ação que é fruto de tal desenvolvimento integral ao “espírito e presença de Jesus, Homem-para-os-demais”.

A expressão *homens para os demais* foi modelada por Pe. Pedro Arrupe – o qual, como vimos anteriormente, antecedeu Kolvenbach, sendo o 28º Prepósito Geral da Companhia – em uma alocução<sup>58</sup> aos participantes do Simpósio sobre o Ensino Médio em Roma, em 13 de setembro de 1980, na qual abordou o tema da excelência:

Esta excelencia consiste en que nuestros alumnos, siendo hombres de principios rectos y bien asimilados, sean al mismo tiempo hombres abiertos a los signos de los tiempos, en sintonía con la cultura y los problemas de su entorno, y hombres para los demás. (ARRUPE, 1980. p. 4).

Na alocução aos antigos alunos jesuítas em Cali/Colômbia, em 02 de março de 1990, Peter-Hans alude que no governo de seu antecessor

se plasmou a frase ‘homens para os demais’, justificada, analisada e desenvolvida pelo P. Arrupe no sentido de que este é o tipo de homem em que temos de converter-nos. O homem novo, levado pelo Espírito, exigido pelo serviço ao ideal de justiça evangélica. Um homem que, ao acumular posses, poderes e saberes deste mundo, os faz servir a humanidade, sem centrá-los sobre si mesmo. (ACODESI, 2009, p. 340).

Dois são os acréscimos-arranjos kolvenbachianos a essa clássica expressão de Arrupe. Em primeiro lugar, Peter-Hans apresenta todas as palavras vinculadas por hifens, de maneira que tal termo passa ao campo do recurso estilístico, que ratifica a inseparabilidade da expressão, tornando-a um epíteto. Em segundo lugar, Kolvenbach releu tal expressão de Pe. Arrupe como uma possível apresentação da pessoa de Jesus Cristo ao colocar um marcador em maiúscula na palavra ‘Homem’ para expressar gramaticalmente que se está referindo a Deus. Em Arrupe, caracteriza-se a horizontalidade imanente e a projeção formativa da expressão *homens para os demais*. Em Kolvenbach, de modo complementar, aparece a verticalidade transcendente e a imediatez da relação com o Verbo feito carne que se apresenta como *Homem-para-os-demaís*.

---

<sup>58</sup> Dado que traduções dessa alocução para o português podem se afastar do sentido original da expressão, submetendo tal fala de Arrupe a adaptações como “homens a serviço dos outros”, por exemplo, manterei na citação o texto original em espanhol – como está publicado no site Educate Magis da Companhia, disponível em: [https://www.educatemagis.org/wp-content/uploads/2015/07/arr\\_colegios\\_sp.pdf](https://www.educatemagis.org/wp-content/uploads/2015/07/arr_colegios_sp.pdf). Acesso em: 11 set. 2023.

Ao investigar, no Estatuto e no Projeto Educativo Comum da Rede Jesuíta de Educação, o lugar concedido à Formação Cristã enquanto setor responsável por animar a vida eclesial, espiritual, teológica, pastoral, sacramental, cristã da Comunidade Educativa nos Colégios da RJE, tive acesso à informação de que o Coordenador dessa área está vinculado como membro efetivo da Equipe Diretiva:

São membros ex-officio do Fórum das Equipes Diretivas os colaboradores das Unidades nos cargos de Direção Geral, Direção Acadêmica, Direção Administrativa e Coordenação de Formação de Cristã e Pastoral, ou função homóloga a esses cargos (Companhia de Jesus, 2022, p. 13).

Com essa prerrogativa, leva-se em consideração o lugar de uma identidade institucional como Rede confessional, ao ser o Coordenador da Formação Cristã membro efetivo da Equipe Diretiva, uma vez que isso lhe confere voz e voto no Fórum das Equipes Diretivas – instância que auxilia o Diretor da RJE no governo da Rede:

O Fórum das Equipes Diretivas reúne-se ordinariamente duas vezes ao ano, em formato presencial ou virtual, para um momento formativo, de avaliação e diálogo sobre questões relativas ao funcionamento da Rede e a implementação do PEC nas Unidades. (Companhia de Jesus, 2022, p. 13).

Quanto à pessoa de Jesus Cristo, ela é referenciada uma vez no Estatuto, em seu Artigo 5º §1º, com termos semelhantes aos empregados por Peter-Hans para caracterizá-lo como *Homem-para-os-demais*, por meio de expressões como *resposta encarnada, atuação no mundo, dons a serviço aos demais*. Nesse Artigo, apresentam-se os valores da RJE, sendo o primeiro valor o binômio inaciano *amor e serviço*, assim configurado: “§ 1º Amor e serviço. A experiência radical de sermos criados por Deus no seguimento a Jesus Cristo impele-nos a uma resposta encarnada no meio da atuação no mundo em que colocamos nossos dons a serviço dos demais” (Companhia de Jesus, 2022, p. 5).

Por sua vez, no PEC, o *Homem-para-os-demais* é nominado indiretamente uma vez, no contexto que apresenta Jesus como Modelo de vida (Companhia de Jesus, 2021, p. 19), trazendo a referência do Documento de Aparecida seção 3, nº 336:

Portanto, a meta que a escola católica se propõe com relação às crianças e jovens, é a de conduzir ao encontro com Jesus Cristo vivo, Filho do Pai, irmão e amigo, Mestre e Pastor misericordioso, esperança, caminho, verdade e vida e, dessa forma, à vivência da aliança com Deus e com os homens. Faz isso colaborando na construção da personalidade dos alunos, tendo Cristo como referência no plano da mentalidade e da vida. Tal referência, ao se fazer progressivamente explícita e interiorizada, ajudará a ver a história como Cristo a vê, a julgar a vida como Ele faz, a escolher e amar como Ele, a cultivar a esperança como Ele nos ensina e a viver n'Ele a comunhão com o Pai e o Espírito Santo. Pela fecundidade misteriosa desta referência, a pessoa se constrói na unidade existencial, isto é, assume suas responsabilidades e procura o significado último de sua vida. Situada na Igreja, comunidade de cristãos, ela consegue com liberdade viver intensamente a fé, anunciá-la e celebrá-la com alegria na realidade de cada dia. Como consequência, amadurecem e parecem co-naturais as atitudes humanas que levam a se abrir sinceramente à verdade, a respeitar e amar as outras pessoas, a expressar sua própria liberdade na doação de si e no serviço aos demais para a transformação da sociedade. (CELAM, 2008, p. 84-85).

Essa releitura kolvenbachiana da expressão de Arrupe lança luzes nas aproximações e nos entendimentos da RJE quanto ao fim da educação jesuítica (“formar homens para os demais”) e quanto ao princípio mobilizador identitário dessa educação (inspirar-se no *Homem-para-os-demaís*).

Após essa exposição de 1990, Kolvenbach voltará a falar de excelência no ano de 1998. Tomando conhecimento de fatos correlatos pertinentes à história da Ordem, durante esse lapso temporal relativamente extenso – um “silêncio” de oito anos –, constatei que, em 1995, ocorreu a Congregação Geral XXXIV. Trata-se de um marco significativo para a história da Companhia de Jesus, pois, nessa assembleia geral dos jesuítas, foram confirmadas as Normas Complementares da Companhia de Jesus, as quais vêm à luz para

fomentar e promover a observância cada dia mais perfeita das nossas Constituições e do nosso Instituto, a Congregação Geral XXXIV, por sua própria autoridade, aprova e promulga as presentes Normas Complementares das Constituições da Companhia de Jesus, tiradas, em sua maior parte, dos decretos das Congregações Gerais, principalmente das Congregações XXXI, XXXII, XXXIII e XXXIV. (Companhia de Jesus, 2004, p. 231).

A elaboração dessas Normas Complementares, no período do generalato de Kolvenbach, visava a atender de modo oficial e cabal o que a ele foi orientado cumprir na Congregação Geral XXXIII (1983), que o elegeu como Prepósito. Foi ordenado pela Congregação Geral, naquela ocasião, que o novo Padre Geral “prepare, com estudos adequados, a revisão de nosso Direito”, sendo a ele concedidas, para tanto, “faculdades

especiais por ocasião da entrada em vigor do novo Código do Direito Canônico” (Companhia de Jesus, 1984, p. 82).

Encontra-se no Capítulo V das Normas Complementares os ministérios que a Companhia assume como missão (Companhia de Jesus, 2004, p. 232-336). Na parte 5 desse capítulo, que trata “Sobre o apostolado Educativo”, destaca-se na letra b. – intitulada “as instituições educativas da Companhia” – a retificação dos documentos *Características da Educação da Companhia de Jesus* (1986) e *Paradigma Pedagógico Inaciano* (1993). Tais documentos são incorporados ao Direito da Companhia, quando as Normas dizem que

Os documentos sobre o nosso apostolado educativo elaborados pelo Secretariado Central para a Educação e aprovados pelo Padre Geral, tendo em conta as diferenças locais e culturais e as adaptações à natureza das diversas instituições, devem inspirar as declarações de princípios, orientações, programas pedagógicos e todo o ambiente escolar das instituições educativas da Companhia” (Companhia de Jesus, 2004, p. 330).

Assim, foi deliberado por Peter-Hans que havia chegado o tempo reconhecido como amadurecido o suficiente para convocar uma nova Congregação Geral, a qual se reúne quando há “necessidade de tratar assuntos importantes e de caráter permanente [...] ou certas questões muito difíceis, referente a todo o corpo da Companhia, ou seu teor de vida, para maior serviço de Deus, Nosso Senhor” (Companhia de Jesus, 2004, p. 194).

Nessa ocasião – ano de 1995 –, Peter-Hans já havia respondido o que dele se esperava para a Educação Básica na Companhia, de modo que as Normas Complementares confirmam os documentos educacionais existentes e dão-lhe caráter regulamentar universal. É já com tais entrega e contribuição à história da Ordem que Kolvenbach continuará a tratar, dali em diante em seus discursos, da excelência e de todos os demais temas.

Uma nova contribuição kolvenbachiana sobre a *excelência* está registrada em forma de conferência, ocorrida em Arequipa/Peru. Esse encontro de Peter-Hans se dá com os jesuítas, diretores, comunidade educativa e pessoas vinculadas ao mundo da educação do Colégio São José<sup>59</sup>, em 09 de julho de 1998 – oito anos após ter tratado desse mesmo tema no México – no ano de 1990. Duas são, nessa ocasião, as orientações de Kolvenbach para a Educação Básica no que toca a *excelência acadêmica*.

---

<sup>59</sup> Sobre o Colégio São José de Arequipa/México, ver: <https://csj.edu.pe/identidad-jesuista/#historia>. Acesso em: 12 set. 2023.

Primeiramente, ele desloca da excelência acadêmica para a excelência humana o eixo de interesse educacional da Companhia de Jesus: “[...] a excelência é, há séculos, um dos temas mais acentuados na pedagogia jesuítica, mas não é somente a excelência acadêmica a que pretendemos, senão a excelência humana” (ACODESI, 2009, P. 288).

Outra consideração de Kolvenbach, nessa mesma conferência, é a de que “a excelência nem sempre coincide com o *magis inaciano*” (ACODESI, 2009, p. 288). Essa é uma frase curta, mas lapidar, porque eivada de significados. Considero que tal ruptura, apontada por Kolvenbach no contexto de *Educar em tempos de globalização* – subtema da Conferência em que se encontra esse excerto –, entre esses dois modos de proceder (*excelência* e *magis inaciano*) se dá no processo de vinculação-desvinculação-revinculação do termo *excelência* em seu uso pelo sistema capitalista com vistas a uma escola que valide o sistema neoliberal.

O *magis inaciano* é alcançado à medida que a pessoa vai saindo de seu próprio amor, vontade e interesse (Loyola, 1966, p. 118) e chegando ao bem coletivo acima do bem individual, vencendo-se a si mesma e ordenando sua vida sem se determinar por afeição alguma que seja desordenada (Loyola, 1966, p. 30), de forma a estar livre para desejar e escolher apenas o que mais conduz ao fim para o qual foi criada – amar e servir (Loyola, 1966, p. 30); na pedagogia inaciana, o *magis* “diz respeito ao máximo que a pessoa pode atingir, tendo em vista seu contexto, características, habilidades, experiências” (Companhia de Jesus, 2022, p. 73).

A *excelência* distancia-se do *magis inaciano* quando ela não se embasa em princípios e em valores como esses apontados pela educação jesuítica, aproximando-se mais da eficácia inculcada na escola de cunho neoliberal do que do serviço identificado como socialmente solidário, vinculando-se mais à formação para o individualismo meritocrático do que para a formação à ética humanista e contribuindo, assim, para que “o sistema escolar [seja] forçado a passar do reino dos valores culturais à lógica do valor econômico” (Laval, 2004, p. 301).

Enfim, a *excelência* se distancia do *magis inaciano* quando a eficácia “se constitui como um valor último, suplantando o ideal, doravante desclassificado, da emancipação pelo saber” e “se instala quando a escola é colocada sob a pressão dos meios econômicos” (Laval, 2004, p. 207). Em sentido contrário do entendimento da eficácia como “fim que suplanta o ideal”, em seu lugar no PEC da RJE (Companhia de Jesus, 2022), a eficácia não se torna um

fim em si mesma, mas está vinculada ao serviço (p. 18), ao cumprimento da missão (p. 44) e à entrega de um serviço de qualidade (p. 48). Como ratificação e endosso desse entendimento identitário sobre como o serviço educacional pode distanciar a *excelência* e o *magis inaciano*, o pensamento kolvenbachiano aponta, ainda, que

a contribuição das nossas instituições à sociedade consiste em incorporar no seu processo educativo um estudo rigoroso e perspicaz dos problemas e preocupações cruciais do homem. Este é o motivo pelo qual os colégios da Companhia devem aspirar a uma elevada qualidade de ensino. Por isso mesmo estamos falando de algo que dista muito do mundo de facilidades e superficialidades dos ‘slogans’ e ideologias ou das reações puramente emotivas e egoístas; e de soluções momentâneas e simplistas. O ensino e a pesquisa e tudo o que faz parte do processo educativo têm a maior importância em nossas instituições porque rejeitam e refutam toda a visão parcial ou deformada da pessoa humana, em evidente contraste com as instituições educativas que, devido a um conceito fragmentário de especialização, deixam muitas vezes de parte, sem cair na conta, o interesse central pela pessoa humana. (Companhia de Jesus, 1993, p. 101).

A ocasião seguinte em que Kolvenbach abordará o tema da *excelência* será três meses após tal viagem ao Peru, no mesmo ano de 1998 – em 10 de outubro –, em visita a Gdynia/Polônia, na qual uma alocução em um encontro sobre educação. O contexto dessa viagem à Polônia apresenta algumas simbologias e implicações:

- a) Nas décadas de 1980 e de 1990, havia um apoio público do Papa João Paulo II para que a Polônia saísse do sistema comunista, vinculado à antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Em 1981, João Paulo II atendeu em audiência e fez um discurso à Delegação do Sindicato Independente Autônomo Polaco “Solidarnosc”, presidido por Lech Walesa<sup>60</sup>.
- b) Nessa viagem, Kolvenbach reabre as atividades educacionais da Companhia na terra natal do Papa João Paulo II, a Polônia:

Quero falar-lhes, hoje, do compromisso da Companhia de Jesus no setor de educação. Mas, primeiramente, desejo expressar-lhes minha alegria por compartilhar com vocês a bênção de uma parte do novo edifício deste Liceu de Gdynia. Depois de uma forçada pausa de alguns decênios, a Companhia na Polônia volta a oferecer aqui este apostolado tão típico de sua história. Hoje, é certo, somos testemunhas de um momento realmente particular e significativo.

---

<sup>60</sup> A íntegra desse discurso pode ser encontrado em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1981/january/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19810115\\_solidarnosc.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1981/january/documents/hf_jp-ii_spe_19810115_solidarnosc.html). Acesso em: 12 set. 2023.

De um modo sutil e sucinto, próprio de seu perfil, Peter-Hans pontua nesse excerto a impossibilidade de oferta da Educação jesuíta a Polônia quando esta estava sob a influência da União Soviética, o que causou uma “forçada pausa de alguns decênios” em tal oferta.

- c) Tal reabertura dos serviços educacionais da Companhia no país se dá na mesma década em que a Polônia muda de regime político e torna-se uma democracia, tendo Lech Walesa, que gozava da simpatia de João Paulo II, como o primeiro presidente desse período (1990-1995). O site do Liceo de Gdynia informa que, “após anos de pausa, em 3 de setembro de 1994, o Colégio Jesuíta iniciou sua atividade, que remete à tradição do Ginásio Jesuíta em Gdynia (Orłowo), bem como antigos colégios jesuítas de Vilnius e Chyrow”<sup>61</sup>. O ano de 1994 teve a confluência de ser o 11º ano do generalato de Kolvenbach, o 5º ano de governo presidencial de Lech Walesa e o 16º ano do pontificado de João Paulo II. A construção, pela Companhia, de um novo edifício que passaria a abrigar o *Liceo de Gdynia*, administrado pelos jesuítas, tem traços de uma sinalização particular da aproximação da Ordem com o Pontífice Romano em sua terra natal.

É nesse Liceo polonês que Kolvenbach pronuncia uma alocução de 10 páginas, versando sobre “O compromisso da Companhia de Jesus no setor de educação”, na qual ele compartilha seu pensamento a respeito dos seguintes temas: “A Educação na Companhia de Jesus”; “A inspiração inaciana de um Colégio Jesuíta”; “alguns traços característicos da Educação Inaciana”; “Um Projeto Educativo”. Dados o volume, a densidade e a simbologia desse documento, ele não se destina apenas aos interlocutores imediatos de Kolvenbach naquele encontro em Gdynia, mas tem o potencial de ser um texto lapidar sobre o pensamento kolvenbachiano acerca da Educação Básica.

Em tal ocasião, a *excelência* é tratada por Kolvenbach no contexto dos “Traços característicos da educação inaciana”. Ele reitera, quase com as mesmas palavras, o que já havia afirmado sobre o referido tema quando de sua viagem ao Peru (09 de julho de 1998): “a mesma excelência que deve pretender nossa educação – o magis inaciano – pode chegar

---

<sup>61</sup> Sobre o Liceo de Gdynia, ver: <https://jezuici.edu.pl/o-szkole/historia/>. Acesso em: 12 set. 2023.

a uma perversão se se perde de vista a dimensão da totalidade. Não é simplesmente a excelência acadêmica a que se pretende, mas a excelência humana” (ACODESI, 2009, p. 299).

Peter-Hans traz à Polônia um excerto produzido por ele meses antes no Peru e com isso ajuda a compreender o quanto as pessoas, os tempos e os lugares influenciam nas decisões de reforçar a mensagem que se quer cristalizar. Assim, tal repetição quase literal não parece se tratar de um lapso ou de mera cópia de discurso anterior, mas de uma confirmação de que o “que” e o “como” se diz é tão importante quanto o “onde”, o “quando” e o “a quem” se diz.

Entendo que Peter-Hans aproveitou a oportunidade de estar na terra do Papa – com quem intencionava continuar construindo novos e mais fortes laços de diplomacia, de entrega da Companhia e de serviço à Igreja – para ser ouvido pelos seus compatriotas poloneses. Pode-se conjecturar que prevaleceu, aqui, o entendimento de que seria mais fácil chegar, sensível e afetivamente, aos ouvidos do Sumo Pontífice algo dito – reforçado – em seu país natal do que em qualquer outro lugar do planeta.

No generalato de Kolvenbach, a partir do escopo de seleção documental aqui assumido, o tema da relação entre a Educação Básica e a excelência foi por ele abordado em Cali e em Pasto, na Colômbia (março de 1990); em Torreón, no México (agosto de 1990); em Arequipa, no Peru (setembro de 1998); e em Gdynia, na Polônia (novembro de 1998).

Quanto aos demais excertos do pensamento kolvenbachiano acerca da *excelência* de modo geral – sem outros termos a este vinculados – e, especificamente, acerca da *excelência humana*, três são as citações encontradas:

- a) “[...] a excelência é, há séculos, um dos temas mais acentuados na pedagogia jesuítica, mas não é somente a excelência acadêmica a que pretendemos, senão a excelência humana. A excelência nem sempre coincide com o magis inaciano” (ACODESI, 2009, p. 288);
- b) “[...] pretendemos a excelência, mas não nos reduzimos a excelência acadêmica, que é somente um meio e uma parte da excelência integral que é, em realidade, a meta de nosso apostolado educativo” (ACODESI, 2009, p. 273);

- c) “[...] a mesma excelência que deve pretender nossa educação – o *magis inaciano* – pode chegar a uma perversão se se perde de vista a dimensão da totalidade. Não é simplesmente a excelência acadêmica a que se pretende, mas a excelência humana” (ACODESI, 2009, p. 299).

Todos esses excertos – sejam os relacionados à excelência, em geral, sejam os relacionados à excelência humana, em particular – foram contemplados nas análises já realizadas até aqui, quando tratei dos excertos pertinentes à excelência acadêmica. Peter-Hans, na tentativa de tratar isoladamente a excelência, de certo modo, acaba por vinculá-la a outras formas de expor um pensamento integral e coeso no que diz respeito à excelência, ora a denominando como *excelência integral*, ora a aproximando do *magis inaciano*. No pensamento kolvenbachiano, compreender a excelência desvinculada de um contexto, como um bem em si e para si, leva-a à perversão; distorce a sua natureza; abre oportunidade para um uso seu mercadológico.

A perversão aqui alertada por Kolvenbach, aquela que pode transmutar a natureza da excelência, levando-a de um bem para todos, propulsor de melhorias coletivas, a um impulsionador individualista e excludente, é também reconhecida por Dardot e Laval (2016, p. 372): “A perversão que se distingue clinicamente pelo consumo de parceiros como objetos que são jogados fora assim que são considerados insuficientes teria se tornado a nova norma das relações sociais”.

É nesse cenário perverso – onde impera a descartabilidade do humano pelo humano – que o campo da educação precisa continuar como local destacado onde se prima pela construção orgânica e metodológica de relações sociais saudáveis e solidárias. Um resumo oportunamente cru, enquanto leitura crítica às consequências de um cenário neoliberal, é apontado por Kolvenbach quando de sua alocução na Reunião Internacional sobre a Educação Superior da Companhia de Jesus: a Companhia de Jesus à luz do carisma inaciano, evento ocorrido em Monte Cucco/Roma, em 27 de maio de 2001:

A simples vista descobrimos que não pode ser de Deus o converter o mercado e o interesse econômico como motor único da sociedade. Os espantosos resultados da globalização econômica tal como se estão implantando, a margem de toda ética, saltam à vista: desumanização, individualismo, in-solidariedade, fragmentação social, aumento do abismo já existente entre ricos e pobres, exclusão, falta de respeito aos direitos humanos, neocolonialismo econômico e cultural, exploração e deterioração do ambiente, violência, frustração. Para não falar da ‘conexão perversa’ com a globalização do crime: tráfico de seres humanos e de armas, drogas, exploração da mulher e do sexo, trabalho infantil, manipulação dos meios de comunicação de massa, máfias de todo tipo, terrorismo, guerra e o envelhecimento do valor da vida humana. (ACODESI, 2009, p. 155-156).

Mesmo sendo um excerto de Peter-Hans em alocução referente à Educação Superior – para além do escopo da Educação Básica, nosso foco analítico –, é oportuno trazer e apresentar dessa maneira a sua visão de mundo no que concerne o combate à perversidade inerente ao sistema econômico vigente e às mudanças necessárias pelas quais precisam passar as relações sociais.

A RJE, em uma aproximação a tal pensamento kolvenbachiano, aponta que a relação educação/administração de bens se dá no

uso responsável e racional de meios e recursos, tendo como foco nosso fim proposto, assim como, em certos momentos e segundo discernimento criterioso, a partilha do ser e do ter, colaborando, desse modo, na execução da missão universal da Companhia de Jesus e na construção de uma sociedade mais justa, fraterna e igualitária. (Companhia de Jesus, 2021, p. 47).

A esse propósito, Kolvenbach acentua que

o interesse pelos problemas sociais e econômicos e pelas mudanças necessárias na estrutura social não devem nunca estar ausente; deveríamos colocar a todos nossos estudantes ante do desafio de utilizar a opção pelos pobres como um critério decisivo, não tomando nenhuma decisão importante sem pensar antes que impacto terá sobre os mais humildes da sociedade. Isto comporta sérias consequências sobre o programa de estudos, o desenvolvimento do pensamento crítico e a adesão aos valores, assim como sobre os estudos interdisciplinares, o entorno do campus, as experiências de serviço e penetração na comunidade local. (ACODESI, 2009, p. 444).

Ainda sobre a excelência como abordada por Peter-Hans em seu pensamento acerca da Educação Básica e como marcador da Missão educativa da Rede Jesuíta de Educação, temos outro excerto na alocução aos professores dos colégios Jesuítas de Pasto/Colômbia,

em 03 de março de 1990. Nessa alocução não pronunciada<sup>62</sup> e já referenciada anteriormente, a excelência é relacionada, de início, ao equilíbrio emocional e, na sequência, à vivência de valores:

O aluno de nossos colégios tem que ser excelente nos conhecimentos requeridos para a vida em sociedades cada vez mais técnica das que exigem uma maior especialização nos diversos Campos do saber deve estar caracterizado pela excelência em seu equilíbrio emocional e afetivo que lhe permita conviver em ambientes hostis sem perder a própria identidade deve superar a mediocridade na sua capacidade de relação e cooperação e na busca de uma pátria justa que possa garantir a paz e tem enfim que demonstrar sua excelência na vivência dos valores assumidos como orientação fundamental de toda a sua vida pessoal e familiar. (ACODESI, 2009, p. 273-274).

Nessa oportunidade, o pensamento kolvenbachiano visibiliza e confere características que identificam um estudante nos Colégios da Companhia: excelência no conhecimento; excelência no equilíbrio emocional e afetivo; excelência na vivência de valores. Com tal tríade para a excelência, a RJE entende que o equilíbrio de si oportuniza que a pessoa toda aprenda em estado de confluência e assimilação a uma educação integral:

Vislumbramos um processo educativo cujo paradigma supere a visão racionalista vigente e nos impulse na renovação dos currículos e dos modos de ensinar, assumindo de forma mais explícita que, na perspectiva da educação integral, aprende a pessoa toda, e não apenas sua dimensão intelectual. (Companhia de Jesus, 2022, p. 36).

Trata-se, igualmente, de uma aproximação da RJE a uma nova compreensão do papel e do perfil discentes – em uma tríade para a excelência –, “pressupondo o estudante como centro do processo de aprendizagem” (Companhia de Jesus, 2022, p. 37), de modo que a gestão escolar, o corpo docente, as equipes de apoio, os núcleos familiares confluam para a oferta de uma educação integrada ao projeto de vida do educando em sociedade.

Também é dito, nesse excerto kolvenbachiano, que os estudantes devem ter “valores assumidos como orientação fundamental de toda a sua vida pessoal e familiar”. Em complemento a essa proposição, quando trata de valores cristãos para a Educação Básica, Kolvenbach atribui sentido a tais valores, apontando que

---

<sup>62</sup> Convém ressaltar a importância da manutenção de registros escritos do pensamento, uma vez que, se tivessem sido guardadas no pensamento para serem proferidas na ocasião desse encontro com os professores e tal ocasião não ter sido possível, ter-se-iam perdido contribuições como essa.

o que ele [o educador] é conta para o jovem que o observa momento a momento é muito mais do que aquilo que ele diz ou ensina em aula. Em nosso mundo contemporâneo, da cultura da imagem, a imagem vivente que percebem nossos alunos em seus educadores é o fator formativo mais importante porque é o mais efetivo. As palavras podem fazer refletir, mas o exemplo arrasta à imitação. Neste ato de boas-vindas que o Colégio Berchmans me oferece, pude captar de maneira muito direta e eloquente o que a comunidade educativa inteira faz para transmitir e assimilar os valores cristãos não só com palavras, mas através de atividades múltiplas: na pastoral, através do esporte, por meio de programas excelentes de tipo espiritual e social” (ACODESI, 2009, p. 267).

Quanto aos “valores inicianos”, a contribuição kolvenbachiana para a Educação Básica ocorre em um contexto de fomento à formação de seculares<sup>63</sup> e de jesuítas, no âmbito da visita do Padre Geral à Malta por ocasião do 100º aniversário do Colégio São Luiz, nos dias 07 e 08 de outubro de 2007. A essa altura, Peter-Hans já havia comunicado a toda a Companhia os passos discernidos junto ao Papa Bento XVI quanto à sua resignação ao cargo de Prepósito Geral e iniciado os preparativos da Congregação Geral XXXV, que apresentaria à Ordem seu sucessor nesse cargo.

Tal contexto confere ao documento um sentido de despedida, vinculado aos últimos atos de seu generalato, vinte e cinco anos após tê-lo assumido em 1983. Era celebrado o jubileu do Colégio de Malta e, de certa maneira, era também a época do jubramento de Kolvenbach como Prepósito Geral. Foi o Papa Bento XVI que, ao redigir uma carta a Kolvenbach em 10 de janeiro de 2008, ainda durante a Congregação Geral XXXV, explicitou o modo como Kolvenbach atendeu o que lhe havia sido solicitado na condição de Prepósito Geral ao longo dessas duas décadas e meia, ao manter a Companhia “nos trilhos do carisma iniciano”:

---

<sup>63</sup> Kolvenbach trata, aqui, como *seculares* os profissionais não jesuítas e utiliza o termo *leigo* quando trata dessa vocação específica da Igreja. Contudo, um modo corrente de tratamento de tais profissionais, nas obras educacionais da Companhia no Brasil, é a terminologia *leigo* ou *colaborador leigo*, que pode gerar ambiguidade na relação institucional escolar, dado o caráter de vocação eclesial – e não profissional – reservado ao termo *leigo*.

Tal consciência está certamente bem presente em todos os que tomam parte na Congregação Geral, e desejo reconhecer também o grande trabalho já realizado pela comissão preparatória que ao longo do ano 2007 examinou os postulados chegados das províncias e indicou os temas a enfrentar. Gostaria de exprimir o meu agradecimento em primeiro lugar a si, querido e venerado Padre Prepósito Geral, que desde 1983 tem vindo a guiar de modo iluminado, sábio e prudente a Companhia de Jesus, tratando, por todos os modos, de mantê-la no trilho do carisma inaciano. Vossa reverência, por razões objetivas, pediu, várias vezes, que fosse exonerado do seu cargo, assumido com grande sentido de responsabilidade no momento não fácil da história da Ordem. Expresso-lhe o mais vivo agradecimento pelo serviço prestado à companhia e, mais em geral, à Igreja. (Companhia de Jesus, 2008, p. 261).

Adentrando a realidade de um perfil de pessoa consagrada à vida religiosa, sacerdote católico de Rito Armênio, 29º Prepósito geral da Companhia de Jesus, que está em sua etapa final de missão apostólica, podemos intuir que, consciente de sua entrega missionária até aquele momento, Peter-Hans poderia legitimamente se perguntar: o que deveria dizer à Companhia que ainda não havia dito? O que mais poderia contribuir para a Educação Básica, tomando bom proveito da oportunidade de falar à Companhia representada ali, naquele Colégio em Malta?

A essa altura, o pensamento kolvenbachiano se encontra em seu maior amadurecimento. Acredito que assim tal pensamento deve ser lido e interpretado quando de sua visita ao Colégio São Luís, no qual aborda o tema dos valores inacianos que devem ser comunicados a jesuítas e a seculares, indistintamente, como característica identitária para a Educação Básica em Colégios da Companhia:

Para estreitar a cooperação na missão se requer formação tanto para seculares como para Jesuítas. Nós Jesuítas devemos assegurar que aqueles colaboradores que elegem livremente aceitar o convite, ‘os seculares que colaboram no apostolado dos Jesuítas, possam esperar de nós uma formação específica nos valores inacianos, ajuda no discernimento de prioridades e objetivos apostólicos, e estratégias práticas para realizá-los’. Tal formação, outra vez sublinhamos, livremente oferecida e livremente escolhida, tem que estar cuidadosamente planificada e coordenada. Aqueles que aceitaram o papel de liderança, administração, supervisão e direção das diversas áreas de ministérios jesuítas, quer se trate de programas ou centros de ensino, departamentos escolares ou trabalho escritorial, esperam legitimamente que se lhes preparem para ditas responsabilidades. E é dever nosso, jesuíta, o facilitar a possibilidade de adensar o aprofundamento nas raízes da espiritualidade inaciana e da maneira jesuíta de proceder para ajudar-lhes a cumprir seus deveres de responsabilidade a respeito da identidade jesuíta das obras a que eles servem. (ACODESI, 2009, p. 309).

O tom que Peter-Hans imprime, aqui, é o da assimilação dos valores inacianos primeiramente por parte dos jesuítas – como que apontando para o risco de existir jesuítas não inacianos – para, na sequência, ratificar que é dever desses mesmos jesuítas, que foram suficiente ou sobremaneira formados no carisma da Ordem, garantir uma formação identitária àqueles que assumirão cargos de confiança nas obras educacionais da Companhia.

Essa orientação de Kolvenbach quanto a formação para valores inacianos entre os seculares ganha traços de fator estrutural, considerando-se, por exemplo, a diminuição do número de jesuítas trabalhando nas obras educacionais da Companhia nas décadas de 1980-2020 – (cf. Tabela 1, na p. 49).

Ressalta-se, assim, a formação para a assimilação de uma identidade que implique valores inacianos entre os que passam a assumir cargos de confiança na gestão diretiva das obras educacionais da Ordem. Quando da composição deste estudo – entre os anos 2020-2024 – o cenário existente nas Equipes Diretivas conta com 52 Diretores seculares e 16 Diretores Jesuítas nas 17 Unidades da RJE. Tal contexto apresenta 76% de seculares e 24% de jesuítas, em razão de 3 (três) seculares para 1 (um) jesuíta.

Ainda na busca pelo termo *excelência* no pensamento kolvenbachiano acerca da Educação Básica, encontrei um enviesamento do seu uso em 3 (três) excertos que envolvem a expressão *por excelência*:

- a) Em Gdynia/Polônia (1998): “[...] os colégios se converteram não em um Ministério apostólico a mais, mas em um dos ministérios por excelência da Companhia de Jesus” (ACODESI, 2009, p. 294).
- b) Em Gdynia/Polônia (1998): “Em Jesus, o Homem-para-os-demais por excelência aprenderam também nossos jovens e suas famílias a fazer realidade uma série de atitudes que toda educação verdadeiramente inaciana considera fundamentais [...]” (ACODESI, 2009, p. 300).
- c) Em discurso na abertura do Congresso de Estudos Internacionais sobre a Pedagogia Inaciana, ocorrido em Messina/Itália (1991): “O fim primário, a verdadeira razão da existência dos colégios, é formar homens e mulheres para os demais, imitando a Cristo Jesus, o Filho de Deus, o Homem por excelência dedicado aos demais” (ACODESI, 2009, p. 395).

### 4.3 O tetralema kolvenbachiano

De modo complementar, outra contribuição do pensamento de Kolvenbach à Educação Básica se expressa em uma formulação que encontra ressonância em várias instituições educacionais jesuíticas: trata-se do tetralema kolvenbachiano que ficou conhecido como os “4 C’s” – *competente, consciente, compassivo e comprometido*. Tal tetralema, como contribuição de Peter-Hans à educação, tornou-se icônico para a Companhia de Jesus a ponto de figurar, no site oficial da Ordem, como pórtico do Memorial a Kolvenbach. Ademais, dentre todos os seus escritos sobre os mais variados temas, tal tetralema ganha destaque ao estampar a página principal do Memorial Peter-Hans Kolvenbach, como se pode observar na Figura 6, a seguir:

**Figura 6** – Tetralema kolvenbachiano para a Educação.



**Fonte:** Elaborada pelo autor.

A esse respeito, é de Margenat (2010, p. 7-8) que colho a expressão ‘tetralema’ vinculado aos 4 C’s kolvenbachianos como aquilo que

parece ser o que melhor sintetiza e evoca o que pretendemos [para a educação jesuíta]. As quatro palavras resumem o modelo pedagógico inaciano tal como em 1993 foi formulado por Peter-Hans Kolvenbach, Geral dos jesuítas, no discurso de apresentação daquele modelo de pedagogia inaciano, em um discurso pronunciado na Villa Cavalletti.

Ainda para essa formulação de Kolvenbach – que passou a ser tomada como um modo de entender o objetivo concreto a que se pretende a educação da Companhia no século XXI –, o mesmo Margenat (2010, p. 8) destaca discursos, proferidos ao longo de dez anos (1991-2001), nos quais Kolvenbach, em

outros momentos, [...] falou de ‘formar homens e mulheres competentes e conscientes’ (1991), ‘líderes no serviço... homens e mulheres competentes, conscientes e comprometidos na compaixão, homens e mulheres para os demais, pessoas conscientes, competentes e sensíveis ao compromisso’ (1993), ‘homens e mulheres que se distingam por sua competência, integridade e compaixão’ (1993), ‘competente, consciente, capaz de compaixão e bem-educado na solidariedade’ (Margenat, 2010, p. 8).

Outras formulações e outros rearranjos de partes desse tetralema podem ser encontrados diretamente no pensamento kolvenbachiano acerca da Educação Básica, sendo possível o seu uso em distintas vinculações e intencionalidades. São elas:

- a) Alocução *Sobre a importância de formar o espírito e o coração*, proferida à comunidade educativa do Colégio Alonso Ovalle Santiago do Chile, em 19 de março de 1990: “Nossa fé na presença, na ajuda constante de Deus, nos dá segurança de que, apesar de nossas debilidades, podemos verdadeiramente chegar a ser testemunhas do evangelho e formar uma geração competente, consciente, aberta ao amor de Deus e sensível às necessidades do próximo” (ACODESI, 2009, p. 279-280).
- b) Homilia de 07 de outubro de 2007, em visita do Padre Geral a Malta, por ocasião dos 100 anos do colégio São Luís: “Damos graças ao Senhor pelos líderes comprometidos e competentes, e pelas equipes que têm trabalhado em cooperação estreita com os pais de alunos e benfeitores; e agradecemos aos antigos alunos seu grande serviço à Igreja e ao país” (ACODESI, 2009, p. 314).
- c) Discurso na abertura do Congresso de Estudos Internacionais sobre a Pedagogia Inaciana, pronunciado em Messina/Itália, em 14 de novembro de 1991: “Por esse motivo, no âmbito da educação, Inácio pede que nossas aspirações vão para além da habilidade da capacidade de conhecimento que normalmente se podem encontrar em estudantes do ensino secundário, preparados e competentes” (ACODESI, 2009, p.

394). E “Nesta tentativa de formar homens e mulheres competentes e conscientes, Inácio não perde jamais de vista o indivíduo singular” (ACODESI, 2009, p. 396).

- d) No discurso *A Pedagogia Inaciana hoje*, pronunciado aos membros do grupo de trabalho sobre *A Pedagogia Inaciana: uma proposta prática*, em 29 de abril de 1993: “[...] o serviço da fé e a promoção da justiça por ele implicado são fundamentos do humanismo cristão contemporâneo. Ele é o núcleo da tarefa educativa católica e jesuíta de nossos dias. É o que ‘As Características da Educação Jesuíta Hoje’ chamam de excelência humana. É o que pretendemos dizer ao falar que o fim da educação dos Jesuítas é a formação de homens e mulheres para os outros, pessoas competentes, conscientizadas e sensibilizadas para o compromisso” (Companhia de Jesus, 1993, p. 92).

Reverberações do tetralema kolvenbachiano dos 4 C’s na educação são confirmadas em nível mundial quando da realização, em 2014, do Seminário Internacional de Pedagogia e Espiritualidade Inaciana (SIPEI<sup>64</sup>), em cuja Declaração Final aponta-se:

Em 1993, o Padre-Geral Peter-Hans Kolvenbach resumiu nosso objetivo como educadores como a formação de “homens e mulheres competentes, conscientes, comprometidos e compassivos”. Acreditamos que precisaremos entender essa formação dentro do marco da criatividade, flexibilidade e do trabalho em rede, os quais definem nosso tempo. Estamos convencidos de que o crescimento humano e espiritual está inseparavelmente associado. O seguinte resumo é fruto do SIPEI:

I | A pessoa consciente – A formação de uma consciência para poder distinguir e discernir entre o bem e o mal, o justo e o injusto é necessária para o bem-estar do indivíduo e da sociedade. Essa formação da consciência é influenciada pela totalidade do ambiente da pessoa. A educação jesuíta tenta formar pessoas livres e conscientes que utilizam sua consciência pessoal para mudar o mundo.

II | A pessoa competente – a pessoa competente é capaz de criar, entender e utilizar o conhecimento e as habilidades para viver no seu próprio contexto e transformá-lo. É capaz de fazer parte de um mundo diverso e em mudança, criando um projeto de vida para e com os demais. É capaz de desenvolver as habilidades intelectuais, acadêmicas, emocionais e sociais necessárias para a realização humana e profissional. Estamos comprometidos em renovar nossas práticas pedagógicas, curriculares e ambientes escolares de acordo com os novos desenvolvimentos pedagógicos que permitem que nossas escolas estejam mais perto de nossa visão inaciana e nossa tradição eclética de combinar as melhores práticas para servir nossa missão.

III | A pessoa compassiva – a compaixão não implica, simplesmente, sentir pena de um indivíduo ou de um grupo de pessoas. Qualquer um pode sentir pena e não fazer nada. A compaixão é um pré-requisito para a ação positiva; reconhece a dignidade humana, o valor de uma pessoa que nasce simples e é profundamente

---

<sup>64</sup> Sobre o SIPEI, ver: <https://www.educatemagis.org/es/collections/sipei-seminario/>. Acesso em: 14 set. 2023.

amada por Deus. A compaixão que leva à solidariedade deveria nos mover para abordar as estruturas de qualquer instituição de modo que nós e nossos alunos possamos nos tornar agentes transformadores, para continuarmos sonhando o sonho de Deus.

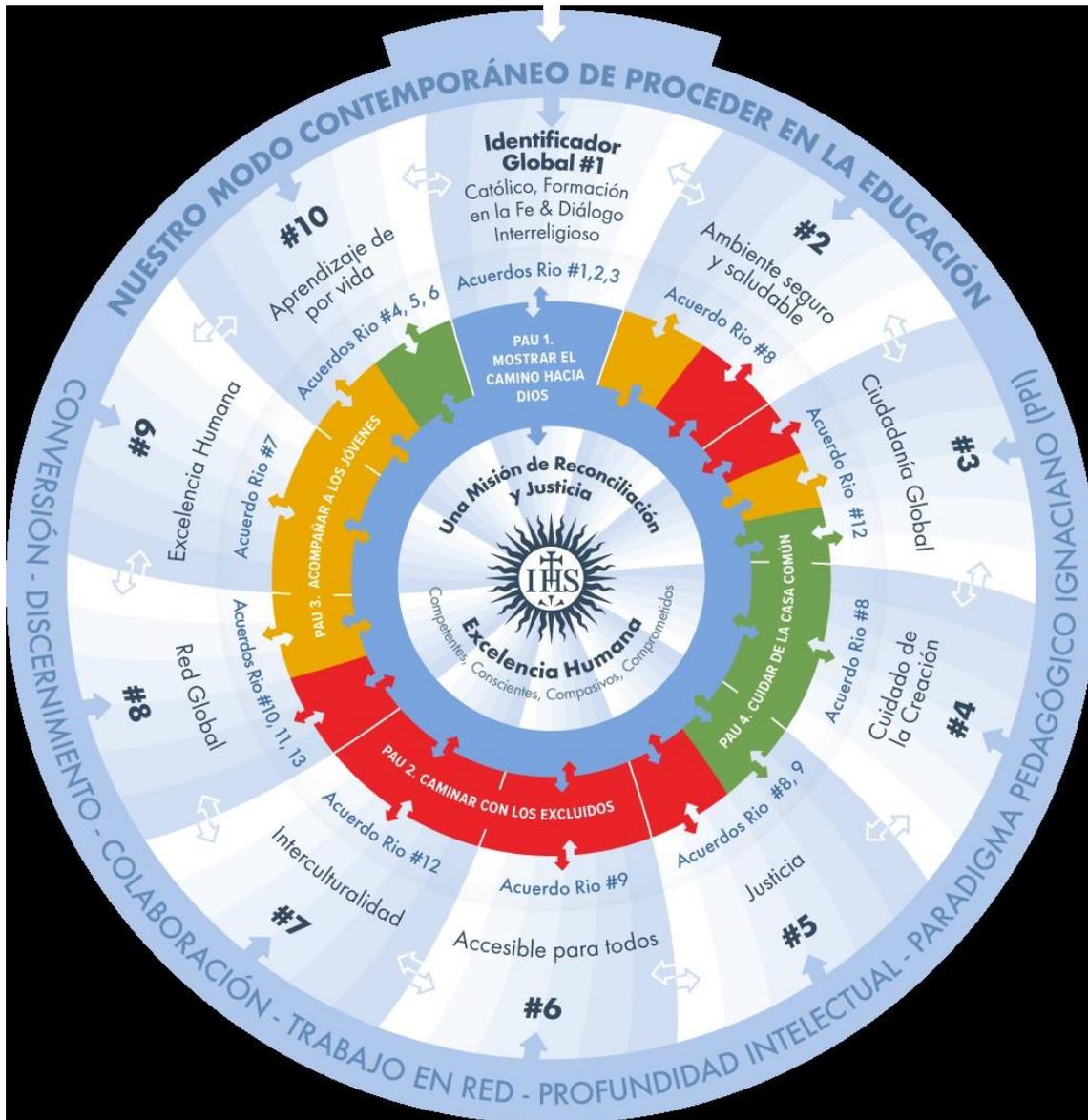
IV | A pessoa comprometida – a pessoa comprometida é alguém de ação valorosa. Por meio da nossa abertura para a ação do Espírito e da Companhia de Jesus, ela poderá discernir as necessidades mais urgentes dos nossos tempos, para que nossas formas de servir sejam tão ricas e tão profundas como nossas formas de amar. Constatamos que um compromisso ecológico de reconciliação e de cura da Terra, juntamente com o compromisso com a justiça social, são necessidades urgentes na medida em que afetam a todas as pessoas do planeta. (Companhia de Jesus, 2022, p. 85-87).

A representação do modo de proceder contemporâneo da Companhia de Jesus na educação é demonstrada, em uma perspectiva integrada, no infográfico da Figura 7<sup>65</sup>, a seguir, elaborada pelo Educate Magis.

---

<sup>65</sup> Sobre esse infográfico, ver: <https://www.educatemagis.org/es/infographic-integrated-perspective/>. Acesso em: 18 out. 2023.

Figura 7 – Perspectiva integrada da educação jesuíta e inaciana.



Fonte: educatemagis.org (2023).

Na centralidade do infográfico, constam três informações: a) no centro, a logomarca da Companhia de Jesus (o Brasão da Ordem com o sol, a cruz, os cravos da cruz e o anagrama IHS, que significa *Jesus Homem Salvador* ou *Jesus Hóstia Santa*, em tradução do latim para o português); b) no centro-superior, a exposição do binômio que representa a missão universal de toda a Companhia (reconciliação e justiça); c) no centro inferior, a vinculação da excelência humana aos 4 C's kolvenbachianos. Emanam dessa centralidade

todos os demais aspectos atuais que devem ser considerados para que uma instituição de Educação Básica no Brasil pertença, em termos identitários, à Rede Jesuíta de Educação.

A demarcação da conexão entre a excelência humana e os 4 C's para a educação jesuítica explicita como a rede mundial de educação da Companhia de Jesus passa a formular suas vinculações identitárias no fazer educacional, pedagógico, didático. Se Kolvenbach apontou qual o fim que se pretende para formação escolar dos educandos – serem conscientes, competentes, compassivos e comprometidos –, foi o Pe. Adolfo Nicolás que validou seu pensamento, consignando que, ao atingir, mesmo que de forma parcial, tal ideal formativo e identitário presente nos 4 C's, alcançar-se-ia a excelência humana:

[...] o padre Kolvenbach comentando a publicação do documento 'Pedagogia Inaciana: uma proposta prática' ratificou o planeamento de Arrupe e expandiu o seu significado ao explicar que 'nosso objetivo como educadores é a formação de homens e mulheres competentes, conscientes e comprometidos na compaixão' (Carta de padre Kolvenbach que sobre o Paradigma Pedagógico Inaciano – Roma, 1993). Estes 4 C's também inspiraram a renovação da educação jesuítica nas últimas duas décadas. Muitas escolas têm utilizado os 4 C's como uma maneira de explicar nossa visão de educar pessoas integrais. Os 4 C's sintetizam o verdadeiro sentido da excelência tal como explicou o padre Kolvenbach: 'Máximo desenvolvimento dos dons e capacidades com que cada pessoa foi dotada... para retirar deles o melhor serviço para os demais' (Educar homens e mulheres hoje no espírito de Santo Inácio, Toulouse-Purpan, 26 de novembro de 1996) Recentemente, o padre Nicolas falou do significado dos 4 C's e sua contribuição à visão da excelência humana que oferecemos a nossos alunos: 'estes quatro qualificativos expressam a “**excelência humana**” que a Companhia de Jesus quer para os jovens que a sociedade nos confia [...]. (Companhia de Jesus, 2015, p. 01).

Já a RJE traz como contribuição para uma identidade institucional a missão de atuar “para formação de cidadãos competentes, conscientes, compassivos, criativos e comprometidos” (Companhia de Jesus, 2022, p. 05). Aqui, observa-se o quanto o legado kolvenbachiano compõe as características educacionais da RJE, a qual se embasa no tetralema de Peter-Hans – com ligeiras reorganização e ampliação – para atender o que se presente como oferta de Educação Básica Jesuíta no Brasil. Tais reorganização e ampliação têm dois pontos principais:

- a) A substituição da expressão *homens e mulheres*, original do tetralema, pelo termo *cidadão*. Entendo que tal deslocamento conceitual que não mais foca na formulação de gênero – *homens e mulheres* –, mas na cidadania – *cidadãos* – pode ser compreendido à luz do fato de essa formulação da Missão da RJE se dar no ano de 2022, ou seja, quando a Rede já estava imbuída do que ela mesmo organizou no I Congresso RJE/VI Congresso Inaciano de Educação<sup>66</sup>, ocorrido em 2019, cujo tema foi “Educação para a Cidadania Global”, bem como o evento Jesuítas em Educação (JESEDU<sup>67</sup>), ocorrido em 2020, no qual a “Educação para a Cidadania Global”<sup>68</sup> foi apresentada como um dos quatro pilares propositivos do fazer educacional da Rede Mundial de Educação Jesuíta.
- b) O acréscimo da criatividade, como mais um “C” a compor o “tetralema”, tornando-o “5 C’s”, um ‘pentalema’. A intencionalidade de alçar a criatividade ao patamar dos demais 4 C’s pode ser compreendido como uma sua inserção a partir, por exemplo, da leitura vinda dos acordos do SIPEI, que, em sua Declaração Final, afirma: “Acreditamos que precisaremos entender essa formação [dos 4 C’s] dentro do marco da criatividade, flexibilidade e do trabalho em rede, os quais definem nosso tempo” (Companhia de Jesus, 2022, p. 86).

Ainda assim, a RJE, ao expor como se fundamenta sua constituição, não aponta nela o “C” da criatividade como uma de suas perspectivas e retorna à formulação original kolvenbachiana dos 4 C’s, conforme a Figura 8, a seguir.

---

<sup>66</sup> Sobre o I Congresso RJE/VI Congresso Inaciano de Educação, ver: <https://redejesuitadeeducacao.com.br/2019/09/24/congresso-rje/>, cujos anais estão disponíveis em: <https://www.colegiomedianeira.g12.br/wp-content/uploads/2021/07/Anais-Congresso-RJE-2019.pdf>. Acesso em: 18 out. 2023.

<sup>67</sup> Sobre o JESEDU 2020, ver: <https://www.educatemagis.org/es/jesedu-jogja2020-virtual-colloquium/>. Acesso em: 14 set. 2023.

<sup>68</sup> Sobre a Cidadania Global como um dos quatro pilares para Educação Jesuíta no Século XXI, ver: <https://jesedu-jogja2020.educatemagis.org/es/page-speakers/>. Acesso em: 14 set. 2023.

**Figura 8 – A constituição da rede.**

## A CONSTITUIÇÃO DA REDE

Constituída em 2014, a Rede Jesuíta de Educação (RJE) reúne as 17 Unidades de Educação Básica da Companhia de Jesus no Brasil. Ela promove um trabalho integrado, a partir de uma mesma identidade e do sentido de corpo apostólico, com mútua responsabilidade pelos desafios comuns.

Nesse sentido, o trabalho em rede é um chamado para a partilha de experiências e estratégias dos colégios e das escolas, fomentando um espírito colaborativo e aberto ao outro e ao novo, além de potencializar as riquezas de cada uma das Unidades Educativas da RJE. Nos próximos anos, a RJE visa transformar as Escolas e os Colégios Jesuítas do Brasil em centros de aprendizagem integral, lugares de transformação evangélica da sociedade e da cultura. Em síntese, assume a missão de formar homens e mulheres conscientes, competentes, compassivos e comprometidos.

### PERSPECTIVAS DOS 4 C's



#### Conscientes

Além de conhecerem a si mesmos, graças ao desenvolvimento da capacidade de interiorização e ao cultivo da vida espiritual, os estudantes devem desenvolver um consistente conhecimento e experiência da sociedade e de seus desequilíbrios.



#### Competentes

Profissionalmente falando, devem alcançar uma formação acadêmica que lhes permita conhecer, com rigor, os avanços da ciência e da técnica.



#### Compassivos

Sejam indivíduos capazes de abrir seu coração para serem solidários e assumirem o sofrimento que outros vivem.



#### Comprometidos

Sendo compassivos, devem empenhar-se honestamente, e desde a fé, e com meios pacíficos, na transformação social e política de seus países e das estruturas sociais para alcançar a justiça.

**Fonte:** Elaborada pelo autor.

Dessa forma, com resumos originais de entendimento de cada um dos C's kolvenbachianos, a RJE expõe a adoção dos ensinamentos de Peter-Hans ligados a um conhecimento consciente da sociedade; a um competente alcance profissional a partir da formação acadêmica assimilada; a uma compaixão capaz de abrir o coração à solidariedade; e a um comprometimento honesto com a transformação social.

Assim, as especificidades dos textos kolvenbachianos para educação estão postas, primeiramente, em relação ao contexto da eleição e do período de governança de Peter-Hans frente à Ordem (1983-2008). Momento em que se fazia necessária uma tradução – no sentido empregado por Hall – do modo de proceder dos jesuítas com relação às suas proposições de gestão educacional. Nesse momento, foram postas em xeque, inclusive, a validade e a própria existência ou não de colégios como obras apostólicas para evangelização ao estilo inaciano.

A exposição do pensamento de Kolvenbach, feita por ele de modo discernido, reflexivo, prático e direto, foi outro traço característico que ajudou na retomada e problematização dos tempos, das pessoas e dos lugares do fazer escolar em vistas de aprofundar as fortalezas da tradição pedagógica jesuítica.

Ao mesmo tempo, esta tradição se abria a cenários novos e complexos nos quais a educação mercadológica despontava e se estabilizava como uma opção concorrente à prática da educação e formação de pessoas mais conscientes de si e de seu entorno; pessoas mais competentes nas ações e coerentes com as necessidades de um mundo diverso e igualitário; pessoas mais compassivas para além de seu próprio egocentrismo; e pessoas mais comprometidas com uma justiça social transformadora da realidade de exclusão estrutural e sistemática dos mais vulneráveis.

No que concerne às mudanças no apostolado educativo decorrentes do pensamento de Kolvenbach, em especial na Educação Básica, destaco: o seu entendimento – o qual, com o tempo, a Ordem aderiu em maior ou menor grau – de que a crescente diminuição de vocações jesuítas, ao longo dos vinte cinco anos de seu generalato, não deveria significar uma tendência à desolação ou ao entreguismo fatalista. Destaco, também, que o pensamento kolvenbachiano oportunizou uma ressignificação de esforços e de qualificação de novas forças humanas entre os próprios jesuítas e, sobretudo, entre os não jesuítas, formando-se quadros de pessoas-profissionais capazes de fazer frente às necessidades socioeducativas presentes no mundo de modo excelente, qualificado e convicto.

Os reflexos do pensamento kolvenbachiano quanto às transformações pelas quais está passando o processo identitário institucional dos colégios da RJE (2014 -atualmente) se fazem presentes quando a Rede se propõe a estabelecer e naturalizar uma integração maior entre leigos e jesuítas nas funções de alta gestão e nos cargos deliberativos estratégicos. A contribuição de Peter-Hans à Educação igualmente se manifesta quando o posicionamento como colégio confessional é mantido e reforçado pela RJE em relação ao aumento de perspectivas educacionais mercadológicas em colégios que atuam com um viés de empresariamento educacional. Enfim, tais reflexos se apresentam ainda quando se reitera, na Rede, o posicionamento de manter-se uma tradição jesuítica e inaciana internamente vinculada a uma inovação (tradução) em seu modo de ofertar os serviços educacionais por ela prestados.

Esses serviços impactam, de modo mais particular, os participantes do contexto interno dos colégios, as suas famílias, as comunidades locais com as quais essas famílias se interrelacionam; e, de modo mais amplo, à sociedade como um todo, que se beneficia dos frutos que tal educação oferece em termos de uma leitura de mundo que compreende criticamente o presente e implica uma atuação para as mudanças que se fizerem necessárias com vistas ao bem maior, como, por exemplo, a promoção efetiva do direito universal a uma educação de qualidade.

Neste capítulo, busquei analisar o pensamento kolvenbachiano acerca da Educação Básica, com foco em possíveis contribuições à Rede Jesuíta de Educação no Brasil. Considerando que as contribuições que este estudo identificou validam o que aqui se pretendia alcançar quanto ao objeto, ao problema e aos objetivos da pesquisa, passo, a seguir, à conclusão, tecendo considerações finais nas quais explicito alguns resultados que penso ter logrado com a presente pesquisa.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece-me conveniente começar esta conclusão destacando que o conhecimento embrionário que tive de Kolvenbach e que desencadeou esta pesquisa deu-se por meio da existência de um arquivamento, guarda e custódia de seu pensamento educacional de modo impresso em material organizado com registro de discursos, visitas, homilias etc.

Optar por investigar parte da produção intelectual de Peter-Hans e sua implicação na proposta pedagógica dos jesuítas para a Educação Básica no Brasil ajudou-me a reforçar o entendimento sobre como as mobilizações educacionais de vinculações identitárias ocorridas àquela época (décadas de 1980-2000) na Ordem foram impactantes para a aplicação de novas diretrizes da educação inaciana no Brasil e como um Prepósito em particular passa a implicar-se nesse cômputo de mudanças e de releituras estruturais com vistas à elaboração de uma identidade própria da Instituição.

Revel (1998, p. 94) indica uma analogia entre o estudo micro histórico e a elaboração de plantas arquitetônicas naquilo que concerne seus jogos de escala:

uma única redução de uma escala escolhida, com a exclusão das outras, não basta para esgotar sua complexidade. Se um modelo reduzido é pertinente em relação a uma dimensão particular da realidade, existem, para o arquiteto, várias modelizações desejáveis de um edifício futuro.

Assim, ao deparar-me com todos os escritos de Peter-Hans que pude garimpar para esta investigação, ter reduzido a escala do acervo kolvenbachiano àquilo que concerne ao seu pensamento quanto à Educação Básica não esgota a complexidade do tema nem se fecha as portas para análises do mesmo escopo – Educação Básica – em outras perspectivas de análise e encontro de novas categorias como unidades de sentido.

Usando a mesma analogia de Revel, garimpar o acervo dos escritos de Peter-Hans seria algo como ter em mãos uma planta predial completa e nela deter-se em uma de suas partes, bem seja o mapa hidráulico ou mapa luminotécnico, por exemplo; sendo o compêndio integral dos escritos kolvenbachianos a planta predial inteira e a empiria desta pesquisa o estudo sobre um dos mapas desta planta. Mesmo que não abordadas neste estudo, suas conexões com outros mapas – formando o prédio completo – e com outras plantas – exibindo o ‘condomínio’ em que o prédio se situa –, são latentes e, com isso, ajudam a validar a análise micro-história como base da pesquisa.

Perpassando cada objetivo – geral e específicos –, aponto que, quanto ao objetivo de “Identificar e analisar a contribuição intelectual do Padre Peter-Hans Kolvenbach, SJ no que se refere à reconfiguração da Educação Básica nas instituições Jesuíticas no Brasil”, percebi que, de fato, Peter-Hans contribuiu com um pensamento pertinente e significativo para um processo de formação identitária, adotado por todas as unidades da RJE, a partir de seu tetralema dos 4 C’s – formando pessoas conscientes, competentes, compassivas e comprometidas.

Ao “identificar e problematizar os espaços de custódia que abrigam os documentos de Peter-Hans”, observei que me foi facilitado encontrá-los em forma impressa e virtual por ter contatos internacionais que me permitiram a aquisição de tais materiais, visto que consegui acesso aos documentos em Madri, em Roma e em Bogotá, bem como usando uma senha pessoal e intransferível, fornecida pela Cúria Romana da Ordem aos jesuítas que solicitam acesso. Observo, ainda, que Brasil não possui, até o momento desta investigação, um local de guarda (seja impresso, seja virtual) que custodie, gere acessos e fomente pesquisas quanto ao pensamento kolvenbachiano em acervo próprio.

Ademais, “Examinar documentos que explicitem determinadas dimensões do pensamento de Kolvenbach sobre a Educação Básica nos anos de seu generalato, entre 1983-2008”, levou-me a estabelecer conexões entre o pensamento kolvenbachiano e o campo da educação, em suas contribuições quanto a temas pertinentes à pesquisa educacional, tais como uma vontade de levar a cabo uma renovação na educação; uma pedagogia calcada na fé e na justiça; o humanismo cristão hoje; um desenvolvimento integral da pessoa humana que leve à ação; a importância da família na sociedade e a escola de pais; a identidade e a importância da educação jesuítica, dentre outros.

Além disso, “investigar a produção intelectual de Peter-Hans Kolvenbach com relação à Educação Básica em termos de sua colaboração para a constituição de um processo identitário nas instituições educacionais jesuíticas” ajudou a elucidar o campo e o contexto em que se moveu o conteúdo das formulações e das exposições de Kolvenbach para o apostolado educacional da Companhia de Jesus.

Acerca da tese – “o conjunto do pensamento de Peter-Hans Kolvenbach para a Educação Básica é um constituinte de contribuições singulares à construção de uma identidade de Rede de Educação Jesuíta no Brasil” –, concluo que a investigação estabeleceu

os diferenciais que caracterizaram Peter-Hans como um gestor e pensador que tocou pontos fundamentais à oferta de Educação Básica pela Companhia.

Juntamente com o que analisei da produção identitária institucional proposta por Peter-Hans para a Educação Básica como oportunidades de oferta de serviços educacionais que levem a uma excelência humana nas Redes de Educação, elaboro, ainda, como parte final desta investigação, alguns desdobramentos à seguinte questão: Kolvenbach conseguiu atingir o que dele se esperava para o campo da educação quando foi eleito como o 29º Prepósito Geral da Ordem?

A fim de responder a tal questão, retomo o mandato e a faculdade da Companhia, dirigidos a Kolvenbach no que concerne à Educação Básica. Em suma, foi-lhe dado o poder de suprimir Colégios, para o que ele poderia contar com a deliberação das instâncias de governo universal – os Conselheiros Gerais –, de governo regional – ouvindo o Assistente Regional – e de governo local – na figura do Provincial de onde o Colégio se encontra (Companhia de Jesus, 1984, p. 81).

Tais mandato e faculdade estão repletos de significâncias e implicações para a oferta dos serviços educacionais na Ordem. Vir do corpo da Companhia, reunido em Congregação Geral, a permissão de deliberar sobre o fechamento ou não de colégios da Ordem aponta indícios de que tal tema não tinha sido ainda um cenário pontuado nas Congregações anteriores. Com esse direcionamento de possíveis supressões, estava na berlinda o contexto da avolumada quantidade de colégios na Ordem em contraste com a escassez de jesuítas para administrá-los, no que toca tanto a sua sustentabilidade quanto a sua qualidade educacional ofertada à sociedade.

Esse aspecto de suprimir ou não colégios aparece como importante resposta ao cenário educacional que a Companhia estava enfrentando nas últimas décadas, no qual “é verdade que tudo o que diz respeito à evangelização (continuar a Epifania que foi confiada a nossa responsabilidade), está em transição ou crise” e que “a exigência da evangelização se estende hoje a todos os pontos do orbe, mas sua urgência já não é tão sentida como no tempo dos primeiros jesuítas” (Companhia de Jesus, 1995, p. 373-374).

Fica claro, também, que, dada a relevância do tema sobre fechar ou não colégios, várias instâncias deveriam servir de filtro à deliberação de Peter-Hans sobre quantos colégios fechar e que critérios seriam tomados para seus encerramentos – dialogando em âmbito geral,

com os Conselheiros; em âmbito regional, com os Assistentes; em âmbito local, com os Provinciais. A governança dessa deliberação passaria, portanto, por todas as instâncias existentes no governo da Ordem.

Foi em uma alocução de Peter-Hans aos Provinciais Jesuítas reunidos em Loyola, Espanha, no ano de 1990, que encontrei respostas à diretriz pragmática que lhe era imposta quanto à manutenção ou não de Unidades de Educação Básica na Ordem. Nessa ocasião, primeiramente, Kolvenbach aponta o estado da Companhia, afirmando que

o setor da educação continua empregando o maior número de Jesuítas – ao redor de seis mil – no mundo inteiro. Além das 700 escolas, colégios e universidades em 65 países, nos quais a Companhia assume a completa responsabilidade e direção. Temos também acordos com outras comunidades religiosas e dioceses para compartilhar a administração em um número equivalente de instituições educativas, tais como as que pertencem à Fé e Alegria, à SAFA e a outros agrupamentos do mesmo gênero.

No total, temos a cada ano a responsabilidade Apostólica da educação de cerca de 1.800.000 estudantes a fim de formar homens e mulheres competentes e conscientes, sensíveis às necessidades dos demais, aos desafios da injustiça e às exigências de um mundo que está sofrendo de maneira única uma mudança profunda de valores. (ACODESI, 2009, p. 442).

Com 24.442 jesuítas em 1990<sup>69</sup>, empenhar 6.000 deles no campo educacional, como afirma Kolvenbach, significava que um em cada quatro religiosos trabalhava diretamente com educação. Contudo, com a drástica diminuição de vocações jesuítas no mundo<sup>70</sup>, a tendência seria que a atuação em obras apostólicas acompanhasse esse decréscimo. Desse modo, fechar Colégios seria uma possibilidade plausível aberta pela Congregação Geral XXXIII para que o Propósito Geral deliberasse como proceder a esse respeito.

Nessa mesma alocução, Peter-Hans afirma, ainda, que “os Jesuítas não constituem, geralmente, mais que 10% do pessoal nas instituições jesuíticas de educação”. Na sequência, a perspectiva que Kolvenbach assume e orienta é que os colaboradores não jesuítas sejam instituídos como continuadores do fazer educacional da Companhia: “[...] esta porcentagem [10%] ilustra de uma maneira dramática o papel decisivo que desempenha os leigos, homens e mulheres, em nosso apostolado da educação hoje. E então se planteia a pergunta

---

<sup>69</sup> Dado obtido no *Supplementum Catalogorum*. (Companhia de Jesus, 1990, p. 12-13).

<sup>70</sup> No ano de 2023, a Companhia conta com 14.186 membros na Ordem.

importante: são [os leigos] os companheiros de nosso ministério ou empregados que preenchem uma lacuna?” (ACODESI, 2009, p. 443).

Nesse caminho em que se atribuiria aos leigos a responsabilidade pela condução da gestão educacional das obras da Companhia, Kolvenbach alerta que teriam de superar empecilhos internos na Ordem:

[...] um dos obstáculos maiores para a colaboração efetiva no Ministério é com frequência a atitude paternalista de certos Jesuítas com seus colegas leigos. Semelhante mentalidade pode revelar uma falta de compreensão teológica ou uma insegurança pessoal ou pode estar talvez condicionada por uma desafortunada experiência de intenção de colaboração. Enquanto não tenhamos superado essas atitudes o bem maior sofrerá por causa disso. (ACODESI, 2009, p. 444).

Para contestar e desvincular-se de tais dificuldades, Peter-Hans enuncia uma questão que se tornou crucial: “[...] que formulações, ao mesmo tempo pessoais, comunitárias e legais, são as melhores para evitar esses dois extremos: por uma parte, um controle total [dos colégios] pelos Jesuítas e, por outra, a abdicação de nosso papel de garantir o carisma inaciano?” (ACODESI, 2009, p. 444).

Acredito ser esta uma das principais contribuições – senão a principal – de Kolvenbach na busca por cumprir, em seu generalato, o que dele se esperava no campo educacional: mesmo tendo autorização para deliberar quanto à supressão de colégios como uma resposta à crise da Companhia em sua sustentabilidade de recursos humanos e financeiros, Peter-Hans opta por um caminho alternativo, o qual vê na atuação e no protagonismo de colaboradores não jesuítas a possibilidade de equilíbrio e de continuidade renovada para a oferta educacional da Ordem.

É com esse pensamento kolvenbachiano que se inaugura o intuito de reposicionamento da governança dos Colégios, migrando dos jesuítas aos não jesuítas o lugar da gestão educacional e cabendo aos consagrados na vida religiosa o redespertar do carisma inaciano na educação jesuíta como garantia de uma identidade institucional particular.

Um fator de risco à aderência a essa tradução institucional consiste no não desejo de alguns leigos de participarem de forma identitária e integral do ministério educacional inaciano. Será a partir da reflexão sobre as modalidades de contratação e de promoção profissional (ACODESI, 2009, p. 444) que se poderá dirimir tal fator de risco ao contar com

outros tantos colaboradores identificados com o apostolado educacional ao estilo da Companhia como “um elemento essencial ao ministério de evangelização, do qual tem necessidade a Igreja hoje” (ACODESI, 2009, p. 445).

A relação entre os dados educacionais que Peter-Hans legou aos Provinciais Jesuítas, no início da década de 1990, e o cenário da educação na Companhia de Jesus trinta anos depois, nos primeiros anos da década de 2020, aponta para o crescimento da presença da Companhia na educação. Se o agrupamento de obras educacionais no fim do século XX giravam em torno de 700 unidades entre Educação Superior, Educação Básica e Educação Popular, no início do século XXI, esse número saltou para 930 unidades, levando-se em conta apenas a Educação Básica<sup>71</sup>. Tal contexto valida o discernimento e a deliberação de manutenção das obras educacionais – e não sua possível supressão. Assim, inaugura-se uma nova era para os colégios jesuítas, cuja missão continua sendo enfrentar com serenidade, seriedade, exercício da crítica e espiritualidade os desafios de educar “em um mundo no qual se enfrentam as ideologias de esquerda e direita – não deixando aos sistemas de valores nenhum lugar nem ao humanismo integral nem à transcendência” (ACODESI, 2009, p. 445).

Desse modo, continuar assumindo a responsabilidade de ofertar a excelência humana no campo da Educação Básica como missão da Companhia torna-se um fator estratégico para estabelecer “um papel crítico na batalha pela formação dos espíritos e dos corações durante os anos da adolescência, que são com frequência decisivos para a aquisição dos valores básicos” (ACODESI, 2009, p. 445-446), bem como para a construção de diálogos com o “mundo intelectual e cultural, que visa o serviço da fé e a promoção da justiça” (ACODESI, 2009, p. 446).

No ano de 2003, também em Loyola/Espanha, ocorreu mais uma alocução de Peter-Hans em uma Congregação de Procuradores sobre o estado da Companhia em relação à Educação Básica. Nessa ocasião, ele pontuou que

as estatísticas [...] demonstram que o número de jesuítas ativamente empregados nesta crucial missão [da Educação Básica] segue bastante estável, enquanto o número de colaboradores não jesuítas não deixa de crescer no mesmo ritmo que as instituições educativas. Apesar de toda a classe de obstáculos, há em curso um trabalho criador e contínuo para assegurar que a identidade da educação cristã

---

<sup>71</sup> Sobre a quantidade de unidades de Educação Básica da Companhia de Jesus no mundo, ver: <https://www.educatemagis.org/es/schools/profiles/>. Acesso em: 24 out. 2023.

fique claramente proposta e as características inicianas desta educação permaneçam operantes. (ACODESI, 2009, p. 446).

Também no Brasil, os Colégios, as Escolas e as Creches da Companhia estabeleceram identitariamente sua oferta educacional básica constituindo-se em Rede após o ano de 2014. Estabelecer-se como Rede colaborou para uma mais rápida e eficaz conformação de diretrizes, documentos e práticas institucionais motores de um estilo de governança que contaria cada vez mais com não jesuítas atuantes em espaços estratégicos, administrando obras educacionais da Ordem.

Ao passo que vou terminando a presente investigação, vou me inteirando de seu alcance e complementando meu próprio processo identitário, apoiado no pensamento kolvenbachiano que ajudou a entender-me como consagrado, educador iniciano, profissional em obras institucionais educativas jesuítas e como discente, docente, coordenador, assessor, diretor em Colégios, Escolas e Creches da Companhia de Jesus no Brasil – vinculadas ou não à RJE –, assim como de outras redes educativas confessionais, vinculadas à Associação Nacional de Escolas Católicas (ANEC), as quais assessorei.

Dessa forma, analisar o que foi manifesto por Peter-Hans para o campo educacional pode tornar-se um modo de ajudar também a outros – educadores, gestores escolares, estudantes, famílias – que bebem das fontes inicianas para dar sentido ao seu fazer pedagógico e educacional nas instituições em que trabalham.

Concluo, ainda, que os textos em que estão registados o pensamento kolvenbachiano – não só para a Educação Básica, mas também para diversas áreas do conhecimento – podem ser entendidos como um *vade mecum*: um compêndio documental-monumental que se sustenta por si mesmo de forma capilarizada. Ou seja, aquilo que Kolvenbach produziu como pensamento se ramifica em variadas categorias de análise e distintas unidades de sentido, o que expande as possibilidades de estudo do legado kolvenbachiano.

Nessa direção, muitos outros temas ainda poderiam ser investigados e elaborados, tomando como base os escritos de Peter-Hans, não só sobre a Educação Básica, mas também sobre a Educação Superior, sobre a Educação Popular etc. Por exemplo, creio que seria interessante entender melhor como se desenvolveu o pensamento kolvenbachiano e o contexto socioeconômico e cultural no quarto de século de seu generalato acerca da Educação em Nível Superior. Ou estabelecer investigações acerca das transformações na

oferta nacional de Educação Popular e Filantrópica para estudantes 100% bolsistas em Colégios, Escolas e Creches confessionais nas décadas de 1980, de 1990 e de 2000. Ou, ainda, debruçar-se sobre quais foram as formulações do pensamento de Peter-Hans sobre a educação antes de se tornar Prepósito Geral em 1983 ou depois de sua resignação em Roma em 2008 até o seu falecimento em Beirute, no Líbano, em 2016.

Assim, digo a mim mesmo – e a todos os que comigo chegaram até este momento final da pesquisa – que é um acalanto vislumbrar novas possibilidades investigativas a partir daquilo que Kolvenbach produziu e que ficou fora do escopo deste estudo.

## REFERÊNCIAS

- ACODESI. *El P. Peter-Hans Kolvenbach, SJ. y la educación 1983-2007 (Selección de Escritos)*. Bogotá: Asociación de Colegios Jesuitas de Colombia. Colección Aporte 10, 2009.
- ARRUPE, Pedro. *Nuestros Colegios hoy y mañana*. Alocución final a los participantes del Simposio sobre la educación secundaria. Roma, 1980. Documento digital, disponível em: [https://www.educatemagis.org/wp-content/uploads/2015/07/arr\\_colegios\\_sp.pdf](https://www.educatemagis.org/wp-content/uploads/2015/07/arr_colegios_sp.pdf). Acesso em: 11 set. 2023.
- AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso. (Orgs.) *Grafia da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, 2012.
- AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso. (Orgs.) *O que pode a Biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018.
- BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- CARDOSO, Armando. (Org.) *Cartas de Santo Inácio. Servir a Deus no meio do mundo*. v. 3. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- CASTRO ALVES, Antônio Frederico de. *Espumas Flutuantes*. Jandira, SP: Principis, 2019.
- CELAM, V. Apostolado Veritatis Splendor: documento de Aparecida - índice geral. Disponível em: <http://www.veritatis.com.br/article/4842>. Acesso em: 28 mar. 2022.
- CHARLOT, Bernard. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 31, jan./abr. 2006.
- COMPANHIA DE JESUS. *Congregação Geral XXXIII*. São Paulo: Edições Loyola, 1984.
- COMPANHIA DE JESUS. *Características da Educação da Companhia de Jesus*. São Paulo: Edições Loyola, 1989.
- COMPANHIA DE JESUS. *Pedagogia Inaciana: uma proposta prática*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- COMPANHIA DE JESUS. *Constituições e Normas Complementares da Companhia de Jesus*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- COMPANHIA DE JESUS. *La excelencia humana: CCCC*. Roma: Secretariado de Educação, 2015.

COMPANHIA DE JESUS. *Fórmula de la Congregación de Procuradores*. Roma: Cúria Geral, 2017.

COMPANHIA DE JESUS. *Colégios jesuítas: uma tradição viva no século XXI*. ICAJE: Roma, 2019. Edições Loyola (Impressão).

COMPANHIA DE JESUS. *Projeto Educativo Comum 2021-2025*. Rio de Janeiro: Rede Jesuíta de Educação, 2021. Edições Loyola (Impressão).

COMPANHIA DE JESUS. *Estatuto RJE*. Rio de Janeiro: Rede Jesuíta de Educação, 2022. Edições Loyola (Impressão).

CORAZZA, Sandra. *Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos*. s/d. Disponível em: [https://www.academia.edu/34853764/LABIRINTOS\\_DA\\_PESQUISA\\_DIANTE\\_DOS\\_FERROLHOS](https://www.academia.edu/34853764/LABIRINTOS_DA_PESQUISA_DIANTE_DOS_FERROLHOS). Acesso em: 01 nov. 2023.

COSACCHI, Daniel. Sobre ‘*O legado espiritual de Peter-Hans Kolvenbach*’. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/562837>. Acesso em: 05 out. 2020.

DARDOT, P.; LAVAL, C. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

ESPADA LIMA, Henrique. *A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

FARGE, Arlete. *O sabor do arquivo*. São Paulo: EdUSP, 2022.

GIARD, Luce. No primeiro tempo da Companhia de Jesus: do projeto inicial à entrada no ensino. In: DUMORTIER, François-Xavier; GIARD, Luce; LAURENT, Jean-Paul; ROMANO, Antonella; ROTSAERT, Mark; STANDAERT, Nicolas. *Tradição jesuíta: pedagogia, espiritualidade, missão*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Editora Schwarczs Ltda., 1989.

GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, S.A., 1991.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Editora Schwarczs, 2006.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros. Verdadeiro. Falso. Fictício*. São Paulo: Companhia da Letras, 2007.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos; KLAUS, Viviane. Entre tradição e inovação: percursos da história da educação de uma instituição jesuíta (Unisinos - 1953-2016).

*Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 41, n. especial, p. 1485-1506, dez. 2016.  
<http://dx.doi.org/10.1590/2175-623668491>

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2020.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença*. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2022. p. 103-133. 9ª Reimpressão.

IGREJA CATÓLICA. *Decreto Perfectae Caritatis Sobre a Conveniente Renovação da Vida Religiosa*. Vaticano, 1965.

IGREJA CATÓLICA. *Homilia do Papa João Paulo II Durante a Santa Missa Para as Exéquias do Cardeal Paolo Dezza*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1999.

IGREJA CATÓLICA. *Consistório Papa Bento XVI: renúncia ao ministério de Bispo de Roma*. Vaticano, 2013.

IGREJA CATÓLICA. *A Igreja do Brasil, com o Papa Francisco, no Pacto Educativo Global*. Orientações Gerais. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/2020/03/A-Igreja-do-Brasil-no-Pacto-Educativo-Global.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2023.

KIM, Du Hyun. *The Deliberatio Primorum Patrum, the pneumatological process for the ignatian charism: yesterday and today*. PUC-Comillas: Madrid, 2019.

KOLVENBACH, Peter-Hans. *Selección de escritos: 1983-1990*. Madrid: Provincia de España de la Compañía de Jesús, 1992.

KOLVENBACH, Peter-Hans. *Decir... al "Indecible"*. Bilbao/Santander: Mesajero/Sal Terrae, 1999.

KOLVENBACH, Peter-Hans. *Pietas et Eruditio*. In: *Informaciones S.J.*, julio-agosto, 2004.

KOLVENBACH, Peter-Hans. *A formação jesuíta*. São Paulo: Edições Loyola, 2004a.

KOLVENBACH, Peter-Hans. Carta apresentação "Indicações Práticas sobre arquivos". In: COMPANHIA. *Indicações práticas sobre arquivos*. São Paulo: Edições Loyola, 2004b.

KOLVENBACH, Peter-Hans. *Selección de escritos: 1991-2007*. Madrid: Provincia de España de la Compañía de Jesús, 2007.

LAVAL, Christian. *A escola não é uma empresa*. O neoliberalismo em ataque ao ensino público. Londrina: Ed. Planeta, 2004.

- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992. p. 133-161.
- LEVI, Giovanni. 30 anos depois: repensando a Micro-História. In: VENDRAME, Maíra Ines et al. (Orgs.). *Ensaio de micro-história, trajetórias e imigração*. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2016.
- LEVI, Giovanni. *História total versus Global History: a historiografia antes e depois da queda do muro de Berlim*. In: VENDRAME, Maíra Ines et al. (Orgs.). *Ensaio de micro-história, trajetórias e imigração*. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2016.
- LIMA, Marcos Epifanio Barbosa. Gestão educacional: formação continuada de professores frente à identidade institucional. 2018. 171 f. (Dissertação em Gestão Educacional) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018.
- LOYOLA, Inácio de. *Exercícios Espirituais*. São Leopoldo: CECREI, 1966.
- LUCA, Tania Regina de. *Práticas de pesquisa em história*. São Paulo: Contexto, 2020.
- MARGENAT, José María. *Competentes, conscientes, compassivos, comprometidos: la educación de los jesuitas*. Madrid: PPC, 2010.
- MAGALHÃES, Justino. O estudo das organizações educativas: novas perspectivas. In: *História da Educação. Fundamentos Teóricos e Metodologias de Pesquisa: Balanço da Investigação Portuguesa – 2005-2014*. ALVES, Luís Alberto Marques. Porto: Instituto de Educação - Universidade de Lisboa, 2015. p. 11-24.
- PROST, Antoine. *Doze lições sobre história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- REVEL, Jacques. *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.
- ROYON, Elías. (Prólogo). *Selección de escritos: 1991-2007*. Madrid: Provincia de España de la Compañía de Jesús, 2007.
- SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia S. S. Truzzi. *História & Documento e metodologia de pesquisa*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- URIBE, Eduardo. *El P. Peter-Hans Kolvenbach, S.J. y la educación 1983-2007*. Colección Aportes. Bogotá: ACODESI, 2009.
- VALERO, Urbano. La Compañía de Jesús después del Concilio Vaticano II. In: TELLECHEA, José Ignacio; GONZÁLEZ, Manuel Revuelta; PIDENO, Isidoro;

LÉCRIVAIN, Philippe; LACOUTURE, Jean; LAMET, Pedro Miguel; VALERO, Urbano; LOWNEY, Chris; BOLADO, Alfonso Alvarez; Oraá, Jaime. *Jesuitas: una misión, un proyecto*. Bilbao: Universidad de Deusto, 2007. p. 131-158.

## ANEXO 1

### Lista dos Superiores Gerais da Companhia de Jesus

#	Nome	Período	Notas
1.º	 Inácio de Loyola	1541 – 1556	
2.º	 Diego Laynez	1558 – 1565	
3.º	 Francisco de Borja	1565 – 1572	
4.º	 Everard Mercurian	1573 – 1580	
5.º	 Claudio Acquaviva	1581 – 1615	
6.º	 Muzio Vitelleschi	1615 – 1645	
7.º	 Vincenzo Carafa	1646 – 1649	
8.º	 Francesco Piccolomini	1649 – 1651	
9.º	 Luigi Gottifredi	1652	21 de janeiro a 12 de março
10.º	 Goswin Nickel	1652 – 1664	
11.º	 Giovanni Paolo Oliva	1664 – 1681	
12.º	 Charles de Noyelle	1682 – 1686	
13.º	 Tirso Gonzalez	1687 – 1705	
14.º	 Michelangelo Tamburini	1706 – 1730	
15.º	 Frantisek Retz	1730 – 1750	
16.º	 Ignazio Visconti	1751 – 1755	
17.º	 Luigi Centurione	1755 – 1757	
18.º	 Lorenzo Ricci	1758 – 1775	
<b>Supressão 1773 - 1814</b>			
19.º	 Tadeusz Brzozowski	1814 – 1820	
20.º	 Luigi Fortis	1820 – 1829	
21.º	 Jan Roothaan	1829 – 1853	
22.º	 Pieter Jean Beckx	1853 – 1887	
23.º	 Anton Maria Anderledy	1887 – 1892	
24.º	 Luis Martin	1892 – 1906	
25.º	 Franz Xavier Wernz	1906 – 1914	

26.º	 Wlodimir Ledochowski	1915 – 1942	A guerra atrasou a eleição de seu sucessor.
27.º	 Jean-Baptiste Janssens	1946 – 1964	
28.º	 Pedro Arrupe	1965 – 1981	Após um AVC em 1981, foi substituído por Paolo Dezza, delegado pontifício.
29.º	 Peter-Hans Kolvenbach	1983 – 2008	Renunciou em 2008.
30.º	 Adolfo Nicolás	2008 - 2016	Renunciou em 2016.
31.º	 Arturo Sosa	2016 - Em funções.	

Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Superior-geral\\_da\\_Companhia\\_de\\_Jesus](https://pt.wikipedia.org/wiki/Superior-geral_da_Companhia_de_Jesus) acesso em 26.12.2021.

## ANEXO 2

### *Homilia do Papa João Paulo II para a abertura da Congregação Geral XXXIII*

#### CONCELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA INAUGURAL DA XXXIII CONGREGAÇÃO GERAL DA COMPANHIA DE JESUS

#### **HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II**

*Capela da Cúria Generalícia dos Jesuítas*

*Sexta-feira, 2 de setembro de 1983*

*“Obsecro vos ut digne ambuletis vocatione qua vocati estis, solliciti servare unitatem Spiritus in vinculo pacis”.*

#### *1. Caríssimos Irmãos*

Estou feliz de me encontrar hoje no meio de vós, como desejastes, para concelebrar o Sacrifício Eucarístico e suplicar deste modo a abundância dos dons do Espírito Santo sobre a Congregação Geral, que inaugurais.

Nesta ocasião, as palavras de Paulo aos Efésios, escutadas na primeira Leitura, adquirem um significado profético. E com estas mesmas palavras eu me dirijo a vós, com toda a efusão do coração. Também eu como o Apóstolo, exorto-vos a comportar-vos de maneira digna da vocação recebida, a conservar com solícitude a unidade do espírito no vínculo da paz.

Em vós saúdo todos os jesuítas do mundo, empenhados em todas as frentes da vida da Igreja: é uma grande família chamada por uma particular vocação a servir o Nome de Cristo, com uma total disponibilidade aos interesses do seu Reino. Neste momento, sinto-a aqui presente, unida pelos mesmos ideais, pelo mesmo chamamento do Espírito, que do seu coração Cristo faz derramar sobre vós, como sobre toda a Igreja: *Ilumina de ventre eius fluent aquae vivae.*

Neste espírito de fusão dos corações, na docilidade à ação divina, tem início hoje a Congregação Geral. Ela é um ato oficial da vida da vossa Família Religiosa, um momento forte para viver na unidade do espírito. Unidade do *espírito eclesial* porque estais de modo vital inseridos na Igreja, una, santa, católica e apostólica, em cujo serviço vos empenhastes com total fidelidade, conscientes que ela é sacramento universal de salvação, pela riqueza

da verdade e da vida divina por ela comunicada aos homens. Unidade do *espírito inaciano*, porque o particular carisma que faz da Companhia um instrumento privilegiado da ação da Igreja a todos os níveis, é o elemento totalizante e característico, querido pelo próprio Fundador, da vossa atividade e da vossa missão.

E esta unidade nasce da única fé, do único baptismo, da única vocação cristã e religiosa, que da primeira é o lógico e austero florescimento. Ela é alimentada pela realidade ontológica trinitária, isto é, pela vida do único Pai, do único Senhor e do único Espírito. E hoje experimentamo-la de modo particular: *unum corpus et unus Spiritus, sicut vocati estis in una spe vocationis vestrae*.

Eis as raízes teológicas e espirituais da presente circunstância. Por me terdes oferecido a consolação de a viver convosco, de coração vos agradeço, meus caríssimos irmãos.

2. Esta Congregação Geral reveste depois uma importância particular por um duplice objetivo. Ela deve dar em primeiro lugar um sucessor, ao venerado Padre Arrupe, sendo-me grato saudá-lo aqui presente ao exprimir-lhe o comum reconhecimento por ter continuado a sustentar a Companhia com o seu exemplo, com a sua oração, com os seus sofrimentos.

A vossa Congregação tem além disso a tarefa de estabelecer as orientações, de traçar as normas a serem seguidas nos próximos anos para que seja cada vez melhor posto em prática, nas particulares circunstâncias do momento presente, o ideal da Companhia, descrito na Fórmula do vosso Instituto: "Combater por Deus sob a bandeira da cruz e servir só a Cristo Senhor e a Igreja sua esposa, submisso ao Romano Pontífice, Vigário de Cristo na terra" (Carta Apost. *Exposcit debitum*, 21 de Julho de 1550).

Este duplice dever é sem dúvida grave; e é importante que recordeis as diretrizes e as recomendações que os meus venerados Predecessores, Paulo VI e João Paulo I, vos comunicaram por ocasião das vossas últimas Congregações, que eu mesmo vos manifestei por ocasião da reunião dos vossos Provinciais em Fevereiro do ano passado. São diretrizes e recomendações que mantêm todo o seu valor e que deveis ter presentes nos trabalhos da Congregação Geral para lhe garantir o feliz êxito, de que depende a vitalidade e o desenvolvimento do vosso Instituto. Daqui a necessidade de implorar o Espírito Santo: *Veni Sancte Spiritus, reple tuorum corda fidelium*.

3. A vossa Congregação Geral é um acontecimento destinado também a ter repercussões importantes na vida da Igreja. Eis porque ela me interessa vivamente. A Companhia de Jesus é ainda a Ordem religiosa mais numerosa; ela está espalhada por todas as partes do mundo; empenha-se pela glória de Deus e pela santificação dos homens, mesmo nos campos mais difíceis e nas funções de realce, que são de grande utilidade para o serviço da Igreja. Por isso muitos olhos estão fixos em vós, tanto sacerdotes como leigos, religiosos ou religiosas; o que fazeis tem com frequência repercussões que não podeis imaginar.

Além disso, os meus predecessores salientaram muitas vezes a vasta influência que a ação da Companhia exerce na Igreja. Em particular, Paulo VI, de venerada memória, não hesitava em declarar que "uma solidariedade muito especial une a vossa Companhia à Igreja católica; a vossa sorte atinge, em certa medida, à da família católica inteira" (*Discurso de 21 de Abril de 1969*; cf. AAS 61, 1969, p. 317). Se é verdade que esta responsabilidade pesa sobre todos os membros da Companhia de Jesus, hoje pesa de modo particular sobre vós que fostes escolhidos como membros desta Congregação geral. Por isso o Papa vos está neste momento especialmente próximo com a oração, com os seus votos, com o seu paterno encorajamento.

E fá-lo mais uma vez com as palavras da carta aos Efésios: *Recomendo-vos..., que andeis de maneira digna do chamamento que recebestes, com toda a humildade e mansidão..., solícitos em conservar a unidade de espírito mediante o vínculo da paz.*

4. Com este propósito, estou certo que mantereis bem presentes no espírito a natureza providencial e o fim específico da Companhia. Como eu disse, ela está empenhada em mistérios múltiplos, difíceis. Durante o encontro com os Provinciais, no mês de Fevereiro do ano passado, tracei rapidamente um quadro das atividades que sois chamados a exercer: o empenho pelo renovamento da vida cristã, pela difusão da verdadeira doutrina católica, pela educação da juventude, pela formação do clero, pelo aprofundamento das ciências sagradas e em geral da cultura mesmo profana, de modo especial no campo literário e científico, pela evangelização missionária (cf. AAS 74, 1982, pp. 551-565).

Para este conjunto de tarefas apostólicas tão diversas, nas suas formas quer tradicionais quer novas, em correspondência com as exigências dos tempos, salientadas pelo Concílio Vaticano II, dirijo-vos de novo os meus encorajamentos, com total confiança, *sicut vocati estis in una spe vocationes vestrae*. O Papa conta convosco, espera muito de vós.

5. Por isto, o laço muito particular que a Companhia tem com o Papa, responsável da unidade da Igreja no seu conjunto, assegura à Companhia mesma fecundidade e segurança quando ela se aplica, com plena disponibilidade e total fidelidade, a militar em todas estas frentes da ação eclesial. Hoje como nos inícios.

Naquele tempo, o vosso Fundador, desejoso de se consagrar de modo total ao serviço de Cristo Senhor, juntamente com os seus primeiros companheiros, guiado misteriosamente pela Providência, veio a Roma, junto do Papa Paulo III, para se pôr à sua inteira disposição e realizar as missões que o Papa indicasse e no lugar que ele determinasse; sabeis que Paulo III acolheu de muito bom grado esta oferta, vendo nela um sinal particular da ação divina.

Nesta perspectiva, o "quarto voto" adquire um significado particular. Não tende decerto a deter a generosidade, mas unicamente a assegurar-lhe uma esfera de ação mais profunda e mais vasta, na certeza de que o motivo mais íntimo e mais secreto desta obediência religiosa, deste laço com o Papa, é de poder responder, de maneira mais incisiva e com maior dedicação, "imediatamente, sem tergiversar e sem se escusar de modo algum", às necessidades da Igreja, nos campos do apostolado, antigos e novos.

Ao exprimir-vos o meu reconhecimento por tudo o que a Companhia realizou durante mais de quatro séculos de atividade fecunda, estou certo de poder continuar ainda no futuro a contar com a Companhia para exercer o meu ministério apostólico, e a contar sempre com a vossa fiel colaboração para o bem de todo o povo de Deus. Sabei que o Papa vos acompanha e reza por vós, a fim de que, na fidelidade constante à voz do Espírito, a Companhia de Jesus continue a haurir da graça de Deus a força e o impulso para o seu apostolado amplo e multiforme.

6. A Igreja sempre considerou a vossa Companhia como um grupo de religiosos preparados espiritual e doutrinalmente, prontos a fazer o que deles é requerido no contexto da missão universal da Igreja de evangelização.

Os Sumos Pontífices, ao longo dos séculos não deixaram de vos confiar estas missões, considerando as mais urgentes necessidades da Igreja, e confiando na vossa generosa disponibilidade. Para me limitar aos tempos mais recentes, desejo recordar a missão de que o meu venerado predecessor Paulo VI vos incumbiu a 7 de Maio de 1965, "de resistir vigorosamente e com todas as vossas forças ao ateísmo", missão que insistentemente

vos reproponho, enquanto durar este "tremendo perigo que pesa sobre a humanidade" (AAS 57, 1965, p. 514).

Em novembro de 1966, logo após terminar o Concílio Vaticano II, o mesmo Papa pedia-vos para cooperar naquele profundo renovamento que a Igreja está enfrentando neste mundo secularizado. E eu próprio, no discurso aos Provinciais mencionado acima, confirmei que "a Igreja espera hoje da Companhia que ela contribua eficazmente para a aplicação do Concílio Vaticano II, como, no tempo de Santo Inácio e muito depois, ela empregou todos os esforços para dar a conhecer e fazer reduzir à prática o Concílio de Trento e para ajudar de maneira notável os Pontífices Romanos no ministério supremo deles" (AAS 74, 1982, p. 557). Para este fim convidava-vos, e hoje renovo este convite, a adaptar às diferentes necessidades espirituais de hoje "as diferentes formas de apostolado tradicional que mantêm ainda hoje todo o seu valor" e a prestar cada vez maior atenção "às iniciativas que o Concílio Vaticano II particularmente animou", tais como o ecumenismo, o aprofundamento do estudo sobre as relações com as religiões não cristãs, e o diálogo da Igreja com as culturas. A este respeito, conheço e aprovo o vosso empenho pela inculturação, tão importante para a evangelização, desde que seja acompanhada de igual empenho por conservar a doutrina católica pura e íntegra.

7. Ao falar do vosso apostolado, não deixei, naquela oportunidade, de chamar a vossa atenção para a necessidade que se adverte na ação evangelizadora da Igreja, de promover a justiça, relacionada com a paz do mundo, que é uma aspiração de todos os povos. Mas esta ação deve ser exercida em conformidade com a vossa vocação de religiosos e de sacerdotes, sem confundir as tarefas próprias dos sacerdotes com as que são próprias dos leigos, e sem ceder à "tentação de reduzir a missão da Igreja às dimensões de um projeto simplesmente temporal... (de reduzir) a salvação, de que ela é mensageira... a um bem-estar material" (*Evangelii Nuntiandi*, 32). É este o campo magnífico de apostolado aberto diante de vós, que deve ser cuidado com zelo, com fidelidade ao mandato recebido do Papa, sob a guia do novo Prepósito-Geral, e em estreita colaboração entre vós.

A generosa realização deste ideal aumentará cada vez mais o vosso impulso apostólico; ajudar-vos-á a superar as dificuldades que no misterioso desígnio da Providência estão habitualmente ligadas às obras do Senhor, e suscitará numerosas vocações de jovens que, ouvindo a voz do Espírito Santo, desejam também hoje consagrar a própria vida a um

ideal que merece ser vivido, e cooperar assim ativamente na obra divina da redenção do mundo.

A Redenção do mundo! Eis que a vossa Congregação Geral é celebrada em coincidência com o Ano Santo extraordinário, durante o qual a Igreja procura viver com maior intensidade o mistério da Redenção; precisamente a vossa vocação consiste em seguídes de perto a Cristo, Redentor do mundo, em serdes cooperadores seus para a redenção de todo o mundo; por isso deveis distinguir-vos no serviço do Rei divino, como diz a oferenda conclusiva da contemplação do Reino de Cristo nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio.

Irmãos caríssimos! Seja este, para vós, o especial fruto do Ano Jubilar; um renovado impulso à vossa vocação, que vos convida acima de tudo à conversão pessoal: "Abri as portas ao Redentor", deixai-vos penetrar pelo amor de Cristo e pelo seu Espírito, procurando pôr em prática quanto se diz na oração recomendada por Santo Inácio na segunda semana dos Exercícios Espirituais: "Conhecer o Senhor de maneira, íntima para que O amemos e sigamos cada vez mais de perto". O conhecimento íntimo, o amor forte e o seguimento do Senhor mais de perto são a alma da vossa vocação. Por outras palavras, deveis ser uma Companhia de contemplativo na ação, que se esforçam em tudo poder ver, conhecer e experimentar Cristo, por amá-l'O e fazer que Ele seja amado, por servi-l'O em tudo e em todos e por segui-l'O até à Cruz.

Por outro lado, não se conhece o Senhor — e vós que sois mestres de vida espiritual ensiná-lo aos demais — sem se colocar ao mesmo tempo, com total docilidade e abandono, sob a influência do Espírito Santo, que Cristo derramou sobre a humanidade como um rio majestoso e perene. Por isso mesmo, como escutámos no Evangelho de São João, Cristo chama-nos a ir a Ele e a beber: *Si quis sitit veniat ad Me et bibat*. Esta sede deve impelir-vos a entrar na intimidade com Cristo, para contemplardes com Ele o Pai celestial, e dali haurir a força, a luz, a perseverança, a fidelidade para a ação exterior.

Para chegardes a esta contemplação, Santo Inácio pede-vos que sejais homens de oração, para serdes também mestres de oração; e de igual modo, que sejais homens de mortificação, para serdes ao mesmo tempo sinais visíveis dos valores evangélicos. A austeridade da vida pobre e simples seja sinal de que o vosso único tesouro é Cristo; a renúncia, com alegre fidelidade, aos afetos familiares seja sinal fecundo de amor universal

que de modo puro abre os vossos corações a Cristo e aos Irmãos; a obediência por motivos de fé seja sinal da vossa estrita imitação de Cristo que Se fez obediente até à morte de Cruz: a união dos ânimos numa vida comunitária vivida de modo fraterno, superando toda a eventual oposição e contraste, sirva de exemplo na Igreja, neste ano em que celebramos não só o Jubileu da Redenção, mas também o Sínodo da Reconciliação.

Peço-vos também que neste renovado compromisso de vida religiosa exemplar sejam formados desde o noviciado os jovens recrutados para a vossa Companhia.

9. Eis caríssimos Irmãos; aquilo que a circunstância deste dia nos sugere para comum reflexão. Nutro a esperança de que, nesta Congregação celebrada dentro do Ano Jubilar da Redenção, possais seguir de verdade a voz do Espírito que vos chama: *solliciti servare unitatem Spiritus in vinculo pacis*.

Com esta fidelidade, a generosidade no serviço de Cristo Senhor, da Igreja sua esposa, em união com o seu Vigário na terra, seja sempre a característica de todo o verdadeiro jesuíta; seja o estímulo para os trabalhos da Congregação Geral que hoje começais; seja o compromisso de governo, do novo Geral que estais para eleger. Tudo isto espera a Igreja de vós; espera-o de igual modo o Papa, que participa neste rito solene, que se une a vós em fervorosas preces e que Vos abençoa implorando convosco:

*"Veni, Sancte Spiritus, reple tuorum rum corda fidelium et tui amoris in eis ignem accende"*.

### ANEXO 3

#### Telegrama de João Paulo II a Peter-Hans Kolvenbach

14 septembris 1983

Telegramma gratulatorium Summi Pontificis Ioannis Pauli II Praeposito  
Generali P. Peter-Hans Kolvenbach, nuper electo.

CITTÁ DEL VATICANO

REVERENDISSIMO PADRE PETER-HANS KOLVENBACH PREPOSITO GENERALE  
DELLA Compagnia DI Gesù

CURIA GENERALIZIA  
Borgo SANTO SPIRITO 5  
00193 ROMA

Desidero esprimerle le mie vive congratulazioni per la sua elezione a preposito generale della Compagnia di Gesù ed altresí il mio grato compiacimento per il fervido messaggio con cui ella all'inizio del suo delicato mandato mi ha voluto manifestare sentimenti di profonda devozione e ricambio il gesto invocando sulla sua persona, sur delegati della congregazione generale e su tutti i figli spirituali di S. Ignazio di Loyola sparsi per il mondo l'effusione dei favor! celesti, impegno dei quali ben volentieri imparto una particolare benedizione apostolica.

IOANNES PAULUS PP. II

## APÊNDICE A

### *Sobre ACTA ROMANA SOCIETATIS IESU no Archivum Romanum Societatis Iesu – ARSI*

O ARSI é um repositório universal de arquivos e documentos da Companhia de Jesus:

The Roman Jesuit Archives (Archivum Romanum Societatis Iesu – ARSI) are the archives of the general government of the Society of Jesus. Situated in Rome in the General Curia of the Order, their purpose is to preserve, to put in order, and to make available for research the documents related to the general government of the Society of Jesus and its activities from the beginning of its history in the sixteenth century up to the present day. As a privileged witness to such a long past, ARSI is composed of three sections:

1. Documents of the so-called “Old Society” (1540-1773)
2. Documents of the so-called “New Society” (after 1814)
3. Archives of the Jesuit General Procurator (referred to in Italian and cited as the Fondo Gesuitico). (Companhia de Jesus, 2011, p. 1).

Sobre os marcadores colocados para o estudo da Acta Romana quanto a citações de PHK, elaborei, na sequência, quadro e análises quanto cada uma das colunas apresentadas: ano, número de ocorrências, exemplo de citação/tema, língua.

**Quadro 2 – Peter-Hans no ARSI.**

Ano	Número de ocorrências para ‘Kolvenbach’	Exemplo de citação/Tema	Língua
1982	-	-	-
1983	33	“Telegramma gratulatorium Summi Pontificis Ioannis Pauli II Praeposito Generali P. Peter-Hans Kolvenbach, nuper electo”. p. 951	Italiano
1984	42	“Sensus moeroris Summi Pontificis Ioannis Pauli II in mortem P. Karl Rahner (telegramma)”. p. 19	Italiano
1985	63	“ <i>Novus Delegatus pro apostolatu sinensi constituitur</i> ”. p. 286	Inglês/ Latim/ Espanhol/Francês
1986	81	“Litterae quas Summus Pontifex Ioannes Paulus II, aedes Beati Claudii La Colombière apud Paray-le-Monial die 5 octobris invisens, tradidit P. Generali Eidem occurrenti”. p. 421	Francês/ Espanhol/ Inglês

<b>1987</b>	30	“De collaboratione Provinciarum Americae Latinae cum Africa”. p. 989	Francês/ Espanhol/ Inglês
<b>1988</b>	29	“Relatio annualis 1987 de FACSI”. p. 42	Inglês
<b>1989</b>	33	“De modo agendi ad coeducationem admittendam in collegiis et scholis secundariis Societatis”. p. 151	Francês/ Espanhol/ Inglês
<b>1990</b>	39	“Motus proprius Summi Pontificis Ioannis Pauli II quo Indulgentia plenária anno ignatiano lucranda conceditur”. p. 283	Latim
<b>1991</b>	20	“Homilia Summi Pontificis Ioannis Pauli II Eucharistiam in basilica Vaticana occasione anni ignatiani celebrantis”. p. 523	Italiano
<b>1992</b>	54	“Nominaciones Pontificiae quorundam e Nostris”. p. 658	Latim
<b>1993</b>	14	“De cura extraordinaria valetudinis”. p. 845	Francês/ Espanhol/ Inglês
<b>1994</b>	25	“ <i>Nominaciones Pontificiae quorundam e Nostris</i> ”. p. 17	Latim
<b>1995</b>	45	“lettre de Sa Sainteté Jean-Paul II”. p. 08	Francês
<b>1996</b>	10	“De Secretariatu pro Dia/ogo Interreligioso”. p. 43	Inglês
<b>1997</b>	17	“De conventu de vocationum promotione”. p. 133	Espanhol
<b>1998</b>	32	“ <i>MANUALE PRACTICUM IURIS S.I. mittitur</i> ”. p. 269	Espanhol
<b>1999</b>	17	“ <i>Nominaciones Pontificiae quorundam e Nostris</i> ”. p. 523	Latim
<b>2000</b>	12	“ <i>De ‘Jesuit Refugee Service’</i> ”. p. 665	Inglês
<b>2001</b>	08	“ <i>De decimo anniversario mortis P. Pedro Arrupe</i> ”. p. 779	Francês
<b>2002</b>	22	“ <i>De educatione superiori</i> ”. p. 838	Inglês
<b>2003</b>	34	“ <i>Nuntius S. P. Ioannis Pauli II Congregationi Procuratorum LXIX</i> ”. p. 09	Italiano
<b>2004</b>	11	“ <i>De recognoscendis quibusdam procedendi modis</i> ”. p. 482	Inglês
<b>2005</b>	18	“ <i>Nominaciones Pontificiae quorundam e Nostris</i> ”. p. 545	Latim
<b>2006</b>	63	“ <i>Discorso di Sua Santità Benedetto XVI al padri e fratelli della Compagnia di Gesù</i> ”	Italiano
<b>2007</b>	38	“ <i>Christmas and New Year greetings</i> ” p. 957	Inglês/ Francês
<b>2008.1</b>	44	“ <i>Resignation of Father Peter-Hans Kolvenbach</i> ”. p. 34	Francês/ Espanhol/ Inglês
<b>2008.2</b>	196	“35th General Congregation Decrees”	Inglês

2009	06	“ <i>Universal Vocation of the Jesuit</i> ”. p. 723	Francês/ Espanhol/ Inglês
2014.1/ 2014.2	-	-	-

**Fonte:** Elaborado pelo autor.

A *divisão ano a ano* possibilitou marcar uma temporalidade regular dos vinte e cinco anos de generalato de Kolvenbach. Há que se notar que mesmo o recorte indicado fosse do ano 1983 – ano de posse – ao ano de 2008 – ano da resignação; ainda assim, a título de contexto, extrapolei esse tempo e pesquisei também o ano anterior e o ano posterior ao generalato e encontrei os seguintes registro e memória da entrada ‘Kolvenbach’ nas *Actas Romanas*: 01) no ano anterior à posse de Peter-Hans – 1982 – não há nenhuma citação sobre ele nos documentos oficiais; 02) no ano posterior – 2009 – há apenas seis ocorrências que o citam, o menor número de ocorrências dessa sequência histórica; 03) O ano de 2014 – que inclusive, excepcionalmente, possui dois volumes de *Actas* – volta a zerar a quantidade de ocorrências para “Kolvenbach”, tal qual o ano anterior à sua chegada no Generalato da Ordem – 1982.

No marcador *Número de ocorrências para ‘Kolvenbach’*, a pesquisa foi refinada delimitando apenas os trechos em que o sintagma ‘Kolvenbach’ aparecia especificamente. Deste marcador, aponto as seguintes observações: 01) A quantidade de ocorrências foi de zero a trinta e três em um ano, entre 1982 a 1983, momento de transição em que Kolvenbach é eleito Geral e assume visibilidade universal e maior poder de fala institucional na Ordem. De forma oposta, a transição do ano de resignação – 2008 – para o seguinte – 2009 –, caiu de 196 ocorrências para 06; 02) Entendo que quanto maior o volume de ocorrências para o sintagma ‘Kolvenbach’, maior a capilarização da presença de Kolvenbach – seja presença ativa, como autor, ou passiva, como receptor das comunicações; 03) Com as premissas do ponto 02, os anos de 1984, 1985, 1986, 1992, 1995, 2006, 2008.1 e 2008.2 são os de maior pro-ação, pois são os mais volumosos, constando neles 40 ocorrências ou mais; 04) Como destaque e excepcionalidade, há o ano 2008.2 – momento da resignação de Kolvenbach – em que se atinge a sua maior marca com 196 ocorrências para o sintagma pesquisado.

Da coluna com os *Exemplos de citação*, a cada ano estudado, recortei, a título de exemplo, um tema a que as ocorrências se referiam e nesse momento tracei dois caminhos: o de optar por selecionar assuntos variados, bem como também fazer constar e marcar a

presença de assuntos recorrentes. Sobre os assuntos variados destaco trabalhos tão diversos e universais como o serviço a migrantes e refugiados, o apostolado Chinês, e a colaboração entre América Latina e África; e com a diversidade dos temas quis aportar algo para inferir a pujança de articulações e outros cargos/mandatos presentes na figura e instância deste Superior Geral. Com a recorrência de temas, pretendi indicar certa estabilidade de assuntos importantes que retornam à baila ano a ano, como sejam as destinações recebidas por Kolvenbach por parte da Santa Sé.

O último marcador foi a *Língua* e chama à atenção a diversidade de línguas constantes nos arquivos. A isso considero que: 01) Mesmo não sendo mais o latim a língua utilizada pela Igreja como ritos celebrativos, ainda assim, em certos documentos esta língua continua a ser usada e validada, em especial em assuntos vindos da Sé Apostólica para a Cúria Generalícia da Companhia, por ser a língua oficial do Vaticano. Também o Italiano é constante presença em comunicação oficiais da Cúria Romana para o Governo Universal da Companhia. 02) Nota-se que nas mensagens em que se quer ter maior alcance de público leitor há a tradução oficial em três línguas – Inglês, Espanhol e Francês. 03) Para os temas de certa relevância e emergência, adota-se o Inglês como a língua a ser expressa a comunicação. 04) Em mensagem de cunho mais regionalmente particular, se utiliza das demais línguas ou da língua mais falada pelos destinatários – ou seja, apenas em espanhol, apenas em francês apenas em italiano etc.

## APÊNDICE B

### Memorial Pe. Peter-Hans Kolvenbach

Outra fonte de arquivos para a pesquisa foi o Memorial Peter-Hans Kolvenbach. Sob a organização e responsabilidade da Cúria Geral dos Jesuítas e disponibilizado em três línguas – Francês, Espanhol e Inglês –, ele está dividido em cinco secções: vida, testemunhos, arquivos, fotos e documentos. Cada secção apresenta diversos filtros<sup>72</sup>: Autor, Localização, Tipo, Ano, Assunto, Língua. Na sequência apresentarei cada uma dessas partes com seus respectivos filtros.

#### a) Vida

Sobre sua vida, encontrei 05 registros<sup>73</sup> de autoria do próprio Peter-Hans – “Dans les pas de Saint Ignace” – nos quais ele fala sobre o momento de sua eleição e que ele sequer configurava como um dos ‘generaláveis’:

“Ce n’est le rêve ni l’ambition d’aucun jésuite de devenir le Supérieur Général de la Compagnie de Jésus. Sur ce point, saint Ignace était d’ailleurs très strict: tout jésuite qui désire le poste est de ce fait disqualifié.

Mais en 1983, mon nom ne figurait sur aucune liste; et cette année, celui du Père Adolfo Nicolás n’était pas parmi les favoris. Ainsi, le jésuite qui est élu est une surprise pour beaucoup, et il est lui-même pris par surprise”. (MEMORIAL, 2020)

Dos filtros sobre a vida de Kolvenbach, ele é o autor dos cinco documentos, dados em Roma em 2008 e entre os temas abordados estão fé, Beirute e carisma inaciano.

#### b) Testemunhos

Nove são os testemunhos encontrados sobre Peter-Hans Kolvenbach. Todos são jesuítas. Os sobrenomes de cada testemunha – Pattery, Honsi, Gellard, Ochagavia, Hans van Leeuwen, Jaramillo, Homsy, Menéndez – ajudam a identificar as suas possíveis nacionalidades, demonstrando a universalidade dos relatos testemunhais. Seus filtros são:

Filtro 01) Autor: Nove são os autores, sendo que de um deles – Juan Ochagavia, SJ – há dois testemunhos, compondo assim dez testemunhos sobre Peter-Hans.

Filtro 02) Localização: Quatro são as localizações indicadas, sendo que uma delas – o Chile – tem duas ocorrências, as demais são da Índia, Nijmegen, Roma.

---

<sup>72</sup> Tais filtros se retem em todas as secções, como marcadores regulares.

<sup>73</sup> Na continuidade da observação dos registros, notei que na verdade, se trata de um mesmo e único texto, traduzido em cinco línguas: Francês, Inglês, Espanhol, Italiano e alemão.

Filtro 03) Tipo: O tipo do arquivo está titulado como ‘documento’, com nove ocorrências.

Filtro 04) Ano: Três são os anos em que os testemunhos foram colhidos: 2008 – ano de sua resignação com um testemunho; 2016: ano de sua morte com um testemunho; 2017: primeiro ano *post mortem* e inauguração de seu Memorial na Cúria Romana da Companhia de Jesus, com cinco testemunhos.

Filtro 05) Assunto: Três são os assuntos contidos nos testemunhos: ‘Testemunho’ com sete ocorrências; ‘Superior Geral’ com três ocorrências; ‘Companhia de Jesus’ com duas ocorrências.

Filtro 06) Língua: Corroborando com a afirmação da universalidade cultural dos testemunhos, as línguas em que eles foram expressos endossam a assertiva indicada no cabeçalho desse item ‘b) Testemunhos’, pois cinco são as línguas em que os testemunhos ocorreram: Árabe<sup>74</sup>, com uma entrada; Holandês, com uma entrada; Inglês, com três ocorrências; Francês, com duas ocorrências; Espanhol com duas ocorrências.

### c) Arquivos

Nesta seção do Memorial, encontrei cartas, escritos, mensagens, imagens de Kolvenbach. Com duas autorias – Kolvenbach com 31 ocorrências e Don Doll com 07 – e com 36 localizações distintas entre si, os arquivos apresentam: 31 documentos, 73 temas, e 152 imagens<sup>75</sup> – entre os anos de 1983, início do generalato de Kolvenbach, e de 2009, ano posterior à resignação de Peter-Hans. De tais arquivos destaco os seguintes filtros:

Filtro 01) Autor: O próprio Kolvenbach, juntamente com Don Doll são os autores elencados, sendo Kolvenbach mais responsável pelos documentos e Doll pelas imagens.

Filtro 02) Localização: A vasta locação dos arquivos ajuda a explicitar a universalidade da Companhia, presente de Arequipa-Peru a Ariccia-Itália; do Wisconsin-USA, ao Timor e Zimbábwe, para citar alguns. Roma configura-se como o centro das mensagens, possuindo 84 ocorrências; precedida do Wisconsin-USA, com 30 ocorrências e

---

<sup>74</sup> Depreendo que este testemunho em árabe está ligado ao fato de P-H. Kolvenbach ter sido missionário no oriente e professor de línguas orientais.

<sup>75</sup> A existência da catalogação desse volume expressivo de imagens, dá margem para uma possível frente de estudos e de leitura imagética contextual, conceitual, reflexiva, podendo vir a ser, inclusive, uma futura pesquisa acadêmica no campo da semiótica.

do Timor com 9 ocorrências. As demais localidades oscilam entre 01 e 05 ocorrências pulverizando a área de abrangência, atuação e influência da Companhia.

Filtro 03) Tipo: Quanto ao tipo, as imagens ganham em volume com relação aos documentos, uma vez que estes documentos são 31 e, portanto, possuem cinco vezes menos quantidade que aqueles, que são 152 imagens.

Filtro 04) Ano: Quanto à temporalidade, o registro memorial abarca e ultrapassa em um ano o período do generalato de Peter-Hans o que declara a intencionalidade do registro era quanto a Kolvenbach apenas como Prepósito Geral, uma vez que não há demais registros sobre os oitos anos que passou em Beirute, após a resignação como Geral e até sua morte. Outra ausência de registros se dá no ano de 1987, por motivos que não conseguimos alcançar.

Filtro 05) Assunto: Havendo variados assuntos por arquivo, há uma categorização fina de seu conteúdo, chegando esse filtro a conter robustos 375 aportes aos 73 temas. Encabeçando a lista há o assunto ‘Visitas’, com 69 registros, que é bem mais que o dobro do segundo assunto com mais aportes, a ‘Eucaristia’, com 27 registros; o tema ‘Educação’ encontra-se em quarta posição com 19 referências a ela, precedida pelo tema Congregação Geral 35<sup>a</sup>, que aceitou a resignação de Peter-Hans em 2008.

Filtro 06) Língua: Mesmo considerando ser grande o volume sobre os arquivos, como exposto nos itens anteriores, ainda assim, cinco línguas deram conta de abarcar o todo dos documentos, sendo que uma delas – o Polonês – tem apenas uma entrada e duas delas – Inglês e Espanhol – apresentam 20 ou mais ocorrências, dando pouca margem ao crescimento das demais – Francês e Italiano.

#### d) Fotos

Esta subdivisão ‘d) Fotos’ do Memorial é um recorte e especificação do item anterior – Arquivos – e apresenta dados similares e inter cruzados com aquele já comentados no item ‘c) Arquivos’, razão pela qual não considero necessários maiores comentários a esta parte, por já ter sido contemplada no item ‘c)’.

#### e) Documentos

No Memorial, tal como ocorre com o item ‘d) Fotos’ em relação ao item ‘c) Arquivos’, também aqui, com mínimas variações, o item ‘e) Documentos’ está desmembrado do mesmo item ‘c) Arquivos’, de forma que também para esse item já foi analisado anteriormente dentro dos referidos arquivos do item ‘c)’. Dessa forma, considero

que o Memorial, na realidade, possui apenas três secções – Vida, Testemunho, Arquivos – e não cinco – Vida, Testemunho, Arquivos, Fotos, Documentos –, uma vez que duas delas – Fotos, Documentos – são subdivisões de uma secção interna já existente – Arquivos.

Como finalização desse apêndice, é notória a ausência de vídeos<sup>76</sup> – ou links que para eles se direcionassem. Uma vez que a Companhia tem centros multimídia ao redor do mundo, registros fílmicos sobre Peter-Hans poderiam compor este Memorial e suprimindo a falta por exemplo de poder investigar e inferir algo sobre seu tom de voz, as inflexões, os sotaques em outras línguas por ele faladas, o gestual, a postura física etc. como nuances e subsídios plurisemióticos que permitiriam conhecer mais sobre sua pessoa, perfil e função.

---

<sup>76</sup> Buscando algo de recursos audiovisuais de Peter-Hans, encontrei um seu discurso no Canal Ignatian Centre, proferido em outubro de 2000 por Rev. Peter-Hans Kolvenbach no Santa Clara University, para os Jesuítas Estadunidenses que trabalham com Educação Superior, sobre Educação – Serviço da Fé e Promoção da Justiça, e publicado no canal em 10 de fevereiro de 2016. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=o\\_cMVdUloO8](https://www.youtube.com/watch?v=o_cMVdUloO8). Acesso em: 31.07.2022.

## APÊNDICE C

### O 29º Prepósito Geral da Companhia de Jesus: uma análise documental em fotos

Em 1981, o então Prepósito Geral da Companhia, Pedro Arrupe, sofre uma trombose debilitante que o impede de continuar governando a Ordem. Nesta circunstância peculiar e atípica, está previsto de seja indicado um Vigário Geral *Ad Tempus* (Companhia de Jesus, 2004, p. 196), porém, dada a crise relacional entre Pedro Arrupe e João Paulo II, projeção do conflito da Igreja com a Companhia, este intervém diretamente no processo de eleição, rejeita a indicação do Vigário indicado pelo Prepósito e coloca como Delegado Papal, interventor da Ordem, o Pe. Paolo Dezza, SJ, que gozava de prestígio e confiança junto ao papado. Nas próprias palavras de João Paulo II, quando dos funerais de padre Dezza:

Destinado quase imediatamente à Pontifícia Universidade Gregoriana, onde de 1941 a 1951 foi estimadíssimo Reitor, teve contatos sempre mais estreitos com os Pontífices. ‘Estes contatos - ele afirma - fizeram com que eu compreendesse sempre melhor o significado e o valor daquele vínculo especial que une a Companhia ao Papa, mostraram-me o grande serviço que, em virtude desse vínculo, a Companhia é capaz de prestar à Igreja e, como consequência, o reconhecimento e a benevolência especial dos Papas para com a Companhia’. O meu venerado predecessor Paulo VI, em anos bastante problemáticos para a Igreja e para a Companhia de Jesus, encontrou no Padre Dezza o servidor de Cristo, o autêntico Jesuíta, o homem espiritual em cujo sábio conselho confiar no meio das dificuldades da altíssima missão. Eu mesmo lhe confiei uma especial delegação para a Companhia de Jesus, numa fase importante da sua história. (Igreja Católica, 1999).

Essa ‘especial delegação’ é justamente a intervenção canônica da Sé Apostólica, sem precedentes na história da Companhia, o que retrasaria em dois anos a eleição do novo Prepósito Geral, o sucessor de Arrupe. De forma sumária e correlata, ao falar de um jesuíta francês presente na Congregação Geral 33ª, que elegeu Kolvenbach, assim o Instituto Humanitas UNISINOS<sup>77</sup>, apresenta o caso:

Como superior provincial participou da 33ª Congregação Geral, em 1983, e que elegeu o Pe. Peter-Hans Kolvenbach, novo superior geral da Companhia de Jesus. Neste período sensível das relações dos (sic) jesuítas e o papa João Paulo II, o Pe. Henri Madelin lembrava aos jesuítas da Província da França a importância do “sentire cum Ecclesia” e da obediência ao papa (UNISINOS, 2020).

---

<sup>77</sup> Sobre relação entre os Jesuítas e João Paulo II, ver: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597946-morreu-henri-madelin-jesuita-homem-de-fe-e-de-cultura>. Acesso em: 26.09.2020.

Tal intercurso e estremecimento de relações institucionais profundas durou dois anos, em um interlúdio temporal entre 1981 e 1983, quando então foi autorizada pela Santa Sé a realização de uma nova Congregação Geral, a de número 33 desde a fundação da Ordem, momento em que se pôde eleger um novo Prepósito Geral, encargo que recaiu sobre Peter-Hans Kolvenbach que participou da Congregação como eleitor pela província Libanesa e tornou-se naquela ocasião o 29º Superior Geral dos jesuítas:

He took part in General Congregation 33 as elector of the Vice-Province and elected Superior General on September 13, 1983. He convoked and presided over General Congregation 34 (1995). During his long generalate he participated in many Synods of Bishops; he was a member of the Congregation for the Evangelization of Peoples, Congregation for Institutes of Consecrated Life, and Consultor for the Congregation for Oriental Churches. (MEMORIAL, 2017).

A eleição de Kolvenbach como Prepósito Geral teve a peculiaridade de compor uma continuidade de perfil biográfico, em aspecto amplo, com o seu antecessor, o Geral espanhol Pedro Arrupe, que era provincial no Japão quando de sua eleição em 1965: tratavam-se de europeus, vindos das missões orientais e colocados como superior máximo da Ordem. Tal conjuntura iria ainda se repetir vinte e cinco anos depois com o sucessor de Kolvenbach, Adolfo Nicholas, por ser este igualmente espanhol e provincial no Japão, como Arrupe, quando de sua eleição para Superior Geral na Companhia em 2008, formando assim uma tríade de missionários europeus que vieram do Oriente e foram colocados como gestores na Cúria Geral em Roma. Tal ciclo termina em 2016, quando Arturo Sosa (1948-...), que é venezuelano, é eleito como Prepósito Geral da Companhia e por primeira vez na história um americano assume tal função na Ordem.

As turbulências ocorridas na relação entre o Vaticano e o generalato de Arrupe, ocorrendo inclusive, como vimos, um biênio de intervenção direta do Sumo Pontífice no governo universal da Ordem, causou dentro e fora da Companhia um acentuado fenômeno comparativo entre o antecessor Arrupe e sucessor Kolvenbach. Isso no tocante à como este iria proceder para reestabelecer à Ordem a confiança e o respeito conquistados durante séculos de missionaridade – e nas últimas décadas conturbados pela convulsão eclesial entre 1950 e 1970 que atingiu também a instituição Companhia de Jesus em seu governo geral e

em seus quadros internos<sup>78</sup>. Ela que era o exemplo de obediência e seguimento ao Vigário de Cristo na Terra (Companhia de Jesus, 2004, p. 29) estava posta na berlinda como avançada demais para os padrões da Cúria Vaticana e estava sendo fortemente chamada à obediência.

É nesse contexto que Kolvenbach assume o generalato e seu perfil como intelectual, gestor, mediador e diplomata vai aos poucos dirimindo as dúvidas e suspeitas que cercavam a Companhia quanto a sua fidelidade papal, de tal modo que se pode ir paziguando com uma caridade discernida o que outrora era uma manifesta caridade inflamada, nos generalatos sob o pontificado de João Paulo II. Nestas análises fotográficas, farei atenção para evitar a inocorrência do estudo da imagem como mensagem genérica. Segundo Burke (2017, p. 35),

As tentações do realismo, mais exatamente a de tomar uma imagem pela realidade, são particularmente sedutoras no que se refere a fotografias e retratos. Por essa razão, esses tipos de imagem serão agora analisados em particular.

Ao particularizar excertos de imagens do 29º Prepósito Geral da Companhia de Jesus, buscarei coligá-los ao texto e o contexto que elas podem potencialmente revelar como viés biográfico dos fotografados. Concordo com Burke (2017, p. 37) que isso representa um desafio elevado – porém, animo-me a fazê-lo:

Entretanto, esses documentos precisam ser contextualizados. Isso nem sempre é fácil no caso de fotografias, uma vez que a identidade dos fotografados e dos fotógrafos é muitas vezes desconhecida, e as próprias fotografias, originalmente – em muitos casos, ao menos – são oriundas de uma série e foram separadas do projeto ou do álbum no qual eram inicialmente mostardas, para acabarem em arquivos ou museus. [...] Essas imagens eram geralmente desenvolvidas para despertar a solidariedade dos espectadores.

Apresentarei as fotos selecionadas como característica de certa iconologia, também por seu critério de escolha ter sido realizado com base em momentos construídos e minimamente elaborados para passar uma mensagem concreta na captação da imagem, mais do que fotos registradas em um contexto de natural diletantismo e de espontaneidade. Ainda com Burke (2017, p. 58), entendo que

---

<sup>78</sup> Vide a Companhia em número 1983-2008 – tempo do generalato de Kolvenbach –, indicando a crise vocacional-religiosa e a queda na formação de quadros em que a companhia sai de 25.952 jesuítas em 1983, para 18.815 jesuítas em 2008. Conf. <http://www.sjweb.info/adusum/documents/DocsList.cfm?tab=29> acesso em 19.09.2020.

O terceiro e principal nível – de significado na própria obra – o da interpretação iconológica, distinguiu-se da iconografia pelo fato de se voltar para o ‘significado intrínseco’, ou seja, ‘os princípios subjacentes que revelam a atitude básica de uma nação, um período, uma classe, uma crença religiosa ou filosófica’. É nesse nível que as imagens oferecem evidência útil, e de fato indispensável, para os historiadores culturais.

Destacarei e brevemente analisarei abaixo uma seleção de fotografias que considero iconológicas e que ajudará a refletir os traços característicos do perfil humano de Peter-Hans em dois registros de leitura imagética: a) fotos de Kolvenbach; b) Foto de Kolvenbach e Arrupe juntos.

**Fotografia 4** – Peter-Hans Kolvenbach investigando.



**Fonte:** [ecodiario.eleconomista.es](http://ecodiario.eleconomista.es) (2020).

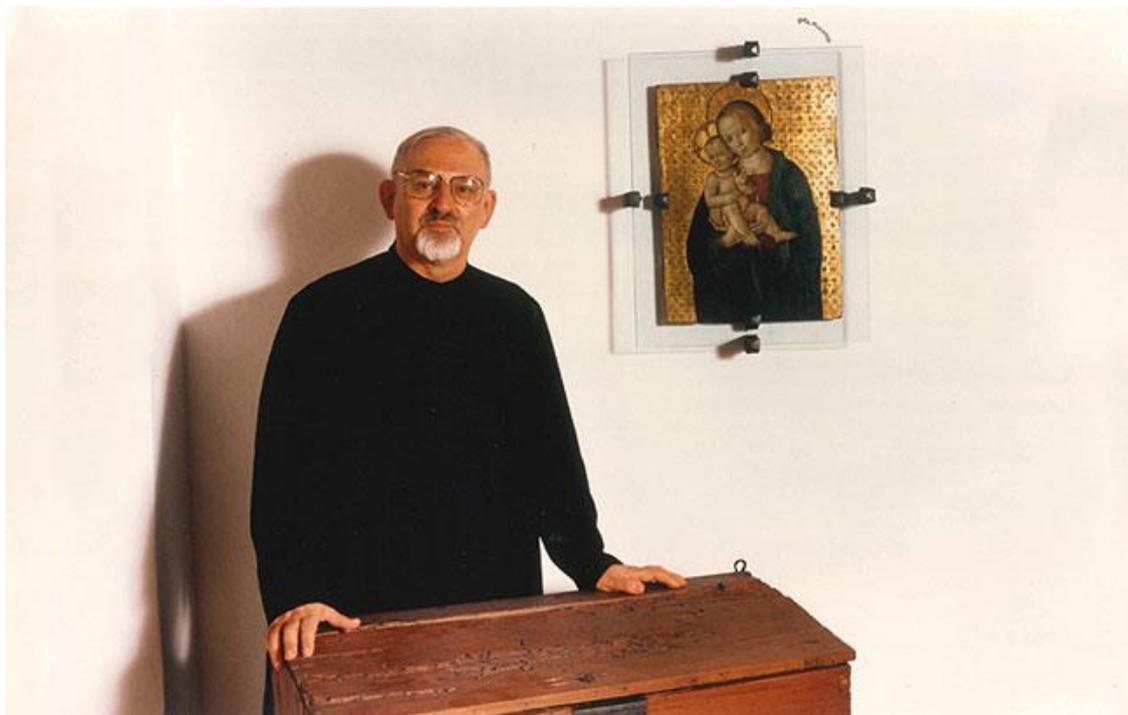
A Fotografia 4, apresenta o Padre Peter-Hans Kolvenbach em meio a uma biblioteca com livros aparentemente históricos, catalogados com etiquetas e em grande quantidade. Kolvenbach está de pé de forma ereta e com a cabeça levemente inclinada, passado o olhar por sobre as páginas de um livro que ele tem nas mãos. Mesmo aparentando ser um livro pesado, dado o seu tamanho e volume, ainda assim Kolvenbach o sustenta com apenas uma

das mãos, a direita, estando a outra mão a segurar as margens do livro que está aberto quase em sua metade.

A intencionalidade da fotografia pode caracterizar a exposição do Geral como alguém que pesquisa em arquivos históricos; que tem familiaridade com o livro impresso; que, ao estar de pé, trata-se de uma consulta rápida a um tema, muito mais que uma demorada pesquisa ao assunto. É uma demonstração de força e equilíbrio ser as suas próprias mãos a suportar o peso do conhecimento ali contido, e não alguma mesa que a isso se destine.

É notório o contraste de tons, também por ser uma foto colorida, entre o claro e iluminado que vem do ambiente onde se encontram os livros e o escuro e concentrado que vem da sotaina de Peter-Hans, em um jogo simbólico de claro-escuro que pode dar algumas margens a interpretação sobre o conhecimento acumulado pela humanidade que a tudo ilumina e a ignorância proporcional a cada indivíduo quando esse se afasta e se isola unicamente em seu próprio saber.

**Fotografia 5** – Peter-Hans Kolvenbach e o ícone da Virgem com o Menino.



**Fonte:** [jesuitsmidwest.org](http://jesuitsmidwest.org) (2020).

Na Fotografia 5, encontramos a Kolvenbach deixando-se fotografar em uma pose planejada – não natural. Não há propriamente uma ação ocorrendo na foto, o que torna ainda mais clara a intencionalidade da foto ser um registro para guardar a memória do momento de forma icônica. Peter-Hans está de pé, olhando fixamente para a câmera que o fotografa, e com ambas as mãos apoiadas em uma mesa-baú, rústica e simples, feita de madeira e visivelmente gasta pelo tempo e pelo uso e que aparece em primeiro plano. Aqui também o efeito de contraste entre luz e sombra se faz notar.

No plano de fundo há na parede uma imagem da Virgem Maria com o Menino Jesus, com fundo em dourado e protegido por uma camada transparente de vidro – ou acrílico – e que remonta à fé e religiosidade vivida por Kolvenbach entre o povo sírio, com quem ele missionou por vários anos. Esta é uma fotografia que, em consonância com o próprio perfil de Kolvenbach, se caracteriza pela sobriedade e pela parca exposição de elementos – uma mesa, um ícone mariano, uma parede branca, uma sombra de si... –, resguardando apenas o necessário para comunicar a mensagem que se pretende.

Nota-se ainda, pela quebra de sua sombra em ângulo distinto, que a posição escolhida por Peter-Hans no espaço em que se encontra se dá em uma esquina do ambiente, ou seja, em um local mais protegido, em que não ocorre necessariamente a passagem ou trânsito de outros. Não é, portanto, um local de fácil ou ágil locomoção, mas de permanência e estabilidade.

**Fotografia 6** – Peter-Hans Kolvenbach em banca de jornal.



**Fonte:** sjweb.info (2020).

Na Fotografia 6, temos o 29º Prepósito Geral da Companhia de Jesus em ambiente público e aberto, em frente a uma banca de jornais e revistas. De pé e com uma pasta na mão, sua cabeça se inclina para cima e seu olhar se eleva para ler as notícias presentes nos jornais do dia. Pelas capas das revistas se nota que ele está em Roma – a residência oficial do Superior Geral, Borgo Santo Spirito 4, fica a poucos metros das colunatas do Vaticano – possivelmente saindo de sua residência para alguma reunião nos arredores ou vice-versa.

No ato captado pela lente não fica clara a ciência do fotografado quanto ao registro, pois estar na rua vendo notícias em uma banca de jornal se trata de um ato banal e corriqueiro, sem maiores significâncias e grandes relevos necessários de captação de imagem neste contexto. O fato de Peter-Hans dar uma pausa não programada em seu itinerário para se inteirar brevemente das notícias cotidianas locais aponta para um perfil de quem quer estar atualizado e se vincular com o que acontece no mundo a sua volta e estar a par de quais e como as notícias estão circulando.

Como pesquisador e linguista, é natural em Kolvenbach o ambiente das bibliotecas e do saber compilado nos séculos através das edições mais variadas de livros, remontando ao tempo dos copistas que a Primeira Companhia alcançou, dado que Gutenberg (1400-1468) e Inácio de Loyola (1491-1556) são quase contemporâneos. Contudo, Peter-Hans também não se furta a passar por atualizações das notícias através dos veículos de comunicação de massa. Por se tratar também que um formador de opinião, seguramente a leitura e apropriação das informações presentes em jornais e revistas ajudou-o a contextualizar os cenários existentes e propalar sua própria visão sobre os temas candentes à época.

Como Prepósito Geral, o acesso às informações sobre a Companhia e sobre o mundo, Kolvenbach o tem oficialmente de duas maneiras: por cartas ânuas e por cartas *ex officio*. Sobre cartas ânuas,

Para ajudar o Provincial e sob sua autoridade, seja constituída uma comissão para planejamento e seleção dos ministérios. Sua função será, à base de estudos prévios, e tendo em conta as prioridades traçadas pelo Geral ou pela conferência de Superiores Maiores, dar pareceres sobre a revisão orgânica dos ministérios, sugerindo o que deveria ser mantido, abandonado ou criado. O Provincial informe anualmente o Padre Geral do que se fez a esse respeito. (Companhia de Jesus, 2004, p. 322).

Sobre a finalidade das correspondências epistolares *ex officio*,

Concorrerá também de maneira muito especial para esta união a correspondência epistolar entre súditos e Superiores, com o intercâmbio frequente de informações entre uns e outros, e o conhecimento das notícias e comunicações vindas de diversas partes. Este encargo pertence aos superiores, em particular ao Geral e aos Provinciais. Eles providenciarão para que em cada lugar se possa saber o que se faz nas outras partes. (Companhia de Jesus, 2004, p. 322).

Assim, de certo modo, o Prepósito Geral da Companhia deter-se em frente a uma banca de jornais e revistas e observar as notícias cotidianas pode remeter a interconexão destas notícias ali expostas com as informações por ele recebida através das missivas enviadas pelos Jesuítas de variados países do mundo.

**Fotografia 7** – Peter-Hans Kolvenbach e Pedro Arrupe.



**Fonte:** google.com (2020).

Na Fotografia 7, Peter-Hans e Arrupe se encontram e se apoiam em um contexto de Congregação Geral 33<sup>a</sup> (1983), na qual Kolvenbach foi eleito sucessor de Arrupe, que estava desde 1981 interdito do governo geral da Companhia, explicitando a crise institucional entre a Companhia de Jesus e Santa Sé<sup>79</sup>, pois à época:

O papa desconsiderou o pedido de Arrupe de nomear o seu vigário geral – o jesuíta americano Vincent O’Keefe – para ser o substituto. Em vez disso, o pontífice nomeou dois jesuítas para ocupar o cargo temporariamente: o padre (mais tarde cardeal) Paolo Dezza, e o padre (mais tarde arcebispo) Giuseppe Pittau. Somente após um período de dois anos é que foi permitida a realização da 33<sup>a</sup> Congregação Geral para eleger um sucessor há muito aguardado pelo Pe. Arrupe. (Cosacchi, 2016. s/p.).

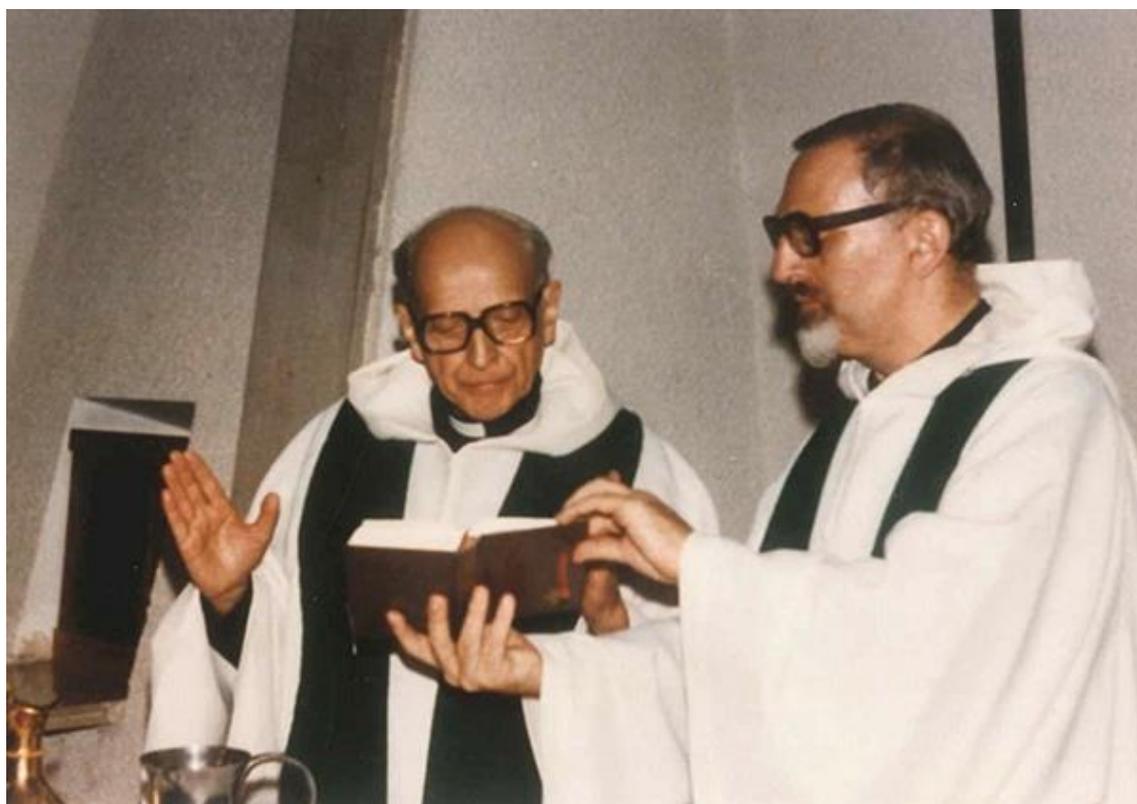
Há uma pequena multidão de jesuítas do mundo inteiro presentes na audiência – como é natural em tempos de Congregação Geral –, cujo registro conseguiu captar parcialmente.

---

<sup>79</sup> Sobre crise institucional, ver: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/562837-o-legado-espiritual-de-peter-hans-kolvenbach>. Acesso em: 26 set. 2020.

A foto revela uma troca afetiva de olhares e um discreto sorriso em ambos que estão em pé e frente a frente. Chama à atenção o gestual das mãos: Arrupe se apoia com sua mão esquerda no ombro direito de Kolvenbach à medida que este lhe segura com firmeza o mesmo braço. Algumas expressões força podem ser subjetivadas dessa foto: apoio mútuo; comunicação de suporte necessário; interação física em proximidade e união, bênção com gestual da imposição das mãos. Algo como a parábola dos porcos-espinho: nem tão perto que se firam, nem tão distantes que não se aqueçam: é um ‘quase-abraço’.

**Fotografia 8** – Pedro Arrupe e Peter-Hans Kolvenbach.



**Fonte:** kolvenbach.jesuitgeneral.org (2020).

Na Fotografia 8, encontramos dois Prepósitos Gerais da Companhia de Jesus em rito de concelebração. Dado a editoração do livro que Kolvenbach segura poder ser ou não um Missal, não fica claro de que rito se trata. Tampouco ajudam a identificar o rito a existência de algo como uma caixa em madeira incrustada na parede – um sacrário? – e os detalhes de algo como duas jarras que estão em posição elevada em relação ao chão, quase à cintura dos presentes. Porém, pelos paramentos serem uniformes, com túnicas de mesmo corte e modelo

e pela estola preta sem maiores filigranas e motivações, pode se tratar de algum rito funerário oficial.

O importante a se destacar nessa foto, em certo entendimento, é o fato dos dois Gerais estarem em ação conjunta e simbólica, celebrando unidos e em sintonia até mesmo nos paramentos de que se utilizam para esse momento. Um com as mãos segurando um pequeno livro, desprovido de requintes, outro lendo o livro, recitando as orações nele contidas, e com os braços abertas de modo preceitual ritualístico. Ambos estão usando óculos com uma armação grossa, que se entende serem próprios para a leitura.

## APÊNDICE D

### O quase fim de um percurso

O fim do percurso de Pe. Kolvenbach como Geral na Companhia (2008) também é cercado por ineditismo e pioneirismo, pois ocorreu não com sua morte – uma vez que esse seria o natural, dado que o cargo, para todos os efeitos canônicos, continua se configurando como vitalício – ou por alguma causa grave que seriam os dois modos de tal renúncia ocorrer como prevista nas Constituições (Companhia de Jesus, 2004, p. 358-359).

Cito como fatores incomuns gerados pelo pedido de entrega do cargo vitalício e convocação de nova Congregação Geral eletiva e pela aceitação da parte do papa Bento XVI – o único que o poderia autorizar –, pois Kolvenbach estava gozando ainda de boa saúde, voltou a Beirute, onde tinha sido missionário antes de seu generalato, como auxiliar do bibliotecário da sua comunidade religiosa, vindo a falecer apenas em 2016, oito anos após sua renúncia, ocorrida entre 2007 e 2008.

Um trecho da mensagem do papa Bento XVI, quando da Congregação Geral 35<sup>a</sup>, aclara o contexto e o entendimento da recorrência do pedido de Peter-Hans em ser aceita sua resignação ao cargo, finalmente concedida tal exoneração:

Gostaria de exprimir o meu agradecimento, em primeiro lugar, a si, querido e venerado P. Prepósito Geral que, desde 1983, tem vindo a guiar, de modo iluminado, sábio e prudente, a Companhia de Jesus, tratando, por todos os modos, de mantê-la no trilho do carisma inaciano. Vossa Reverência, por razões objetivas, pediu, várias vezes, que fosse exonerado do seu cargo, assumido com grande sentido de responsabilidade, num momento não fácil da história da Ordem. Expresso-lhe o mais vivo agradecimento pelo serviço prestado à Companhia e, mais em geral, à Igreja. (Companhia de Jesus, 2008, p. 261).

Ao que, também em carta oficial, o ainda Prepósito Geral Kolvenbach responde e atesta:

A Congregação Geral recebeu, com profunda e grata atenção, a mensagem que Sua Santidade, o Papa Bento XVI, dirigiu ao Padre Geral — e, por seu intermédio — a ela própria e a toda Companhia de Jesus, nestes momentos tão significativos e importantes para a vida de nossa Ordem.

O Santo Padre, mais uma vez, manifestou o afeto, a proximidade espiritual, a estima e gratidão com que os Sucessores de Pedro têm olhado a Companhia de Jesus, continuando a esperar dela um fiel serviço ao íntegro anúncio, sem hesitações, do Evangelho em nosso tempo.

Enquanto afirma que a íntima união com Cristo deve ser o segredo de nossa vida apostólica e missionária, refere-se, ao mesmo tempo, ao carisma original da Companhia de Jesus como está definido na “Fórmula” da fundação: Militar sob a bandeira da Cruz e servir ao único Senhor e à Igreja, sua Esposa, sob o Romano Pontífice, Vigário de Cristo na terra. (Companhia de Jesus, 2008, p. 267-268).

Ao referenciar o ano de 1983, como o da chegada de Peter-Hans ao generalato da Ordem, aí está sutilmente presente a memória do biênio anterior no qual o generalato ficou vacante por determinação do Santo Padre, à época João Paulo II, com um interventor direto por ele selecionado, o Pe. Paolo Dezza. Desta forma, Kolvenbach afirma, também sutilmente, as últimas intervenções papais na Ordem e o que a Companhia pretende fazer para evitar que aconteçam novas ações diretas de governança vaticana na Companhia:

Em continuidade com as intervenções de seus predecessores — em particular Paulo VI e João Paulo II —, o Santo Padre insiste no laço particular que une a Companhia de Jesus ao Sucessor de Pedro, expresso no ‘quarto voto’ de especial obediência ao Papa. Enfatiza a responsabilidade formativa da Companhia no campo da teologia, da espiritualidade e da missão, pedindo que a Companhia reafirme — segundo o espírito de Santo Inácio — a plena e total adesão à doutrina católica, em particular nos pontos nevrálgicos, hoje fortemente atacados pela cultura secular, e explicitamente assinalados por Sua Santidade.

A Companhia de Jesus declara sua vontade própria de responder sinceramente aos convites e pedidos do Santo Padre, dedicando a eles, em sua Congregação Geral, a atenção devida no curso de seus trabalhos. Uma parte considerável destes está reservada precisamente aos temas de identidade e missão dos jesuítas e da obediência apostólica, em particular sobre a obediência ao Papa. (Companhia de Jesus, 2008, p. 268).

Um adendo ao tema é que, mesmo que também possuísse cargo vitalício, por sua vez, o Papa bento XVI iria se auto-jubilar cinco anos depois (11.02.2013), declarando motivos semelhantes ao de Peter-Hans quanto ao peso da idade para as exigências do cargo petrino, talvez em parte inspirado pela atitude de renúncia de Peter-Hans:

Caríssimos Irmãos, convoquei-vos para este Consistório não só por causa das três canonizações, mas também para vos comunicar uma decisão de grande importância para a vida da Igreja. [...] Por isso, bem consciente da gravidade deste ato, com plena liberdade, declaro que renuncio ao ministério de Bispo de Roma, Sucessor de São Pedro, que me foi confiado pela mão dos Cardeais em 19 de Abril de 2005, pelo que, a partir de 28 de Fevereiro de 2013, às 20,00 horas, a sede de Roma, a sede de São Pedro, ficará vacante e deverá ser convocado, por aqueles a quem tal compete, o Conclave para a eleição do novo Sumo Pontífice. (Vaticano, 2013).

Dessa forma, no intervalo de 2013 a 2016 a Igreja teve pela primeira vez na história, de forma pacífica e amistosa<sup>80</sup>, dois Prepósitos Gerais na Companhia – um efetivo e um jubilado – bem como dois papas<sup>81</sup> na Igreja– um efetivo e um emérito. Kolvenbach foi o pioneiro dentre esses quatro.

Essas últimas decisões vitais de Peter-Hans eu as trago para demonstrar que nunca saiu de seu horizonte a vocação intelectual e quase reclusa que os estudos metódicos supõem, antes, durante e depois de seu generalato, como que traçando um fio condutor coerente em seu propósito de vida, deixando assim uma forte mensagem aos demais quanto a como lidar de forma liberta com o poder temporal. Entendo que memoriar sua temporalidade no governo geral da Ordem por um quarto de século implica também em recordar e tecer lembrança do lugar, tempo e pessoa, do antes e do depois, a esse momento por ele construído e legado como 29º Prepósito Geral dos Jesuítas.

São bastante simbólicos os elementos que envolvem e vão constituindo a memória e o patrimônio da Companhia de Jesus no tocante à referência em nomear espaços com o nome de Kolvenbach. Nomear para não esquecer é um ato de deferência e sentido memorial. Conseguimos catalogar quatro ambientes distintos até 2020 que já possuem o nome Peter-Hans Kolvenbach como oficialidade de registro e ligação entre seu nome e o espaço que lhe faz homenagem e memória: sua lápide em Beirute Líbano; a Biblioteca Peter-Hans Kolvenbach na Cúria Geral dos Jesuítas em Roma; o Espaço Kolvenbach, SJ no Colégio Loyola em BH-MG Brasil; e o portal com o memorial virtual Pe. Peter-Hans Kolvenbach, hospedado no site oficial da Cúria Romana dos jesuítas.

A lembrança da pessoa por outrem, a memória dele construída o evento memoriado – também no *post mortem* – de Peter-Hans Kolvenbach está em construção e decantação, mas já se pode dizer dele que morreu como quis viver e governar: de forma sensível, discreta

---

<sup>80</sup> Particularizo que, desta feita, tal cenário transcorreu de forma pacífica e amistosa, pois quando em momento anterior ocorreu de a Igreja ter dois papas, tratava-se de uma anomalia eclesial belicosa e de disputa de poder pelo cargo, intitulado como Grande Cisma do Ocidente, sendo eleito por seus partidários a Bartolomeo Prignano (1318-1389) como o papa Urbano VI, estabelecendo-se em Roma e Roberto de Genebra (1342-1394), sendo eleito entre seus partidários como antipapa Clemente VII, estabelecendo-se na França. Tal conflito de interesses foi dissipado em 1417, sendo solucionado pelo Concílio de Constança e estabelecendo o papado definitivamente em Roma. Sobre grande Cisma do Ocidente. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Grande\\_Cisma\\_do\\_Ocidente](https://pt.wikipedia.org/wiki/Grande_Cisma_do_Ocidente). Acesso em: 20 set. 2020.

<sup>81</sup> Este é um evento tão original que até mesmo a elaboração linguística até então não tinha se debruçado sobre a necessidade de classificar e nomear como se chamaria uma reunião entre papas, uma vez que a história não lhe havia apresentado demanda tão peculiar até aquele momento, visto que o continuum normal era que houvesse sempre um único papa não havendo, portanto, como ocorrer reuniões presenciais entre eles.

e profunda. Tal memória coletiva e a lembrança individual como limite das interferências coletivas vão se perfazendo e se construindo no que pode ser considerado lembrança do adulto em que dois pensamentos, uma vez reaproximados, e porque contrastam entre si, parecem se reforçar mutuamente, formando um todo que existe por si mesmo. Nisso, a impressão se explica sem dúvidas por aquilo que está no centro de nossa vida afetiva ou intelectual, pois todos os objetos que vemos, todas pessoas que ouvimos, talvez não nos impressione, senão na medida em que nos fazem sentir a ausência dos companheiros.

No primeiro plano da memória de um grupo se destacam a lembrança dos acontecimentos e das experiências que concernem ao número maior de seus membros e que resultam de suas próprias relações e desse modo as lembranças que concernem a um só de seus membros passa a um último plano. Um grupo entra geralmente em relação com outros grupos, em contatos semelhantes em certos círculos relacionais: cidade e família; amigos e família. Assim, a lembrança individual tem como limite as interferências coletivas, já que atribuímos a nós mesmo sentimentos e paixões, ideias e reflexões, que nos foram inspirados por nosso grupo e correspondem tão bem a nossa maneira de ver que não percebemos que somos senão um eco.

Há então um ponto de encontro de várias correntes de pensamento coletivo que se cruzam formam estados complexos e influências sociais que se fazem mais complexas, porque mais numerosas, mais inter cruzadas. As lembranças que nos parecem puramente pessoais necessitam de maior complexidade de condições necessárias para serem lembradas, mas isso é apenas uma diferença de grau (na percepção) de duas espécies de elementos: aqueles que nos é possível evocar quando queremos, de sentido comum, e aqueles que não atendem ao nosso apelo, nossa vontade tropeça num obstáculo, pois não pertencem aos outros, mas a nós, porque ninguém além de nós pode reconhecê-los. As primeiras estão sempre ao nosso alcance, as segundas nos são menos e mais raramente acessíveis.

É por podermos nos apoiar nas memórias dos outros que somos capazes, a qualquer momento, e quando quisermos, de lembrá-los. Lembranças pessoais que parecem não pertencer a ninguém senão a nós, podem bem se encontrar em meios sociais definidos e ali se conservar uma vez que indivíduos se lembram, enquanto membros do grupo e cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva.

De tal sorte que nossas lembranças pessoais resultam da fusão de tantos elementos diversos e separados, algo como uma unidade na multiplicidade que gera um conteúdo do espírito, que em suma refere-se a todos os elementos que assinalam suas relações com os diversos meios. Logo, a lembrança aparece pelo efeito de várias séries de pensamentos coletivos e emaranhados, e por isso supomos que ela seja independente e opomos a sua unidade a sua multiplicidade. (Halbwachs, 1990, p. 43-52).

Com essas premissas sobre a memória, acredito que a relação tênue entre lembrança e percepção nunca pode ser prescindida dado que memória e representação se trata de ir aclarando que aquilo que se lembra do evento não é, necessariamente como o evento de fato ocorreu. Halbwachs (1990, p. 51) parte de exemplos particulares e pessoais para chegar em uma lembrança comum e indica que o real e o construído pode levar a uma busca pelo exato e preciso.

Há diversos fatores que influenciam a lembranças fazendo delas reais ou fictícias, podendo até haver um destaque para a não lembrança. Se o conhecimento coletivo é lembrar como membro de um grupo, as memórias não se as pode viver sem afetos, deflagrando que sentimento e memória caminham lado a lado.

Ao tratar da memória coletiva – em livro homólogo (1990) –, o mesmo Halbwachs faz um texto personalista em que as abordagens são de aspecto socioafetivos. Nele, ele está construindo uma tese e se apoia nos dados que possui, destacando a importante relação entre interesse e memória, da memória como conhecimento, da relação entre individualidade e sociedade, das lembranças diretas e lembranças indiretas e da conservação da imagem, tateando o conhecimento e elaborando conceitos com expressões como “se esta análise estiver correta” (Halbwachs, 1990, p. 36).

Particularizo a *matrioska* russa como um possível símbolo da lembrança da criança e da lembrança de adulto ocorrendo ao mesmo tempo, ao que Halbwachs (1990, p. 44) vai estabelecer como os primeiros passos para um teoria e conceito sobre a memória na forte expressão “a suposição que desenvolvemos” quanto à memória que primeiramente vem o coletivo em detrimento do individual como eco memorial e como como ideologia pessoal em estado complexo da memória e de outros como doadores de memória numa contraposição entre os conteúdos do espírito e as atividades mentais ‘mecânicas’ (Halbwachs, 1990, p. 51).

Em sua continuidade de vida como Prepósito Geral jubilado, Kolvenbach elege voltar ao Líbano e morar em Beirute – cidade que o acolheu como professor, linguista e missionário nos primeiros anos de sua vida na Companhia –, assumindo o serviço de ajudante do bibliotecário da comunidade religiosa em que já havia morado como estudante jesuíta. Por oito anos durou essa sua etapa de vida, vindo a falecer em 2016. Mesmo tendo a prerrogativa de ser enterrado junto aos demais Prepósitos Gerais nas Igrejas do Gesù ou de Santo Inácio em Roma, Peter-Hans declarou querer ser enterrado ali onde estava residindo e seu túmulo encontra-se em uma Igreja da Companhia em Beirute.

Ainda algumas peculiaridades sobre o fim da vida de Kolvenbach é que ele como Prepósito Geral da Companhia continuou tomando para si o Rito Armênio e não o Rito Romano como forma celebrativo-eclesial. Ele foi também um Geral que morreu e foi enterrado fora de Roma<sup>82</sup>:

The mass was presided over by the Jesuit provincial of the Near East and Maghreb Province, Father Dany Younès in the Latin Rite. Father General Arturo Sosa preached.

At the end of the mass, during the final commendation, the priests of the Armenian Rite conducted prayers and chants. Father Kolvenbach belonged to the Armenian Rite.

Father Kolvenbach was the first Superior General of the Jesuits to belong to one of the Eastern Rites in the Catholic Church. He is also the first Superior General to die and to be buried outside Rome. The Scouts Group from the Jesuit Notre Dame de Jamhour school provided a guard of honour at the beginning and at the end of the mass. The school choir led the singing. (Companhia de Jesus, 2017, s/p.).

Em vida, Kolvenbach estabeleceu pontes entre religiões e cenários político-sociais adversos e tal reflexo de sua vida se deu com a variegada presença de representações institucionais presentes em seu funeral:

Among those present at the funeral were the Maronite Patriarch Cardinal Bechara Boutros Rai, the Armenian Catholic Patriarch Gregorios Bedros XX Ghabroyan, the Apostolic Nuncio Mgr Gabriele Caccia, the Latin Vicar Mgr Cesar Essayan, and a number of bishops from the different eastern rites (both catholic and orthodox). There was an official delegation from the Lebanese President's office, which included ministers. Also present were members of the diplomatic corps representing different countries in Lebanon. (Companhia de Jesus, 2017. s/p.).

---

<sup>82</sup> Sobre os funerais de Kolvenbach, ver: <https://jesuits.eu/news/225-beirut-adiou-peter-hans-kolvenbach>. Acesso em: 22 set. 2020.

O primeiro memorial que levou seu nome foi sua própria lápide, uma pedra com uma placa em metal, marcando o local de seu sepultamento nas proximidades da igreja levada pela Companhia em Beirute:

**Fotografia 9** – Lápide de Peter-Hans Kolvenbach.



**Fonte:** <https://www.jesuits.global/es/2019/04/05/la-primera-parada-del-padre-general-en-el-libano/> (2020).

Ato contínuo, quando a morte de Kolvenbach, algo como uma memória coletiva se foi perfazendo, por exemplo, quando da modernização da Biblioteca da Cúria Generalícia dos Jesuítas em Roma, em novembro de 2017, cujo nome escolhido para rebatizá-la foi o de Peter-Hans Kolvenbach. No site oficial da Biblioteca é assim descrita a sua missão:

The Peter-Hans Kolvenbach Library, located in the General Curia building since its creation in 1928, consists of about 258,000 volumes divided into four sections: 1. Works written by the Jesuits on a wide variety of topics; 2. Works written by Jesuits and non-Jesuits on the history and other aspects of the Society of Jesus; 3. Valuable rare-book collections from the Society's earlier days, such as: Bellarmine, Farm Street, Polemics, Missions, Francheville, Marian Congregations, Xavier; 4. A large selection of national and international magazines; there are over 1000 titles, between open and closed.

Since the end of 2017, after its renovation, the library has opened as a high-quality institution for scholars interested in the history, spirituality and social apostolate of the Society of Jesus. Its main aim is the preservation and good use of its bibliographic heritage, to make it available to Jesuit scholars and users in general. For this reason, it's today able to offer a reliable environments and human qualities of the people who work with deep Ignatian spirituality. (Companhia de Jesus, 2017a. s/p.).

Nesta mesma ocasião, novembro de 2017, também se inaugurou o Memorial virtual sobre Pe. Peter-Hans Kolvenbach com vida, testemunhos e arquivos acerca de Kolvenbach, disponíveis em Espanhol, Francês e Inglês, conforme está apresentado no frontispício da sua página web<sup>83</sup> e é demonstrado na fotografia a seguir:

---

<sup>83</sup> Sobre o portal virtual do Memorial Peter-Hans Kolvenbach, ver: <https://kolvenbach.jesuitgeneral.org/es/>. Acesso em: 06 set. 2020.

Fotografia 10 – Memorial Peter-Hans Kolvenbach.



Fonte: Recorte elaborado pelo autor.

O Espaço Kolvenbach, SJ<sup>84</sup> – parte integrante do Colégio Loyola da Rede Jesuíta de Educação no Brasil –, inaugurado em maio de 2018, é assim descrito pelo então Diretor Geral da Obra, o Prof. Juliano Oliveira

o Espaço Pe. Kolvenbach SJ é a antiga residência dos padres jesuítas do Colégio Loyola e foi adaptado para se tornar um espaço de aprendizagem. Em sua fala, enfatizou algo próprio da espiritualidade inaciana: “o meio pode ser muito potente se soubermos utilizá-lo”. De acordo com o diretor, “o espaço, em si, não garante

<sup>84</sup> Sobre Espaço Kolvenbach SJ, ver: <https://www.loyola.g12.br/loyola-entrega-novo-espaco-de-aprendizagem-comunidade-escolar/>. Acesso em: 06 set. 2020.

nada. Ele terá sentido na medida em que nos valermos dele para novas relações, para implementação de novas metodologias, para a implementação de um novo currículo e caminharmos efetivamente para a renovação do apostolado educativo”. Na sequência, foi descerrada a placa inaugural, pelas mãos dos diretores acadêmico e administrativo, Roberto Tristão e Marco Araújo, e o novo espaço recebeu a bênção pelas mãos do diretor de Formação Cristã, Pe. Álvaro Pereira. (Companhia de Jesus, 2017a. s/p.).

Como registro histórico, foi elaborada uma placa alusiva ao espaço com informações acerca da homenagem a Peter-Hans Kolvenbach:

**Fotografia 11** – Placa Espaço Pe. Kolvenbach, SJ.



Fonte: [loyola.g12.br](http://loyola.g12.br) (2020).